

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PÉ NA ESTRADA E CELULAR NA MÃO:

Análise de narrativas de jovens viajantes
brasileiras no *Facebook* (2016)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

ANDRÉA BRAGA SANTIAGO DE SÁ

SÃO PAULO
2018

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PÉ NA ESTRADA E CELULAR NA MÃO:

Análise de narrativas de jovens viajantes
brasileiras no *Facebook* (2016)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Bárbara Heller

ANDRÉA BRAGA SANTIAGO DE SÁ

SÃO PAULO
2018

Sá, Andréa Braga Santiago de.

Pé na estrada e celular na mão: análise de narrativas de jovens mulheres brasileiras no *Facebook* (2016) / Andréa Braga Santiago de Sá. - 2018.

149 f.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de Concentração: Comunicação.

Orientador: Prof.^a Dra. Bárbara Heller.

1. *Fanpages*. 2. Empoderamento feminino 3. Análise do discurso. 4. Categorias de viagem. I. Heller, Bárbara (orientador). II. Título.

ANDRÉA BRAGA SANTIAGO DE SÁ

PÉ NA ESTRADA E CELULAR NA MÃO:

Análise de narrativas de jovens viajantes
brasileiras no *Facebook* (2016)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista – UNIP, para
obtenção do título de Mestre em
Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____

Professora (Orientadora) Dra. Bárbara Heller

Universidade Paulista – UNIP

_____/_____/_____

Professora Dra. Simone Luci Pereira

Universidade Paulista - UNIP

_____/_____/_____

Professora Dra. Priscila Ferreira Perazzo

Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral reconhecer traços de empoderamento feminino e construção de si em diários virtuais disponíveis no suporte midiático *Facebook*¹, tendo como *corpus* primário *fanpages* de quatro viajantes brasileiras ao longo dos seis primeiros meses do ano de 2016. Para alcançar tal objetivo, foi necessário: a) considerar o suporte midiático *Facebook* como plataforma para publicação de narrativas de memória e produção de discurso empoderador; b) considerar que a modalidade de viagem adotada pelas viajantes difere das demais e que contribui para o processo de empoderamento das jovens. A metodologia adotada é a Análise do Discurso, proposta por Bakhtin, com as seguintes categorias: enunciado, discurso, sentido (tema), significação, dialogismo, texto multivocal, heteroglossia, forças centrífugas e centrípetas e o gênero do discurso “diário de viagem” (BAKHTIN, 1997, 1998, 2002; VOLÓCHINOV, 1929). Também consideramos os seguintes conceitos teóricos: identidade (FREIRE FILHO, 2010), construção de si; empoderamento feminino (TOURAINÉ, 2007); tipos de turismo (FERRARA, 1999; FALCÃO, 2015, 2016; SONTAG, 2003) e narrativas de memórias (HALBWACHS, 1990; CANAVILHAS, 2004). Concluímos que, embora as viajantes se reconheçam como mochileiras, são consumidoras de experiências que subvertem algumas lógicas do mercado, sendo possível perceber traços de empoderamento, construção de si, tensão entre forças centrífugas e centrípetas em suas manifestações discursivas e, finalmente, que suas postagens podem ser consideradas narrativas de memória.

Palavras-chave: *fanpages*; empoderamento feminino; análise do discurso; memória, categorias de viagem.

¹ Em sua página oficial, a missão do *Facebook* é definida da seguinte forma: dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo. Conforme <<https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/>>; acesso em: 12 fev. 2018.

ABSTRACT

This work has the general objective to recognize traces of feminine empowerment and self-construction in virtual diaries available in the media Facebook, having as primary corpus fanpages of four Brazilian travelers during the first six months of the year 2016. To achieve this goal was necessary: a) consider Facebook media support as a platform for publishing memory narratives and producing empowering speech; b) to consider that the mode of travel adopted by the travelers differs from those of the others and that contributes to the process of empowerment of the young women. The methodology adopted is Bakhtin's Discourse Analysis, with the following categories: utterance, discourse, meaning (theme), meaning, dialogism, multivocal text, heteroglossia, centrifugal and centripetal forces, and the genre of "travel diary" (BAKHTIN, 1997, 1998, 2002; VOLÓCHINOV, 1929). We also consider the following theoretical concepts: identity (FREIRE FILHO, 2010), self-construction; women's empowerment (TOURAINÉ, 2007); types of tourism (FERRARA, 1999; FALCÃO, 2015, 2016; SONTAG, 2003) and memories narratives (HALBWACHS, 1990; CANAVILHAS, 2004). We conclude that, although travelers recognize themselves as backpackers, they are consumers of experiences that subvert some logics of the market; there being traces of empowerment, self-construction, tension between centrifugal and centripetal forces in their discursive manifestations, and finally that their posts can be memory narratives.

Keywords: fanpages; female empowerment; speech analysis; memory, travel categories.

AGRADECIMENTOS

Mulheres fortes e determinadas foram, e são essenciais, em minha vida, e contribuíram para que eu buscasse o caminho da educação formal: minha mãe, Jusciara, minha avó materna Antonieta e minha irmã, Valéria.

Também foi uma mulher a orientadora desta dissertação, Bárbara Heller, que, pacientemente, auxiliou-me durante o período de elaboração deste trabalho.

Agradeço também às duas mulheres que aceitaram participar da minha banca: Simone Lucci e Priscila Perazzo. Quero que saibam que o olhar que vocês deram ao meu trabalho, na etapa da qualificação, foi fundamental para eu amadurecer minha pesquisa.

Também preciso agradecer às “minhas meninas”, como carinhosamente chamo as quatro viajantes que pesquisei. Agradeço a elas por estimularem mais mulheres a “ganharem” o mundo e por permitir que eu as observasse, cientificamente.

Longe fisicamente, mas sempre presente, o meu companheiro de vida, Daniel Rosar. O homem mais incrível que conheço. Agradeço por todo o incentivo.

Também longe geograficamente, em Roraima, minha melhor amiga, Gersika, aquela amiga que nunca se negou a revisar um texto, a tirar uma dúvida, a segurar a mão quando eu precisei.

Ao meu pai, Antônio, quero agradecer o fato de ele ser uma das poucas pessoas que respeita a minha vontade de “voar pelo mundo”, viajando sozinha. Obrigada, pai, por não querer cortar as minhas asas.

Por fim, agradeço, principalmente, à Universidade Federal de Roraima, onde trabalho. Nesta instituição, tive a oportunidade de cursar a graduação em Jornalismo e, também, tive autorizada a minha vinda a São Paulo para cursar o mestrado. Muito obrigada!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo “diário de viagem” na <i>fanpage</i> da Viajante 2, acessado em 10/09/2017	37
Figura 2 - Postagem em que a Viajante 1 atualiza impressões e interpreta o passado.....	43
Figura 3 - Postagem na qual a Viajante 1 apresenta um detalhe do seu cotidiano no mesmo momento em que ele ocorre.....	47
Figura 4 - <i>Post</i> no qual a Viajante 3 relata como uma experiência passada ainda faz sentido em sua vida atual.....	48
Figura 5 - Postagem na qual a Viajante 1 reforça o pedido de auxílio financeiro para compra de uma passagem aérea para o México.....	50
Figura 6 - Reprodução parcial de notícia sobre Turismo de experiência, publicada pela edição online do jornal Folha de São Paulo	56
Figura 7 - Viajante 3 deixa ao acaso os principais aspectos de suas viagens..	58
Figura 8 - Postagem em que a Viajante 1 fala sobre a dificuldade em lidar com as saudades de casa e da estrada.....	72
Figura 9 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 1	74
Figura 10 - Papel de parede da página virtual da Viajante 1.....	74
Figura 11 - Postagem em que a Viajante 1 comemora um ano de viagem em bicicleta.....	75
Figura 12 - Postagem em que a Viajante 2 apresenta os locais que visita	78
Figura 13 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 2	80

Figura 14 - Papel de parede utilizado pela Viajante 2	81
Figura 15 - Reprodução parcial da postagem em que a Viajante 2 explica o encerramento da sua fanpage	82
Figura 16 - Exemplo de texto motivacional postado pela Viajante 3	84
Figura 17 - Viajante 3 relata parte da sua história de vida aos seguidores de sua <i>fanpage</i>	86
Figura 18 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 3	87
Figura 19 - Papel de parede utilizado pela Viajante 3	87
Figura 20 - Postagem em que a viajante 3 explica sua forma de viagem e informa dados telefônicos e virtuais	88
Figura 21 - Cabo San Lucas, México, em foto de postagem realizada pela Viajante 4	90
Figura 22 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 4	92
Figura 23 - Papel de parede utilizado pela Viajante 4	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição de dados seleccionados da Viajante 1	28
Quadro 2 - Descrição de dados seleccionados da Viajante 2	29
Quadro 3 - Descrição de dados seleccionados da Viajante 3	30
Quadro 4 - Descrição de dados seleccionados da Viajante 4	31
Quadro 5 - Quadro-síntese de análise e discussão de dados.....	32
Quadro 6 - Análise do Diário de Viagem da Viajante 2 (2 de julho de 2017)	38
Quadro 7 - Linha do tempo – Viajante 1	97
Quadro 8 - Postagem da Viajante 1 – 23/03/2016.....	98
Quadro 9 - Postagem da Viajante 1 - 18/05/2016	100
Quadro 10 - Postagem da Viajante 1 – 11/03/2016.....	102
Quadro 11 - Postagem da Viajante 1 – 21/04/2016.....	105
Quadro 12 - Linha do tempo – Viajante 2	107
Quadro 13 - Postagem da Viajante 2 – 02/04/2016.....	108
Quadro 14 - Postagem da Viajante 2 – 11/06/2016.....	109
Quadro 15 - Postagem da Viajante 2 – 13/04/2016.....	110
Quadro 16 - Postagem da Viajante 2 – 01/05/2016.....	111
Quadro 17 - Postagem da Viajante 2 – 08/04/2016.....	113
Quadro 18 - Linha do tempo – Viajante 3.....	115

Quadro 19 - Postagem da Viajante 3 – 08/04/2016.....	116
Quadro 20 - Postagem da Viajante 3 – 08/04/2017.....	118
Quadro 21 - Postagem da Viajante 3 – 28/03/2016.....	120
Quadro 22 - Postagem da Viajante 3 – 07/01/2016.....	122
Quadro 23 - Linha do tempo – Viajante 4	125
Quadro 24 - Postagem da Viajante 4 – 20/04/2016.....	126
Quadro 25 - Postagem da Viajante 4 – 15/04/2016.....	128
Quadro 26 - Postagem da Viajante 4 – 20/04/2017.....	129
Quadro 27 - Postagem da Viajante 4 – 07/02/2016.....	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Amazonas
EUA	Estados Unidos da América
MASP	Museu de Arte de São Paulo
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
MTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PE	Pernambuco
RJ	Rio de Janeiro
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIP	Universidade Paulista

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
AGRADECIMENTOS.....	7
LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE QUADROS.....	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	12
SUMÁRIO	14
1 INTRODUÇÃO - “VAI SOZINHA”?	15
2 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	21
2.1 Escolha da metodologia	21
2.2 Detalhamento da viagem exploratória.....	22
2.3 Análise do discurso	24
2.4 Seleção das páginas para análise	26
2.5 Definição das categorias para discussão teórica	27
2.6 Conceitos da análise do discurso selecionados para a análise do objeto	32
2.6.1 Enunciado, escolhas lexicais, discurso, tema e significação	33
2.6.2 Dialogismo, texto multivocal e heteroglossia	35
2.6.3 Gênero Diário	36

3	“É NAS NUVENS QUE ELAS DEPOSITAM AS SUAS MEMÓRIAS”: FACEBOOK E SUAS FANPAGES.....	39
3.1	Elas viajam e escrevem: as razões da escrita	39
3.2	Narrativas de memórias e rastros digitais	42
3.3	Consumo de narrativas de memória	46
4	CATEGORIAS DE VIAGEM E JOVENS MULHERES VIAJANTES: EMPODERAMENTO FEMININO E CONSTRUÇÃO DE SI.....	51
4.1	Breve histórico do turismo: deslocamentos históricos, turismo convencional, backpacker	51
4.2	Mercantilizando sensações: turismo de experiência.....	55
4.3	Turistas ou mochileiras: um debate sobre identidade	60
4.4	Mulheres jovens viajando “sozinhas”: empoderamento feminino e construção de si.....	67
5	CONSTRUÇÃO DE SI: AS VIAJANTES E A IDENTIDADE QUE CONSTROEM EM SUAS PÁGINAS VIRTUAIS	71
5.1	Viajante 1	71
5.1.1	Assuntos abordados.....	71
5.1.2	Descrição da página	73
5.1.3	Informações pessoais.....	76
5.2	Viajante 2	77
5.2.1	Assuntos abordados	77
5.2.2	Descrição da página	79

5.2.3	Informações pessoais.....	82
5.3	Viajante 3	83
5.3.1	Assuntos abordados	83
5.3.2	Descrição da página	85
5.3.3	Informações pessoais.....	89
5.4	Viajante 4	89
5.4.1	Assuntos abordados	90
5.4.2	Descrição da página	91
5.4.3	Informações pessoais.....	94
5.5	O que nos dizem as quatro fanpages?.....	94
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	96
6.1	Viajante 1	96
6.1.1	Turista ou mochileira	98
6.1.2	Empoderamento feminino e construção de si.....	102
6.1.3	Diário de viagem como narrativa de memória	104
6.2	Viajante 2	106
6.2.1	Turista ou mochileira	108
6.2.2	Empoderamento e construção de si	110
6.2.3	Diário de viagem como narrativa de memória	112
6.3	Viajante 3	115

6.3.1	Turista ou mochileira	116
6.3.2	Empoderamento e construção de si	119
6.3.3	Diário de viagem como narrativa de memória	121
6.4	Viajante 4	124
6.4.1	Turista ou mochileira	126
6.4.2	Empoderamento e construção de si	129
6.4.3	Diário de viagem como narrativa de memória	130
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS.....	137
	ANEXO A - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 1 (NETVIZZ)	142
	ANEXO B - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 2 (NETVIZZ)	143
	ANEXO C - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 3 (NETVIZZ)	144
	ANEXO D - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 4 (NETVIZZ)	145
	ANEXO E - CARTA EM HOMENAGEM ÀS JOVENS VIAJANTES ASSASSINADAS EM MONTANITA (EQUADOR) - VERSÃO EM ESPANHOL	146
	ANEXO F - CARTA EM HOMENAGEM ÀS JOVENS VIAJANTES ASSASSINADAS EM MONTANITA (EQUADOR) - VERSÃO EM PORTUGUÊS.....	148

1 INTRODUÇÃO - “VAI SOZINHA”?

Março de 2016. Montanita (balneário equatoriano). Duas jovens viajantes são assassinadas. Veículos de comunicação nacionais e internacionais noticiaram o crime, dando ênfase ao fato de as jovens estarem “viajando sozinhas”, mesmo estando em dupla (leia-se, portanto, não acompanhadas de homens). Na época, a vice-ministra de Turismo do Equador, Maria Cristina Rivadeneira, afirmou em discurso oficial que a morte das meninas “iria ocorrer mais cedo ou mais tarde, pois viajavam de carona e procuravam festas”, conforme matéria divulgada, pela Folha Online, em 10 de março de 2016 (DYNIEWICZ, 2016): a representante política foi exonerada do cargo após emitir uma declaração que culpabilizava as vítimas.

O caso repercutiu nas redes sociais por meio da circulação de uma carta intitulada “*Ayer me mataron*” (Ontem me mataram), na qual a jovem paraguaia, Guadalupe Acosta, sensibilizada com a morte das viajantes, escrevia pelo direito de as mulheres viajarem sozinhas (EL PAÍS, 2016)².

Como veremos ao longo do trabalho, mulheres que viajam sozinhas ainda causam uma série de reações, tais como estranhamento, desaprovação e, eventualmente, admiração por algo que deveria ser considerado trivial. A alegação principal é quanto ao risco que o gênero feminino corre ao ir para a estrada desacompanhada de um ou mais homens.

Para ilustrar esta afirmação, trazemos relatos da experiência de vida da pesquisadora enquanto viajante. Em uma delas, na América do Sul, de junho a julho de 2016, ela ouviu de várias pessoas (homens e mulheres) perguntas como: “cadê o seu marido?” “Por qual razão está sozinha?”, além de afirmações como “és valente! Eu não faria o mesmo”.

² A carta, antes pública, passou a ser privada no perfil do *Facebook* da jovem. Alguns veículos de comunicação reproduziram o texto, que pode ser acessado, por exemplo, no endereço <https://verne.elpais.com/verne/2016/03/02/articulo/1456911848_192026.html>, e nos ANEXOS E e F desta dissertação.

Recorremos a Bourdieu para entender como se formou o discurso que, aparentemente, busca impedir que as mulheres exerçam seu pleno direito de ir e vir. Na obra *Dominação masculina* (1999), o autor analisa comportamentos e linguagem de homens e mulheres da sociedade Cabila, na Argélia, na década de 1950. O autor, a partir desse estudo de campo, elaborou conceitos que até hoje auxiliam na compreensão sobre as diferenças entre gêneros, também quando o assunto é viajar.

Para Bourdieu (1999), a dominação masculina manifesta-se por meio de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, com base em uma divisão sexual do trabalho. As mulheres são submetidas a um processo de socialização que conduz à abnegação, à resignação e à submissão. Ou seja, negar espaço é negar poder. A sociedade ocidental, caso “permitisse” que mulheres viajassem sozinhas, estaria lhes conferindo autonomia e mais questionamento dos papéis socialmente impostos.

Apenas um percentual pequeno da população total feminina viaja: 17,8%, segundo estudo realizado pela “Sondagem do Consumidor: intenção de viagem”, divulgada pelo Ministério do Turismo em 08 de março de 2017³ (BRASIL, 2017).

A este trabalho interessa analisar justamente as mulheres que fogem desta estatística e viajam sozinhas. Ao assim viajarem, as jovens investigadas nesta pesquisa rompem outras barreiras impostas e que são aceitas, em geral, pela maioria das mulheres: utilizam carona (inclusive em transportes conduzidos por homens), hospedam-se na casa de desconhecidos, dentre outras ações consideradas não convencionais.

Outro aspecto que nos desperta a atenção em relação às jovens estudadas é a utilização do *Facebook* como suporte para suas narrativas de memória. Neste espaço, elas interagem com os seguidores das páginas, dando dicas de viagem, contando histórias e, muitas vezes, obtendo hospedagem gratuita e outros benefícios.

³ BRASIL. **MTur**. Pesquisa aponta que 17,8% das mulheres brasileiras preferem viajar sozinhas. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2017/03/pesquisa-aponta-que-17-8-das-mulheres-brasileiras-preferem-viajar-sozinhas>>. Acesso: 04 set. 2017.

Preliminarmente, acreditamos que, pelas razões apresentadas, as mulheres pesquisadas reúnem características que possibilitam o reconhecimento da construção de si e do empoderamento *feminino*. Segundo o Glossário da Universidade de Valência empoderamento é

termo cunhado na IV Conferência Mundial das Mulheres de Beijing (Pequim) em 1995, para se referir ao aumento da participação das mulheres na tomada de decisões e acesso ao poder. Atualmente, esta expressão considera outra dimensão: a tomada de consciência do poder que, individual ou coletivamente, ostentam as mulheres e que tem a ver com a recuperação de sua própria dignidade como pessoas (UNIVERSIDADE DE VALÊNCIA, 2017, p. 4, tradução nossa).

O panorama apresentado ensejou algumas perguntas de pesquisa: como podem ser categorizadas as viajantes a partir das suas postagens? No que elas se distinguem dos demais viajantes? Existem traços de empoderamento nas páginas pesquisadas? Quais? Quais características as narrativas de memória apresentam ao serem inseridas no suporte midiático *Facebook*?

O objetivo geral deste trabalho é reconhecer traços de empoderamento feminino e construção de si no discurso da narrativa de memória sobre viagem nas *fanpages*.

Para isso, foi necessário desenvolver os seguintes objetivos específicos: a) analisar as características do suporte midiático em que elas escrevem seus diários de viagem; b) verificar a construção discursiva dessas narrativas como narrativas de memória; e c) perceber como se dá a construção da identidade das jovens viajantes: são elas consumidoras de experiências, mochileiras ou turistas?

Como *corpus* desta investigação, selecionamos viajantes do sexo feminino que escrevem diários de viagem no *Facebook*. As seguintes páginas foram selecionadas como *corpus* primário desta investigação: Página 1 (Viajante 1), Página 2 (Viajante 2), Página 3 (Viajante 3) e Página 4 (Viajante 4).⁴ Os nomes e as fotos das jovens não serão divulgados neste trabalho, obedecendo a uma orientação

⁴ Para selecionar as quatro páginas, adotamos os seguintes critérios: grande número de seguidores (acima de 4.000), atualização constante e interações dos seguidores (presença de comentários na maioria das postagens) e produção realizada pelas próprias jovens.

do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Paulista. Por este motivo, as fotos utilizadas nas postagens foram borradas e não integraram o material de análise.

Os *posts* a serem analisados foram disponibilizados nas páginas das viajantes no período que compreende de 1º de janeiro a 31 de junho de 2016, totalizando seis meses, o que corresponde a 1.011 postagens, conforme relatório emitido pelo aplicativo *Netvizz*⁵ no dia 10 de agosto de 2017 (ANEXO A).

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações foram encontrados mais de 430 documentos sobre o assunto feminismo com base em diferentes aportes teóricos (BDTD, 2017). Também há pesquisas sobre jovens em suportes midiáticos da internet, como apresentamos a seguir.

Canuto (2013), em sua dissertação em Psicologia na UFMG, investigou como tem se configurado a produção de um “sujeito” do feminismo com o advento da *internet*, por meio da análise do *blog* “Blogueiras Feministas”, tomando como ponto de partida as contribuições das teóricas feministas: Simone de Beauvoir, Bellhooks, Monique Wittig e Judith Butler.

Henriques (2014), em sua tese em Memória Social na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), analisou as relações entre memória e *internet*, tendo como foco principal a discussão sobre como os jovens de 15 a 25 anos lidam com as questões de lembrança e esquecimento na rede mundial de computadores, a partir de análise de conteúdo postado num grupo do *Facebook*.

A presente pesquisa, desenvolvida no Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), traz como objeto de reflexão quatro *fanpages* de mulheres viajantes entre 25 e 30 anos, aproximadamente. Tal *corpus* ainda não foi analisado como narrativas de memória nas redes sociais, o que o torna pioneiro nos estudos da Comunicação.

⁵ O *Netvizz* é uma ferramenta desenvolvida no contexto do DMI Digital Methods Initiative, por Bernard Rieder. Sua função é coletar diferentes tipos de dados do *Facebook*, sobretudo de páginas, grupos e eventos. É possível extrair conteúdo textual das postagens e comentários, bem como dados de “curtidas”, compartilhamentos e reações. Disponível em: <<https://apps.facebook.com/netvizz/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

Nesta pesquisa, as viajantes são sujeitos das ações discursivas, em relações dialógicas e entrelaçadas num determinado discurso. As postagens, compreendidas como gênero “diário de viagem”, foram os enunciados analisados. Com base nestas considerações, justificamos a escolha da Análise do Discurso de Bakhtin (1997) como metodologia.

Em seus estudos, conceitos como “enunciados”, “sujeito”, “dialogismo”, “discurso” e “gêneros do discurso”, entre outros, são centrais. Segundo Brait (2006), as categorias a serem investigadas surgem das relativas regularidades dos dados que são percebidas durante o percurso da pesquisa.

As manifestações discursivas nas *fanpages* de jovens mulheres viajantes brasileiras foram analisadas com base nas seguintes categorias de discussão: “categorias de viagem”, “empoderamento”, “construção de si” e “narrativa de memória” em rede social.

A dissertação está dividida em sete capítulos. O capítulo 2 traz os seguintes tópicos: escolha da metodologia, detalhamento da viagem exploratória, análise do discurso, seleção das páginas para análise, definição das categorias para discussão teórica e a apresentação dos conceitos da análise do discurso selecionados para análise do objeto.

O capítulo 3 apresenta discussões teóricas sobre o suporte midiático em que as viajantes escrevem seus diários de viagem e está organizado em três seções: a razão da escrita; narrativas de memória e rastros digitais e consumo de memórias.

No capítulo 4, as discussões teóricas apresentadas são a base para a análise interpretativa das postagens. Nele, apresentamos, a título de contextualização, um breve histórico sobre o turismo (convencional e *backpacker*), com foco no turismo de experiência.

Também discutimos as divergências teóricas existentes entre autores quanto às categorias “turista” e “mochileira”, o que nos levou a uma reflexão sobre identidade. Por fim, trazemos um debate acerca das jovens mulheres que viajam

sozinhas, empoderamento feminino e o conceito de construção de si, de Alain Touraine (2007).

No capítulo 5, apresentamos a historicidade das viajantes por meio de uma caracterização das viajantes e das suas *fanpages*, assim como a categorização dos assuntos abordados. No capítulo 6, trazemos a análise das páginas virtuais.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 Escolha da metodologia

Esta investigação pretende identificar traços de empoderamento feminino e construção de si nas manifestações discursivas de quatro jovens viajantes em seus diários no Facebook. A metodologia escolhida é a Análise do Discurso, que tem como base teórico-metodológica os estudos de Bakthin (1997), nos quais os conceitos como “enunciados”, “sujeito”, “dialogismo”, “discurso” e “gêneros do discurso” são considerados centrais.

Segundo Brait (2006), o foco bakhtiniano da linguagem considera particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos ao considerar os aspectos extralinguísticos imbricados, não sendo uma análise dialógica em que há categorias *a priori* aplicáveis, de forma mecânica, a textos e discursos. As categorias emergem das relativas regularidades dos dados que são apreendidas no percurso da pesquisa de sua coleta e geração.

Pensar o homem, as culturas, a produção do conhecimento, as particularidades das atividades humanas, o papel da linguagem e das interações sociais na construção dos sentidos, a alteridade como condição de identidade, por exemplo, são algumas das possibilidades oferecidas pelas reflexões bakhtinianas (BRAIT, 2006, p. 48).

Nesta pesquisa, as postagens da *fanpages*, compreendidas como gênero “diário de viagem”, e alguns comentários de seguidores, são os enunciados a serem analisados. Tanto as viajantes quanto seus fãs são os sujeitos das ações discursivas, em relações dialógicas e imbricadas num determinado discurso. Com base nestas considerações, justifica-se a escolha da metodologia.

É importante explicitarmos o desafio de aplicar a metodologia tradicional sobre discurso para investigar um suporte midiático recente como o *Facebook*. No entanto, acreditamos na pertinência entre método e *corpus*, uma vez que essa plataforma digital é constituída por enunciados interativos e dialógicos.

Ressaltamos que a subjetividade também terá seu lugar na dissertação. Afinal, como afirma Frederico Vieira, “repensar as subjetividades e os processos de subjetivação na vida contemporânea é uma necessidade ao campo de estudos da Comunicação” (2015, p. 130), especialmente a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) quando “se atualizam, e também se complexificam, podendo criar interessantes vias de relacionamento e interações intersubjetivas ainda pouco analisadas, num ambiente que se (des)equilibra entre o público e o privado; o individual e o comum; o eu e o nós” (VIEIRA, 2015, p. 131).

A pesquisadora, que antes mesmo do mestrado já se reconhecia como uma viajante, e com o objetivo de familiarizar-se ainda mais com o tema, fez um trabalho de campo realizando viagens durante o período do mestrado ao longo do qual procurou, ao máximo, aproximar-se da realidade das pesquisadas e ter contato com outras mulheres em situação semelhante.

O detalhamento destas viagens (Bolívia, Peru, Equador e Colômbia de junho a julho de 2016 e Itália, Portugal e Espanha, de novembro a dezembro de 2017) será apresentado no tópico 1 deste capítulo e no decorrer da dissertação sempre que houver relação com o tema.

Experiências vivenciadas antes do período de mestrado também serão relatadas. O objetivo é a compreensão do olhar da pesquisadora para o contexto dos enunciados produzidos nos “diários de viagem” nas *fanpages*.

2.2 Detalhamento da viagem exploratória

Segundo Rohling (2014), o estudo na perspectiva da Análise do Discurso leva em consideração a relação dialógica constituída entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, pois os discursos são realizados por sujeitos sócio-historicamente constituídos. Ainda conforme a autora, tal relação não é neutra e nem pré-definida,

pois o pesquisador é permeado por seu horizonte valorativo, em consequência de suas escolhas durante o processo de pesquisa.

Esta pesquisadora, antes do mestrado, fazia parte do conjunto de seguidores das *fanpages* estudadas. O fascínio pelas viagens, por meio da leitura dos diários de viagem, foi importante para a escolha do objeto e, também, para o seu olhar na análise dos dados.

O “mundo” das viagens pode ser considerado relativamente recente para esta pesquisadora, considerando sua origem familiar humilde e conservadora. Até cinco anos atrás, a conquista do diploma e a aprovação em um concurso público eram as únicas metas possíveis. Após alcançar estes objetivos, viajar tornou-se um de seus ideais de vida.

Neste momento, esta pesquisadora começou a acompanhar as *fanpages* de mulheres que viajavam desacompanhadas de homens. Até então, para a investigadora, viajar desta forma era uma grande loucura e motivo para sentir medo.

Os receios foram enfrentados e, gradativamente, foi realizada a transição da mala de rodinhas para a mochila nas costas; do salto alto ao tênis ou bota; do roteiro fechado ao não planejado.

Ao iniciar o mestrado, já conhecendo as *fanpages* e realizando algumas pequenas viagens sozinha, e contando com a vantagem de ter uma orientadora que estudava gênero, foi plantada a “primeira semente” para a viagem solo. No entanto, foi a morte das viajantes em Montanita (balneário equatoriano) que impulsionou a decisão de estudar o tema.

Para a imersão no assunto, foi realizada uma viagem “sozinha” durante trinta dias (de 1 a 30 de junho de 2016), com pouco dinheiro (50 reais por dia para todas as despesas), por uma longa distância, feita toda em ônibus, de Corumbá (Brasil; fronteira com a Bolívia) à Bogotá (capital da Colômbia).

Sabendo dos perigos da estrada, o vestiário escolhido privilegiou a simplicidade: roupas sem qualquer sofisticação, sem adereços ou maquiagem, e

cabelo preso. A estrada, por si, parece proporcionar isto; não há muito tempo para dedicar-se à beleza, pois o desejo maior é viver as experiências dos locais.

As experiências e pessoas no caminho mudaram a percepção desta pesquisadora sobre o mundo. Shirli⁶ (argentina), Daniella (uruguaia) e tantas outras mulheres resolveram sair do caminho pré-estabelecido e foram para a estrada. Shirli ajudou esta pesquisadora quando de problemas com a altura, rumo a Machupichu (Peru), e também a encorajou na caminhada de duas horas, da hidrelétrica até Águas Callientes (rota alternativa para chegada no famoso ponto turístico). Daniella confiou emprestar dinheiro para uma, até então, desconhecida, quando, por imprevistos de viagem, não foi possível fazê-lo em casas de câmbio. Identificamos neste momento a aderência entre o que era narrado nas *fanpages* e o que acontecia na realidade.

Perceber e fazer relação entre os acontecimentos das *fanpages* e esta viagem exploratória são exemplos de como estas experiências podem agir para a transformação e constituição de subjetividades e empoderamento desta pesquisadora e de todos que se envolvem direta ou indiretamente com a pesquisa.

2.3 Análise do discurso

Conforme dito anteriormente, esta pesquisa tem como perspectiva teórico-metodológica a Análise do Discurso. Esta perspectiva não pode ser considerada um modelo rígido de pesquisa (AMORIM, 2004, p. 16), mas sim um modo de análise que tem como parâmetros as discussões de Bakhtin que podem orientar as análises de produções discursivas contemporâneas.

Segundo o autor, as discussões realizadas por Bakhtin (1997) que podem ser parâmetro para a análise de produções discursivas são: estudo da esfera de

⁶ Optamos por não informar o sobrenome das viajantes para preservar suas identidades.

atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco; a descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva; o estudo da relação espaço-tempo dos enunciados; o estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados; e a análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos, contradições, apagamentos e reconstrução de sentidos (temas) e significação.

Brait (2006) apresenta a seguinte discussão sobre a Análise do Discurso:

sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que o fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas (BRAIT, 2006, p. 10).

Em outras palavras, a Análise do Discurso não é um método fechado e rígido de aplicação e validação de teorias, mas um modo de olhar para linguagem em seus aspectos social, culturais, históricos e políticos pela materialidade dos diferentes discursos. Deste modo, as categorias emergem dos dados da pesquisa em seu percurso e não podem ser aplicar a outras, visto que o discurso é único, proferido num determinado espaço e tempo e por determinados interlocutores (ROHLING, 2014). No caso desta pesquisa, entendemos que as viajantes interagem por meio de suas fanpages do Facebook com seus fãs, apresentando seus diários de viagem, em circunstâncias únicas, num determinado espaço-tempo.

No entanto, mesmo que cada situação enunciativa seja única, na Análise do Discurso, o pesquisador precisa buscar certa regularidade, por meio de um olhar singular para o dado. Segundo Ponzio (2010),

resulta óbvio que o conhecimento deva ser necessariamente conhecimento do geral, procedendo por conceitos, por classificações, por montagem, sobre a base de conjuntos, de gêneros, nos quais o singular, de um modo ou de outro, reaparece sob a forma de indivíduo identificado pelo pertencimento a este ou àquele conjunto (PONZIO, 2010, p. 16).

Ou seja, esta metodologia estabelece relações gerais e singulares com, e entre, as diferentes categorias presentes nos dados. Por isso, podemos discutir

categorias mais gerais como gênero do discurso “diário de viagem” e relações dialógicas entre as viajantes e seus fãs, mediadas pela linguagem e, também, o discurso materializado pelos enunciados e as escolhas lexicais, neste processo enunciativo.

2.4 Seleção das páginas para análise

Para selecionar as quatro páginas analisadas nesta dissertação, adotamos os seguintes critérios: grande número de pessoas que curtem as páginas (acima de 4.000), atualização constante e interações dos seguidores (presença de comentários na maioria das postagens) e serem produzidas por jovens⁷.

A página 1 é apresentada pela Viajante 1 da seguinte forma: “acompanhe o dia a dia de uma menina do interior do MS (Mato Grosso do Sul) que resolveu viver a vida de uma maneira diferente: viajando de carona/*bike* e trabalhando pelo caminho”. Até o dia 30 de janeiro de 2018, às 9h31 da manhã, a *fanpage* contava com 44.822 seguidores. Não há informação da data do início da *fanpage*.

A página 2, criada em maio de 2013, é assim apresentada pela Viajante 2: “histórias que inspiram. Viagens que cabem no seu bolso”. Consultada no mesmo horário que a primeira página, a *fanpage* tinha 14.285 seguidores.

A página 3 pertence a uma jovem que assim se apresenta: “diário da xxxxxx⁸ que atravessa o Brasil de carona, contando histórias com R\$ 1,60 no bolso rs, fazendo amigos e se divertindo intensamente”. A *fanpage* contabilizava, até o momento da consulta, 30 de janeiro de 2018, às 9h35 da manhã, 5.636 fãs.

⁷ A discussão sobre o conceito de juventude é retomado no Capítulo 3, item 3.4: “Mulheres jovens viajando ‘sozinhas’: empoderamento feminino e construção de si”.

⁸ Como explicamos na Introdução, não mencionamos os nomes das autoras das *fanpages* para atender às recomendações da Comissão de Ética da Universidade Paulista (UNIP).

Por fim, a última página selecionada para a pesquisa, a qual intitulamos Página 4, é assim apresentada: “carimbando o passaporte e colecionando boas memórias sempre que possível. Vem comigo!”. A *fanpage*, até o momento da consulta, 30 de janeiro de 2018, às 9h35 da manhã, tinha 25.238 fãs.

No capítulo 5 desta dissertação, apresentaremos um detalhamento acerca das páginas pesquisadas, assim como das vidas pessoais das viajantes.

2.5 Definição das categorias para discussão teórica

Nesta pesquisa, são analisadas as postagens no *Facebook* de quatro viajantes brasileiras, no período de janeiro a junho de 2016.

Para definirmos as categorias para discussão teórica, observamos as postagens que apresentavam grande número de interações em três momentos: janeiro (início do período da pesquisa), março (meio da análise) e final de junho (final do período do recorte temporal estipulado). Quando não foram identificadas postagens dentro do recorte de tempo estabelecido, buscamos os *posts* dos meses subsequentes.

A seleção, apresentada na tabela abaixo, além de observação manual *post a post*, foi realizada por meio do aplicativo *Netvizz*. Os resultados foram transferidos para uma planilha Excel, depois de filtradas as seguintes palavras-chaves “mulher”, “coragem”, “lembro”, “mochileira”, “homens”, dentre outras.

Acreditamos que, por meio delas, abarcamos as palavras-chave e as categorias de discussão da pesquisa: “mulher”, “coragem” e “homem” → empoderamento feminino; “lembro” → memória; “mochileira” → categoria de viagem.

É importante lembrar que tais categorias de discussão não são fixas e poderiam ser classificadas de diferentes maneiras. No entanto, optamos por

destacar as informações predominantes em cada uma das passagens, uma vez que a subjetividade do pesquisador também é parte integrante do método.

Quadro 1 - Descrição de dados selecionados da Viajante 1

Viajante 1					
Data	Descrição da postagem	Categoria de discussão	Comentários (nº)	Compartilhamento (nº)	Curtidas (nº)
11.03	Viajante 1 descreve sua viagem de bicicleta e reflete sobre a diferença de suas atitudes como uma mulher cicloviajante e quando viaja de carona.	Empoderamento feminino	23	0	448
23.03	Apreciação do que considera prazer numa viagem: encontrar tomada; tomar banho sem pagar taxas e o sorriso das pessoas.	Categoria de viagem	12	0	638
07.04	Viajante 1 descreve seu primeiro dia sem banho na viagem. Ela conta que acabou perdendo o horário do posto aberto por estar acessando a <i>internet</i> em uma sorveteria. Ela também relata o assédio de um homem que ofereceu sua casa para ela tomar banho.	Empoderamento feminino	41	6	925
21.04	Viajante 1 relata acidente ocorrido com um caminhoneiro que lhe ofereceu carona, alguns quilômetros antes, em uma estrada em Santa Catarina (SC).	Diário de viagem	39	1	517
09.05	Viajante 1 descreve a liberdade de deixar o cabelo livre da química de alisamento e sem secador e de poder ser como quiser.	Empoderamento feminino	30	1	276
18.05	Viajante 1 e mais três amigas viajam de Porto Velho a Manaus, a bordo de uma caçamba de uma caminhonete modelo S10, pegando carona com 5 policiais.	Categoria de viagem	28	3	491

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 - Descrição de dados selecionados da Viajante 2

Viajante 2					
Data	Descrição da postagem	Categoria de discussão	Comentários (nº)	Compartilhamento (nº)	Curtidas (nº)
07.01	Viajante 2 apresenta reflexões sobre a grande quantidade de países e lugares a conhecer e que as pessoas podem viajar para aonde suas consciências e desejos a levarem.	Diário	9	1	146
02.04	Viajante 2 apresenta a satisfação de provar um picolé de massa, sabor açaí, custando 1 real. Além disso, usa a <i>hashtag</i> ⁹ “viajar não é coisa de rico”.	Categoria de viagem	11	0	157
08.04	Viajante 2 relata sua segunda viagem à Venezuela, ida à Cachoeira de Jaspe e a alegria de pegar carona em um caminhão de cerveja.	Diário	s/ inf.	s/ inf.	128
13.04	Reflexões da jovem sobre o que ela entende ser lugar de mulher, ou seja, em qualquer lugar, fazendo o que quiser.	Empoderamento feminino	11	0	233
01.05	Reflexões de Viajante 2 sobre as cobranças que o mundo faz às mulheres e, em especial, a mulheres como ela, com quase trinta anos, viajando sozinha, solteira e sem filhos.	Empoderamento feminino	64	89	897

Fonte: Elaboração própria.

⁹ Palavra-chave antecedida pelo símbolo # utilizadas em redes sociais para categorizar os conteúdos publicados; criando uma interação do conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado.

Quadro 3 - Descrição de dados selecionados da Viajante 3

Viajante 3					
Data	Descrição da postagem	Categoria de discussão	Comentários (nº)	Compartilhamento (nº)	Curtidas (nº)
07.01	Viajante 3 relata como chegou ao que ela chama de “pseudo-ecovila”, sítio de permacultura em Morro de São Paulo, suas experiências sustentáveis, suas sensações e as pessoas com quem viveu experiências novas e importantes.	Diário de viagem	-	-	59
29.01	Viajante 3 dialoga e reflete com fãs sobre o “peso” que a escolha de uma vida solitária de viajante acarreta a ela e suas escolhas como mulher.	Empoderamento feminino	-	-	57
01.02.	Viajante 3 relata o seu problema com dente do siso em sua viagem para o carnaval em Recife e agradece as doações para ajudá-la nesta situação.	Diário de viagem	1	-	47
12.02	Viajante 3 apresenta a foto com a mãe, descreve suas características e a relação das duas.	Diário de viagem	4	-	29
28.03	Viajante 3 reflete sobre a dor que a violência sexual pode causar a uma mulher e sobre a violência psicológica trazida pelo julgamento que recebem as mulheres que exerceram papéis diferentes daqueles que a sociedade impõe. Conceitua a violência psicológica como “violência da alma”.	Empoderamento feminino	9	1	105

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4 - Descrição de dados selecionados da Viajante 4

Viajante 4					
Data	Descrição da postagem	Categoria de discussão	Comentários (nº)	Compartilhamento (nº)	Curtidas (nº)
07.02	Viajante 4 relata como tem sido os cinco meses de trabalho em navios de cruzeiro, citando lugares e pessoas com quem tem compartilhado experiências.	Diário de viagem	9	-	85
16.04	Viajante 4 relata o terceiro dia da sua segunda viagem ao Atacama.	Diário de viagem	5	-	86
20.04	Viajante 4 trata de machismo e ressignifica a expressão “bela, recatada e do lar” (usada para definir a primeira dama por uma revista de grande circulação nacional), para a definição “bela, bagunçada e do mar”.	Empoderamento feminino	4	0	697
24.04	Viajante 4 questiona o senso comum de que mochileiro é como um <i>hippie</i> , <i>rasgado e sem tomar banho</i> . Ela usa seu próprio exemplo, como o uso de vestidos coloridos, quando chega aos seus destinos.	Categoria de viagem	7	0	102
15.06	Viajante 4 relata a dor de ir embora de Cabo San Juan, na Colômbia, onde moraria a vida toda, com um homem lindo e alto, que lave, cozinhe, pesque e mate mosquitos para ela.	Empoderamento feminino	14	1	367

Fonte: Elaboração própria.

Ao final deste levantamento, que permitiu construir as categorias de discussão, confirmamos que, em menor ou maior quantidade, todas as viajantes tratam sobre os assuntos trazidos nos objetivos específicos e nas palavras-chave: empoderamento, diário de viagem (memória) e categorias de viagem. Entretanto, nem sempre as categorias selecionadas ocupam as primeiras posições de assuntos mais comentados pelas viajantes, como será detalhado no capítulo 5.

Consideramos importante trazer estes dados à pesquisa por representarem elementos que auxiliam no entendimento do processo de composição da identidade e empoderamento das jovens estudadas.

2.6 Conceitos da análise do discurso selecionados para a análise do objeto

As categorias de Análise do Discurso foram identificadas com base nos dados selecionados e nas perguntas de pesquisa. As categorias são: “enunciado”, “discurso”, “tema”, “significação”, “escolhas lexicais”, “gênero do discurso”, “diário de viagem” e “dialogismo” (heteroglossia e texto multivocal).

Estas categorias de análise, assim como as categorias de discussão, vão ser descritas e discutidas nas postagens e comentários selecionados das quatro *fanpages*, para responder às perguntas de pesquisa, conforme quadro 5 a seguir:

Quadro 5 - Quadro-síntese de análise e discussão de dados

Objetivos	Perguntas de pesquisa	Categorias de Discussão Teórica e Elementos da análise do discurso
Perceber como se dá a construção da identidade das jovens viajantes.	Como podem ser categorizadas essas mulheres viajantes a partir de suas postagens? No que elas se distinguem de outras viajantes?	<u>Discussão teórica:</u> conceitos de “turista” e “mochileira”; identidade e juventude. <u>Elementos da análise do discurso:</u> enunciado, tema e significação; escolhas lexicais.
Avaliar a existência de traços de empoderamento feminino e construção de si em diários virtuais de quatro jovens viajantes brasileiras.	Existem traços de empoderamento feminino nas páginas pesquisadas? Quais?	<u>Discussão teórica:</u> empoderamento feminino; construção de si; mulheres centrífugas e mulheres centrípetas; <u>Elementos da análise do discurso:</u> dialogismo; tema e significação; escolhas lexicais e heteroglossia;
Analisar as características do suporte midiático em que elas escrevem suas narrativas de memória e a construção discursiva dessas narrativas.	Quais características as narrativas de memória apresentam ao serem inseridas no suporte midiático <i>Facebook</i> ?	<u>Discussão teórica:</u> <i>fanpages</i> e rastros digitais; narrativas de memória; gênero do discurso “diário de viagem” em suas três dimensões; <u>Elementos da análise do discurso:</u> tema e significação.

Fonte: Elaboração própria.

2.6.1 Enunciado, escolhas lexicais, discurso, tema e significação

Enunciado, discurso, tema e significação são alguns dos conceitos-chave da Análise do Discurso (Bakhtin) e das relações dialógicas, porque os sujeitos interagem usando enunciados e recorrendo aos signos lingüísticos, cujos temas e significações são construídos num dado contexto sócio-histórico. Na interação, os interlocutores recorrem a signos, que, nesta perspectiva, são sempre ideológicos, pois são marcados por uma avaliação social de seu tema (sentido) e da sua significação, por isso as escolhas lexicais não são aleatórias numa interação discursiva (VOLÓCHINOV, 1929).

Segundo Bakhtin (1997), a língua e a produção da linguagem, assim como a produção de enunciados, não ocorrem isoladamente. Os enunciados integram a vida, assim como a vida integra os enunciados. Nas palavras do autor,

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam duma ou doutra esfera de atividade humana [...] (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Enunciados são produzidos no ato da enunciação e só podem ser compreendidos na interação entre os sujeitos. Isso posto, fica clara a distinção entre enunciado e frase.

Sobral e Giacomelli (2016, p. 1079) asseguram: “[...] todo enunciado produzido dialoga com outros enunciados já ditos antes dele, tentando até mesmo responder a enunciados que não foram ditos, o que também é um diálogo”.

Na mesma direção, para Brait (2012), o discurso se situa nas relações entre os sujeitos, na conjunção do histórico, social, cultural e político, em suas diferentes vivências, numa perspectiva exclusivamente externa. Não há discurso sem texto, ou vice-versa, porque as relações dialógicas entre os enunciados ocorrem tanto na materialidade do texto, quanto nos elementos extralinguísticos, como espaço de produção e reprodução e valores históricos, sociais, culturais e políticos.

Assim, a materialidade do texto, conseguinte do discurso por meio de suas formas linguísticas, e os elementos extralinguísticos, são inseparáveis e ocorrem em dois níveis de significação, articulados dialeticamente, que são o tema (sentido) e a significação. Segundo Flores e Teixeira (2008),

o tema é o “sentido da enunciação completa”, sendo único e, individual, não reiterável: “ele se apresenta como expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação”. Para se contemplar o tema, não basta a análise morfológica ou sintática, é preciso também a dos elementos verbais da situação. Já a significação é o aparato técnico da realização do tema, constituída de “elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 50).

Em outras palavras, o tema tem relação com o sentido da enunciação, cujo caráter do enunciado é único e irreprodutível, “[...] justamente porque se encontra viabilizado pela apreciação de valor do locutor no momento de sua produção. É pelo tema que a ideologia circula” (ROJO, 2017). De forma contrária, porém interligada, a significação tem relação com o caráter repetível dos significados num enunciado concreto. A significação é a produção social, relativamente estável da palavra no discurso, que é absorvida pelos diferentes sentidos, colocado em contradições constantes, e é reconstruído com estabilidade e identidade provisórias. Assim, o significado evolui pois, na interação com os diferentes sentidos, novas significações são construídas e se estabilizam provisoriamente (VOLÓCHINOV, 1929).

Numa dada situação enunciativa, os interlocutores se valem, em seus propósitos de comunicação, de palavras que “na verdade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades, ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis” (VOLÓCHINOV, 1929, p. 95), ou seja, o nosso discurso está impregnado de valoração, de discurso ideológico. Assim, toda palavra apresenta-se como um signo ideológico e, ao participar de uma situação enunciativa, o sujeito realiza escolhas lexicais, com base em seus sentidos (temas) e na significação das palavras num dado enunciado.

Compreendemos escolha lexical, neste trabalho, como um repertório lexical escolhido ou conjunto de palavras e expressões, muitas vezes de modo não consciente, utilizadas por uma pessoa ou grupo numa situação sócio-histórica e cultural. Portanto, entende-se que as palavras ou expressões utilizadas pelos

sujeitos, em enunciados, numa dada situação discursiva, não são realizadas por acaso, nem de forma aleatória, mas escolhidas pelos sujeitos, pelo seu caráter ideológico e valorativo.

Com bases nestas discussões, nesta investigação, os enunciados das postagens das *fanpages* de viajantes do *Facebook* são analisados em seus temas e significações, materializados pelas escolhas lexicais, para a compreensão das manifestações discursivas sobre as categorias de viagem, mulheres viajantes e empoderamento feminino.

2.6.2 Dialogismo, texto multivocal e heteroglossia

As postagens, comentários, “curtidas” e compartilhamentos nas páginas podem ser configurados como diálogo entre as autoras-viajantes e seus fãs (seguidores das páginas), ocupando espaço de centralidade nestas relações. Segundo Volóchinov (1929),

a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva, intensa (VOLÓCHINOV, 1929, p. 88).

Com base nesta mesma discussão, Fiorin (2010) afirma que todo discurso se constitui a partir de outro enunciado, havendo sempre, pelo menos, duas vozes (a sua e a que se opõe), ainda que as mesmas não se manifestem no fio do discurso. O autor, também, afirma que todo enunciado é social, por não se dirigir somente a um destinatário imediato, cuja presença é percebida mais ou menos de forma consciente, mas também a um superdestinatário. A identidade deste destinatário, segundo o autor, varia de grupo social para grupo social. Neste sentido, dialogismo consiste na percepção de alteridade e na relação dialética entre eu-outro e a posição de responsividade ativa assumida pelos interlocutores. Os conceitos de heteroglossia e polifonia são complementares ao conceito de dialogismo.

Para Volóchinov (1929), a heteroglossia consiste na coexistência, no confronto ou no conflito entre diferentes vozes. Desta forma, nas relações dialógicas, há um movimento dialético na interação entre os diferentes enunciados/discursos, com a tendência de forças centrípetas que levam ao acordo e, contrariamente, a de forças centrífugas que buscam a discordância. No *Facebook*, as forças centrípetas e centrífugas estão em movimentos, nas diversas relações dialéticas, evidenciadas pelo compartilhamento ou pelas discordâncias nos botões de raiva ou pelos comentários.

2.6.3 Gênero Diário

Nesta pesquisa, as postagens nas *fanpages* são compreendidas como gênero “diário de viagem”. Ora, tanto as viajantes como seus fãs são os sujeitos das ações discursivas, em relações dialógicas e entrelaçados num determinado discurso.

Os sujeitos interagem por meio de enunciados, dialogando entre si e com outros textos que vieram antes ou que suscitarão respostas no futuro (BAKHTIN, 1997). Segundo Brait (2000, p. 19), “qualquer enunciado fatalmente fará parte de um gênero”, constituídos e em ação em diferentes e determinadas esferas de atividade humana.

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” em número infinito, que se materializam no uso, como práticas sociais que regulam o que será dito, as expectativas do enunciador e do seu interlocutor, e que se atualizam numa dada situação enunciativa.

Embora textos de um mesmo gênero discursivo sejam diferentes, há semelhanças em função de três dimensões: conteúdo temático, estilo e forma composicional. O conteúdo temático são todos os conteúdos que são dizíveis a um gênero e seu contexto de produção, recepção e circulação. A forma composicional é a estrutura particular dos textos de um determinado gênero, a progressão temática,

os tipos textuais, a coesão e a coerência. O estilo diz respeito às unidades linguísticas selecionadas pelo enunciador, incluindo as escolhas lexicais (vocabulário), a organização das frases, o registro linguístico (informal e formal), variações linguísticas, tipo frasal (sintaxe), características particulares dos tipos textuais e demais aspectos gramaticais (ROJO, 2017).

O gênero discursivo diário consiste, segundo Fiad e Silva (2000, p. 43), “como um discurso da subjetividade, ou mesmo como uma ‘fala escrita’, elaborada por um indivíduo cotidiana ou periodicamente”. O seu subgênero ‘diário de viagem’ consiste num gênero discursivo cuja finalidade é compartilhar as experiências vividas pelos viajantes, em diferentes viagens, com os diferentes interessados no assunto. No caso do “diário de viagem” nas *fanpages*, os viajantes (escritores) são como autores que escrevem para os seus seguidores da página do *Facebook*.

A seguir, um exemplo de “diário de viagem”, como postagem, na *fanpage* da Viajante 2 no *Facebook*:

Figura 1 - Exemplo “diário de viagem” na *fanpage* da Viajante 2, acessado em 10/09/2017

As cidades nos mostram o que estamos preparados para ver. Tínhamos saído de São Paulo muito cedo. Já completamente em terras e espírito mineiros, engatamos a marcha nas idiossincrasias do espírito e da existência. Às vezes, saltávamos para a autoanálise, outras, avançávamos às coisas de religião. Antes do meio-dia, já contornávamos o trevo de Três Corações, metade do caminho.

Surgiu a tentação de fazer um leve desvio de percurso e almoçar em São Thomé das Letras. Você já foi? Já. Eu também. Ninguém sentira a tal energia poderosa que emana do lugar. Negativa, talvez. Acrescentei que a cidade me parecera um amontoado de botecos e lojas inflacionadas pra gente disposta a consumir esoterismo e alternatividade. Desses lugares descaracterizados pelo turismo descompromissado em massa, com um toque de fake. Mais uma Disney para adultos. Bom, então vamos tentar manter a energia elevada para ver se entendemos o que é São Thomé, sugeriu meu amigo.

A trilha sonora do pen drive recém-ressuscitado estava a nosso favor. De repente, São Thomé tinha uma igreja de pedra, e uma gruta logo atrás da praça central (cara, como não vi isso antes!), além de uma pirâmide um pouco mais acima. De repente, eu estava no topo dela, com este panorama escancarado diante de mim. Fácil, grátis e sem vergonha. De repente, muitos, muitos tombos fizeram sentido.

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 2).

Neste exemplo, a Viajante 2 realizou a postagem de seu “diário de viagem” em sua *fanpage* em 2 de julho de 2017. No quadro 6 a seguir, apresentamos a análise desta postagem, nas três dimensões do gênero discursivo: conteúdo temático, forma composicional e estilo.

Quadro 6 - Análise do Diário de Viagem da Viajante 2 (2 de julho de 2017)

Três dimensões do gênero	Análise do Diário de Viagem da Viajante 2, postado em 02 de julho de 2017.
Conteúdo temático <ul style="list-style-type: none"> Assuntos geralmente tratados; Contexto de produção, recepção e circulação: o que, quando, onde e por que; Autor e leitor previsto. 	<p>O assunto tratado num “diário de viagem” são as experiências autor-viajante em sua viagem.</p> <p>Nesta postagem, a autora-viajante relata, com subjetividade, o desvio em seu percurso para almoçar na cidade de São Thomé das Letras-MG com seu amigo e acompanhante.</p> <p>Também, apresenta as impressões iniciais negativas que tinha sobre esta cidade (“turismo descompromissado <i>fake</i>”, “Disney para adultos”).</p> <p>No entanto, é surpreendida por uma gruta e uma pirâmide que nunca tinha visto, o que modifica sua impressão inicial.</p> <p>Seus leitores são os fãs da página do <i>Facebook</i>, que interagem com a postagem com 49 “curtidas/amei” e muitos comentários.</p> <p>Este diário de viagem, na <i>fanpage</i>, é escrito e divulgado aos seus 13.391 leitores previstos, quase de forma simultânea às experiências vividas, o que marca o modo singular de circulação deste gênero num suporte midiático digital.</p>
Forma composicional Estrutura de determinado gênero para a sua progressão.	<p>O enunciado/texto é organizado como um relato, em prosa e em períodos e parágrafos, situado no tempo.</p> <p>O texto verbal é acompanhado de fotografia. Muitas vezes, o diário de viagem pode ser acompanhado de vídeo.</p>
Estilo Aspectos gramaticais, escolhas lexicais, registro linguístico, tipo frasal, características de conjunto particular de tipo textual, marcas de pessoa do discurso.	<p>Uso de verbos no pretérito perfeito e mais que perfeito “almoçávamos”, “sentira”.</p> <p>Uso da primeira pessoa do plural (“nós”): convida o leitor a ser participante da ação descrita.</p> <p>Uso de norma padrão da língua, na maior parte do texto, mas com marcas de registro informal demonstrado pela expressão em parênteses (“cara, como não vi isso antes!”) e “pra”.</p> <p>Uso de diferentes adjetivos e metáforas para caracterizar o lugar visitado e o tipo de turismo oferecido pela cidade: “amontoado de botecos e lojas inflacionadas”, “<i>fake</i>”, “escancarado”, “fácil, grátis e sem vergonha”.</p>

Fonte: Elaboração própria.

A análise do gênero discursivo “diário de viagem”, em suas três dimensões, permite-nos reconhecer que as *fanpages* funcionam como espaço de narrativas de memória e também compreender o sentido (tema) e a significação dos conceitos “turista” e “mochileira”, entre outros.

3 “É NAS NUENS QUE ELAS DEPOSITAM AS SUAS MEMÓRIAS”: FACEBOOK E SUAS FANPAGES¹⁰

Este capítulo tem como objetivo trazer referencial teórico acerca do suporte midiático em que estão os diários de viagem que são objetos de análise nesta dissertação, o *Facebook*.

O capítulo está organizado em três seções: i) Elas viajam e escrevem: as razões da escrita; ii) Narrativas de memórias e rastros digitais; e iii) Consumo de narrativas de memória.

As discussões teóricas contidas nesse capítulo embasam a análise interpretativa das postagens para responder às seguintes perguntas de pesquisa: quais características as narrativas de memória apresentam ao serem inseridas no suporte midiático *Facebook*?

3.1 Elas viajam e escrevem: as razões da escrita

Antes do advento da *internet*, em 1969, diários e outros textos eram escritos em papel. Os viajantes, entre eles as poucas mulheres que registraram suas experiências, como Alexandra David-Nell (1868-1969), a primeira mulher ocidental a entrar em Lassa, no Tibet, e Isabelle Eberhardt (1877-1904), que cavalgou pelo deserto do Saara, são exemplares nesta forma de registro (TELLES, 2011).

Tal hábito ainda persiste nos dias de hoje, em mídias variadas (papel, redes sociais, etc). Um exemplo, dentre vários que podem ser citados, ocorreu em julho de 2016, durante uma das viagens realizadas pela pesquisadora. Sentada no chão, a

¹⁰ O artigo "*Fanpages* De Viagem: uma Análise Sobre o *Facebook* Como Suporte da Memória Coletiva", aceito para publicação na revista *Novos Olhares*, em 2018, é parte deste capítulo

argentina Shirli, esperando o transporte que a levaria para Machupichu (Peru), escrevia em um caderno improvisado como tinha sido seu dia anterior. A pesquisadora teve acesso ao *Facebook* da jovem e verificou que, além de guardar suas memórias em folhas de papel, ela também colocava uma grande quantidade de fotos e relatos em seu perfil virtual.

Na contemporaneidade, muitos viajantes, desde que encontrem conexões gratuitas com a *internet*, contam com um espaço instantâneo para o relato das suas experiências, percepções e descrições de viagem. Para isso, fazem uso de redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram*¹¹ e o *Snapchat*¹², produzindo um espaço privilegiado para discussão sobre narrativas de memória.

As mulheres investigadas neste estudo, especificamente, são produtoras de *fanpages* nas quais contam alguns acontecimentos de suas viagens e divulgam informações para auxiliar outros interessados em viajar. Infelizmente, a ferramenta *online* não traz o dado acerca de quantas páginas abordando esta temática existem na referida rede social.

Independentemente do suporte utilizado, interessa-nos compreender por que pessoas escrevem o que vivenciam. Foucault (1984 apud TELLES, 2011) diz que a escrita reforça e reativa a leitura e ambas são motivos de meditação em um exercício quase físico de assimilação, ou ainda, exercício da alma.

Em um artigo que analisa memória, temporalidade, consumo e imaginários juvenis, Pereira (2013) pondera que, ao criar narrativas, os sujeitos tentam construir um sentido para suas vidas, articulando passado, presente e futuro. Outro aspecto citado pela autora é que a música facilita a construção de suas identidades. Sua análise, reproduzida abaixo, permite-nos pensar que os diários escritos cumprem a mesma função:

¹¹ Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em outras redes sociais.

¹² Aplicativo de mensagens com base de imagens. Com o aplicativo, usuários podem tirar fotos, gravar vídeos, adicionar texto

ao contar suas vidas, os ouvintes constroem-se como sujeitos de sua própria história, em que as canções entram como aportes para salientar aspectos, marcar fatos importantes, ajudar a compreender motivações que os levaram a uma ação ou caminho e não outro, expressar o que buscam e almejam para sua vida privada, suas relações amorosas, suas inquietações geracionais, as ansiedades em relação ao futuro e para sua vida em geral (PEREIRA, 2013).

Falcão (2016), ao falar especificamente sobre mochileiros, pondera outra causa para a valorização da escrita. Ele explica que a satisfação e o prazer apontados pela superação de algumas dificuldades representam motivo de orgulho em relação a esta modalidade de viagem. Segundo o autor, em sua pesquisa, quando indagados se já haviam passado por algum “grande” risco, todos os entrevistados faziam questão de relatar suas histórias.

De fato, nos *hostels* visitados durante a pesquisa, eram comuns as “rodas” de pessoas reunidas contando suas histórias de viagens. Mochileiros considerados mais experientes (mais tempo de viagem e mais carimbos no passaporte) narravam suas “aventuras” aos menos experientes.

Outra prática de validar os relatos de viagem, segundo Sontag (2003), são as fotografias. A viagem e seus acontecimentos precisam de provas, e a fotografia as produzem com mais rapidez do que a descrição textual.

Se fotografar é um modo de atestar experiências, tirar fotos é também uma forma de recusá-las, converter a experiência em imagem e a imagem em um *souvenir*. São as fotos-troféus. Parece decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera (SONTAG, 2003, p. 19).

No caso específico das jovens investigadas, são em *fanpages* que elas postam as suas fotos. A maioria das postagens contém registros visuais, dentre *selfies*, paisagens visitadas, momentos vivenciados, dentre outros assuntos.

No capítulo 6, quando analisamos o discurso das viajantes, na categoria de discussão narrativa de memória, é possível perceber algumas das motivações pela escrita de cada uma das jovens: vontade de desabafar, ressignificação do passado, dentre outros. Entretanto, a partir de Pereira, Siciliano e Rocha (2015), entendemos que independentemente das razões que as levaram ao desejo da escrita, ao falarem por si, as jovens estão empoderando-se e construindo a si mesmas.

3.2 Narrativas de memórias e rastros digitais

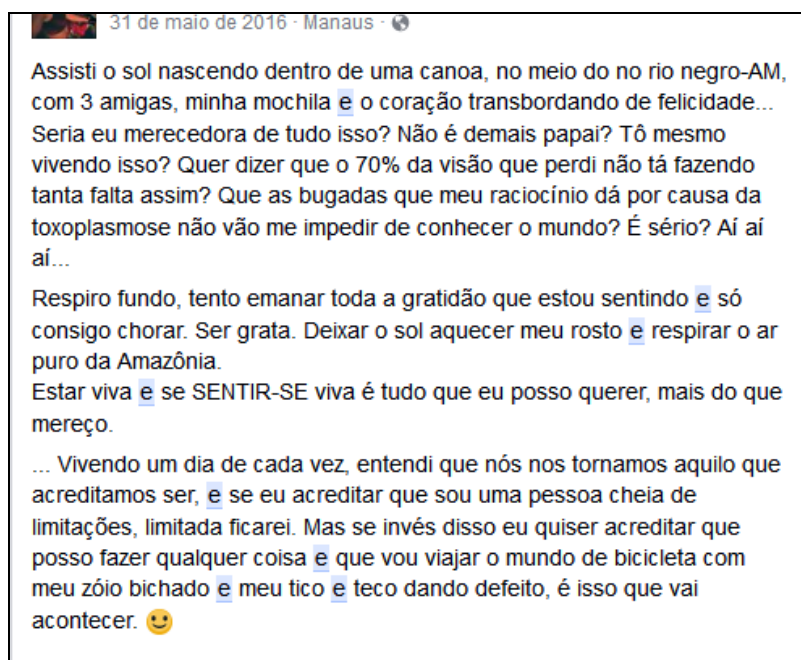
Observamos que, no contexto contemporâneo, a *internet* tem revolucionado as maneiras por meio das quais as pessoas, em especiais os jovens, podem se manifestar acerca de suas experiências. É fundamental compreendermos como ocorrem estes processos.

Segundo Palácios (2010), a liberação do polo emissor de escrita multiplicou “os lugares de memória em rede”, tornando cada usuário um potencial produtor de memórias. Desta forma, as *fanpages* investigadas podem ser analisadas como espaço de produção e divulgação de narrativas de memória.

Este é um poder de falar por si próprio, sem intermediários, que antes não existia. Se agora as pessoas estão postando suas memórias em rede, antes, conforme Canavilhas (2004), elas dependiam dos guardiões da memória. Segundo o autor, anteriormente, a memória coletiva dependia do processo biológico interno de determinados indivíduos que eram considerados detentores de determinados dons. Entretanto, com a passagem da oralidade à escrita, dá-se a dessacralização da memória e ela começa a exteriorizar-se e a se tornar autônoma, materializando-se em suportes manuscritos e inscrições em monumentos.

As *fanpages* são um desses suportes em que, em primeira pessoa, por meio da memória, atualizam-se impressões, interpretações do passado, ou seja, realiza-se um trabalho sobre o vivido. Tais elementos podem ser reconhecidos nos relatos das viajantes investigadas como no exemplo abaixo, retirado da *fanpage* da Viajante 1.

Figura 2 - Postagem em que a Viajante 1 atualiza impressões e interpreta o passado



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 1*).

A Viajante 1, na postagem do dia 31 de maio de 2016, atualiza suas impressões sobre seu passeio no rio Negro, no Amazonas (AM), reinterpretando o que viveu, em um exercício permanente de rememorar, produzir relatos e projetar o futuro: “[...] se eu acreditar que sou uma pessoa cheia de limitações, limitada ficarei. Mas se ao invés disso eu quiser acreditar que posso fazer qualquer coisa e que vou viajar o mundo de bicicleta com meus zóio bichado e meu tico e teco dando defeito, é isso que vai acontecer”. Ao relembrar seu passeio, reflete sobre sua doença, a ressignifica e faz novos planos. As demais viajantes pesquisadas também adotam esta prática.

Nesta direção, Halbwachs (1990) divide a memória em duas categorias: uma individual, autobiográfica, e a outra social, externa, histórica. Segundo o autor, a primeira está focada em um único ser e a segunda baseia-se nas lembranças coletivas. Em relação à primeira memória, apesar de individual, ela é também coletiva, por ser alterada conforme o indivíduo dialoga com outros integrantes, o que ocorre a partir de referências e lembranças da ambiência em que se está inserido.

Ao pensarmos nas *fanpages* das viajantes, verificamos que as postagens das jovens relatando seu dia a dia de viagem, apresentam implicações como as

definidas por Halbwachs (1990), ou seja, demonstram características das memórias individuais de suas viagens por meio dos relatos de suas vivências na estrada, mas são também coletivas, por estarem em diálogo com os seguidores das páginas, para quem escrevem.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma sociedade (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Ainda a partir de Halbwachs (1990), podemos dizer que as viajantes, por meio de suas postagens no *Facebook*, colaboram para a composição da memória social de seus seguidores. Um fã da página que, por exemplo, nunca tenha ido à Colômbia, construirá parte do seu imaginário sobre o país formado a partir do lido nos relatos de *fanpages*.

Para Walter Benjamin (1994),

a experiência que passa de pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1994, p. 198-199).

Ao entendermos que os relatos de viagem produzidos pelas jovens, de fato, representam narrativas de memória, é fundamental refletirmos quais características assumem essas narrativas quando inseridas no suporte midiático *Facebook*, o que nos leva a uma discussão sobre rastros digitais (as representações que deixamos na rede mundial de computadores).

John Palfrey e Urs Gasser (2011) dão a esse conjunto de informações o nome de “dossiê digital”, e que podem assumir duas faces: a de caráter público, com informações disponíveis no *Google*, e as informações sigilosas como números de telefone. O problema destes rastros, nas visões dos autores, é tanto em relação ao

rápido crescimento dos dossiês digitais, quanto às decisões sobre o que fazer com as informações pessoais pelos que as detêm.

Analisando as *fanpages* de viagem, nosso objeto em questão, podemos traçar um paralelo com as questões acima. Um *post* escrito pelas viajantes pode ser posteriormente apagado, por arrependimento ou qualquer outra motivação. Entretanto, ele pode ter sido compartilhado por algum seguidor da página e visualizado por várias pessoas antes de ser deletado, por exemplo. Desta forma, os percursos das nossas narrativas em análise são totalmente imprevisíveis e desconhecidos. Ou ainda, mesmo quando não apagados, são “printados” e replicados na linha do tempo de outras pessoas em situações, contextos e significados completamente alheios às das autoras.

Jeanne Marie Gagnebin (2006) compartilha a mesma preocupação citando a não-intencionalidade dos rastros, e também aponta uma ligação entre rastro e memória. Segundo ela, assim como ocorre com as nossas lembranças, nem sempre os rastros são os que queremos guardar, mas apenas o que restou de vestígios de uma determinada ação. Para a autora, a memória vive uma tensão entre presença e ausência desses rastros.

Agora a escrita não é mais um rastro privilegiado, mais duradouro do que outras marcas da existência humana. Ela é rastro, sim, mas no sentido preciso de um signo ou, talvez melhor, de um sinal aleatório que foi deixado sem intenção prévia, que não se inscreve em nenhum sistema codificado de significações, que não possui, portanto, referência linguística clara. O detetive, o arqueólogo e o psicanalista, esses primos menos distantes do que podem parecer à primeira vista, devem decifrar não só o rastro na sua singularidade concreta, mas também adivinhar o processo, muitas vezes violento, de sua produção involuntária. Rigorosamente falando, rastros não são criados – como são outros signos culturais e linguísticos --, mas sim deixados ou esquecidos (GAGNEBIN, 2006, p. 113).

Quanto ao destino e à perenidade das nossas narrativas de memória nas plataformas *online*, Canavilhas (2004) expõe a fragilidade do suporte midiático que as acolhe. Ele pondera que, por exemplo, enquanto o papel dura séculos, se bem conservado, os formatos digitais tornam-se obsoletos em 10 ou 20 anos. No caso específico das nossas viajantes, podemos aferir que, caso escritas em diários comuns de papel, suas memórias também poderiam perder-se com o tempo.

Apontamos essas reflexões como alguns dos desafios contemporâneos de as nossas memórias estarem em rede, acrescidas pela ameaça de nossos rastros digitais estarem à disposição na rede mundial de computadores.

3.3 Consumo de narrativas de memória

São para os fãs e para si próprias que as viajantes escrevem os seus textos nas chamadas *fanpages*. Monteiro e Barros (2010) entendem o fã como aquele sujeito que quer estar informado sobre a vida de seu ídolo, que acompanha seus passos e nutre um sentimento de identificação com o ídolo.

Os seguidores das páginas de viagem, de diferentes formas, adotam o comportamento apresentado por Monteiro e Barros (2010). Eles acompanham os passos das viajantes, querem saber a próxima cidade a ser visitada, aguardam e participam das *lives* (postagens de vídeos ao vivo) realizadas pelas jovens.

Os produtos que os fãs das viajantes consomem são as narrativas de memória que elas depositam nas redes. Oliveira (2013) tece uma reflexão sobre o consumo do culto à memória nas mídias sociais, o que pode ser percebido também no *Facebook*. Ele cita como exemplos os usuários “curtirem”, compartilhem e criarem debates em torno de registros antigos de suas histórias de vida na antiga rede social *Orkut*, lembrada por usuários do *Twitter*¹³ (por meio da *hashtag* #TemposdoOrkut).

A partir das ideias apresentadas, e analisando o caso específico das memórias “depositadas” virtualmente, o que podemos acrescentar é que, por serem páginas públicas e com seguidores, neste caso, o lembrar ganha um caráter obrigatório. Elas podem surgir em qualquer momento, por recursos automáticos

¹³ Rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento.

criados pelo próprio *Facebook*, por compartilhamentos, “curtidas” ou comentários de outras pessoas, ou mesmo quando quem detém uma dessas *fanpages* retorna em suas postagens antigas como um velho álbum de fotografias.

A posição do tempo ocupada pelas memórias reproduzidas nas mídias digitais é outro aspecto discutido por Canavilhas (2004). O autor explica que nelas ocorre a “compressão” do tempo: quando usuários postam fotos e textos em “tempo real” no *Facebook*, seus usuários reproduzem e também postam esses mesmo eventos, simultaneamente. Assim, as narrativas tornam-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente.

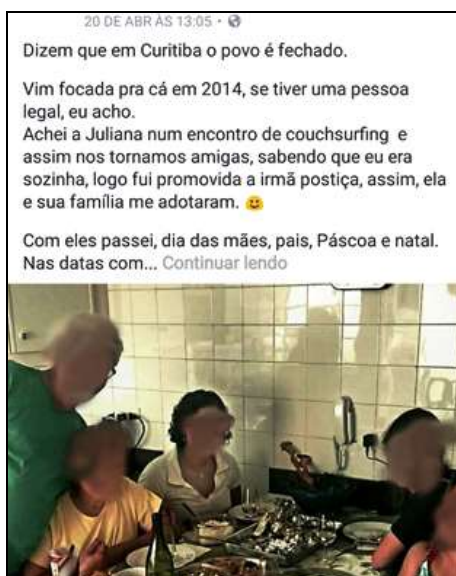
Figura 3 - Postagem na qual a Viajante 1 apresenta um detalhe do seu cotidiano no mesmo momento em que ele ocorre



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 1).

Entretanto, também se percebem recordações do passado-passado, quando as postagens mencionam eventos acontecidos algum tempo antes, articulando com o presente, como ocorre na postagem do dia 20 de abril de 2016 da Viajante 3.

Figura 4 - *Post* no qual a Viajante 3 relata como uma experiência passada ainda faz sentido em sua vida atual



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 3*).

Esse *post* é uma memória coletiva não apenas na sua construção, mas também na sua interpretação, pois, por meio de postagens como essa, são conquistadas hospedagens gratuitas e outros benefícios, como amplificação das redes de relacionamento virtual e real.

É importante ressaltar que, embora seja possível a todos os usuários produzirem relatos de viagens virtuais no *Facebook*, poucos atingem grau de notoriedade, já que estas memórias precisam ser consumidas pelos que frequentam a plataforma.

Segundo Maurice Halbwachs (1990), para que a nossa memória se beneficie da do outro, é necessário haver uma espécie de conciliação envolvendo as memórias coletivas e as individuais.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. [...] É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros [...] (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Ou seja, os relatos das jovens viajantes precisam despertar a atenção dos usuários da rede social *Facebook*. No caso das viajantes, a relação entre quem escreve a história e quem a lê é virtual e, portanto, ao contrário da “vida real”, obtêm respostas numéricas acerca do interesse que suas memórias provocam, por meio do número de “curtidas” ou de compartilhamentos.

Observamos que, nas *fanpages* investigadas, é menor a proporção, por exemplo, de espaço dedicado aos detalhes ruins das viagens, o que pode representar uma forma de garantir a audiência da página e a solidificação da identidade de viajantes felizes. Afinal, como afirmam muitos teóricos contemporâneos, “a felicidade tornou-se um ‘imperativo’, uma mistura de dever e direito que pesa sob os ombros de homens e mulheres do século XXI” (CAZELOTO, 2011, p. 171).

Novamente, tomemos a análise de Edílson Cazeloto:

a felicidade sustenta e legitima um mercado cada vez mais amplo (livros de autoajuda, palestras, terapias, medicamentos, produtos de beleza, moda etc.), sintoma da expansão tendencialmente infinita da lógica da mercadoria. A busca pela felicidade é um investimento que transfere valor à mercadoria. Como consequência deste primeiro ponto surge outra constatação: a felicidade foi privatizada, retirada da esfera da socialidade para o campo da ação individual. Mais do que isso: ela foi reduzida a uma “interioridade pura”: ser feliz relaciona-se, na cultura contemporânea, a ser “autônomo”, ou seja, a felicidade é um estado interior que se conquista independentemente das circunstâncias sociais ou políticas (CAZELOTO, 2011, p. 173).

As mochileiras “trabalham” em suas redes, fornecendo dicas de viagem, fotos dos lugares, tirando dúvidas. Suas ações são épicas e, claro, individuais, mas diferentemente dos grandes heróis míticos, mostram que todos os objetivos são acessíveis, desde que se tenha coragem e humildade. A contrapartida, isto é, o “pagamento” dos seguidores, dá-se, dentre várias outras formas, por meio da oferta de hospedagem gratuita, carona e, ocasionalmente, “vaquinhas” (pessoas que se unem para contribuir com pequenas quantias em nome de uma causa). Foi desta forma, por exemplo, que a Viajante 1 conseguiu custear a sua ida de avião ao México.

Figura 5 - Postagem na qual a Viajante 1 reforça o pedido de auxílio financeiro para compra de uma passagem aérea para o México



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 1*).

A estreita interação entre o real e virtual, a simultaneidade entre produção dos relatos, seu consumo e o evento acontecido, bem como ao fomento ao universo colaborativo, são algumas das características que o *Facebook* modela. Por isso, podemos concluir que essas memórias, mesmo quando tratam da vida de uma viajante em específico, pertencem a múltiplas autorias. Assim como os antigos viajantes exploradores que, ao retornarem para suas cidades de origem, prestavam contas aos patrocinadores, apresentando seus relatos e objetos recolhidos, nossas “heroínas” contemporâneas, com suas mochilas e um pouco (às vezes nada) de dinheiro, fazem o mesmo com seus seguidores, uma vez que são eles que atribuem prestígio às suas *fanpages*.

4 CATEGORIAS DE VIAGEM E JOVENS MULHERES VIAJANTES: EMPODERAMENTO FEMININO E CONSTRUÇÃO DE SI

Este capítulo apresenta discussões teóricas sobre categorias de viagem e mulheres viajantes na perspectiva da construção de si e do empoderamento feminino e está organizado em quatro seções: i) Breve histórico do turismo (deslocamentos históricos, turismo convencional e *backpacker*); ii) Turismo de experiência; iii) Turistas ou Mochileira: um debate sobre identidade; e iv) Mulheres jovens viajando sozinhas: empoderamento feminino e construção de si.

As discussões teóricas desse capítulo são a base para a análise interpretativa das postagens das *fanpages* das quatro viajantes, a fim de responder às perguntas de pesquisa: como podem ser categorizadas essas mulheres viajantes a partir de suas postagens? No que elas se distinguem de outras viajantes? Há traços de empoderamento feminino nas páginas pesquisadas? Quais?

4.1 Breve histórico do turismo: deslocamentos históricos, turismo convencional, backpacker

A presente dissertação analisa as manifestações discursivas de quatro jovens mulheres em *fanpages* de *Facebook* que, com mochila nas costas, viajam pelo mundo, conhecendo lugares e contando algumas das suas experiências.

Nesta pesquisa, turismo convencional é compreendido como o ato de viajar com destino, roteiro, meio de transporte, hospedagem, custos e atividades pré-definidos. A categoria *backpacker* é compreendida como o ato de viajar de modo mais livre, com pouco dinheiro. Hospedagens e meios de transporte não são fixos, e as etapas das viagens tampouco têm prazos definidos.

Em uma pesquisa na qual avaliamos que a forma não convencional de viagem escolhida pelas viajantes pesquisadas pode representar um traço de empoderamento, mostrou-se necessário realizar um breve panorama histórico mostrando a transição entre os deslocamentos históricos até o turismo convencional e o turismo *backpacker* e posteriormente, no próximo tópico, o turismo de experiência.

O ato de se deslocar é muito antigo, sendo praticado desde o início da existência humana. Afinal, a sociedade pré-histórica era nômade; percorria longas distâncias em busca de alimentos e não se fixava em um único local. Também é fundamental citarmos as viagens realizadas ainda no período feudal, mesmo quando as condições das estradas eram péssimas. Nelas, circulavam, predominantemente, viajantes que pagavam tributos aos senhores feudais para terem o direito de passar.

Um exemplo destes deslocamentos são as grandes viagens realizadas pelos reinos de Portugal e Espanha, no século XVI. Estas viagens tinham o objetivo de expansão de domínio de territórios, exploração de riquezas e proselitismo religioso. Nestas viagens, navegadores como Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, entre outros, fincaram a bandeira de seus reinos em territórios mais ao sul da América, entre eles, o Brasil.

No século XVII, surge outro interesse dos viajantes nesses territórios: a compreensão do mundo natural e de sua própria existência. Estes viajantes, em sua maioria cientistas e/ou aventureiros, buscavam conhecer a fauna, flora, comportamentos e costumes destes territórios e povos, e o Brasil, por sua biodiversidade, tornou-se um dos principais roteiros (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004).

Romano (2013) traz outro importante exemplo de contextualização histórica. Segundo ele, as pessoas sempre viajaram, como consta em textos (imaginários, ou supostamente verossímeis, da Antiguidade), como a *Odisseia*, de Homero, ou as *Histórias*, de Heródoto. Entretanto, ao contrário das viagens das jovens estudadas, esses deslocamentos ocorridos no passado eram motivados principalmente por fins práticos, tais como razões de Estado, religião, dentre outros. Conforme o autor, o

auge do capitalismo mercantil trouxe desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente a partir do século XVI.

Ainda em termos históricos, agora em relação ao recorte específico da pesquisa, cabe-nos falar das mulheres viajantes mais antigas de que se tem conhecimento até a presente etapa deste trabalho. Telles (2011) cita Maria Graham (1785 - 1842), inglesa, que esteve no Brasil em 1821; Alexandra David-Nell (1868 - 1969), a primeira mulher ocidental a entrar em Lassa, no Tibete, e Isabelle Eberhardt (1877 - 1904), que cavalejou pelo deserto do Saara.

Em fins do século XVII, jovens aristocratas britânicos iniciaram excursões de até dois anos pelo Velho Continente, com a meta de conhecerem a vida mundana, exaltando valores como os das viagens sem obrigação. Essas grandes viagens recebiam o nome de *The Grand Tour*, de onde advém a palavra turismo (que significa “viagem” ou “excursão circular”).

Segundo Figueiredo e Ruschmann (2004, p. 169), “o turismo é uma forma de viagem exclusiva da modernidade e pilar da pós-modernidade”, que se desenvolveu pela configuração das relações de trabalho no modo de produção capitalista, no qual os trabalhadores são remunerados pelo trabalho despendido na produção de mercadorias com mais horas livres, permitindo os deslocamentos voluntários como forma de entretenimento.

O pastor britânico Thomas Cook, em 1841, foi o primeiro a organizar as primeiras viagens guiadas pela Europa, segundo Romano (2013). Os roteiros turísticos previamente definidos ocorreram, de início, em excursões por trem na Grã-Bretanha. Na época, ele organizou uma viagem de trem entre as cidades inglesas Leicester e Loughborough para levar pessoas a um congresso sobre dependência em alcoolismo.

Diferentemente do turismo caracterizado acima como convencional, neste trabalho, há a discussão da prática do turismo *backpacker* ou “mochileiro”. O termo “mochileiro”, conforme Alteljevic e Doorne (2002 apud OLIVEIRA, 2008), foi introduzido aos estudos de turismo pelo australiano Philip L. Pearce, em 1990.

Para Adler (1985 apud OLIVEIRA, 2005), esta modalidade de turismo tem origem nas peregrinações realizadas pela classe trabalhadora dos séculos XVII e XVIII, quando exerciam seu ofício de vila em vila e, durante a viagem, educavam-se e visitavam os destinos. Com o passar dos anos, trabalhadores imigrantes e sem qualificação passaram a fazer o mesmo, tornando esse tipo de viagem característico das classes mais pobres (AOQUI, 2005).

Para Aoqui (2005), a criação de albergues da juventude, no século XX, foi um dos fatores que contribuíram para o crescimento desta modalidade de viagem. Os primeiros albergues foram estabelecidos nos anos 1920 na Alemanha. Em 1985, já haviam se espalhado por 55 países.

Dos albergues aos *hostels* na contemporaneidade, os *backpackpers*, em geral, optam por esta modalidade econômica de hospedagem, na qual várias pessoas dormem no mesmo quarto. Não foi possível obter o número de *hostels* disponíveis no mundo. Um dado esclarecedor foi encontrado na maior plataforma *online* de pesquisa de hospedagem compartilhada: o *Hostelworld*¹⁴. Em sua primeira página, a informação é que há 35.000 propriedades espalhadas por 170 países. A consulta foi realizada no dia 07 de fevereiro de 2018, às 13h27.

Além dos *hostels*, outras duas formas de hospedagem que fogem ao modelo hegemônico vigente prevalecem entre os mochileiros, incluindo as viajantes investigadas nesta pesquisa: montar acampamento em terrenos (com autorização ou não) e hospedagem na casa de desconhecidos, via aplicativos, como o *Couchsurfing*¹⁵ ou por meio da divulgação que fazem em suas *fanpages*.

Nesta modalidade de hospedagem escolhida pelas mulheres pesquisadas, conforme percebemos no que contam em suas *fanpages*, é comum que elas vivenciem o que, mercadologicamente, está sendo chamado de Turismo de Experiência. A diferença das jovens em relação aos demais turistas é que as elas

¹⁴ O endereço do sítio é <<https://www.hostelworld.com/>>; acesso em: 12 fev. 2018.

¹⁵ Rede social, criada em 2003, que liga viajantes que querem hospedagem gratuita e intercâmbio durante uma viagem e pessoas que gostariam de receber esses visitantes.

não precisam pagar, ao menos não com dinheiro, por essas vivências consideradas mais autênticas.

4.2 Mercantilizando sensações: turismo de experiência

Turismo de experiência, segundo Pezzi e Santos (2012), consiste em um termo mercadologicamente utilizado na atualidade para descrever o desenvolvimento de produtos turísticos que trazem a possibilidade de o turista atuar como protagonista de sua viagem. Em outras palavras, atende a um viajante que não quer ater-se unicamente à contemplação passiva dos atrativos turísticos. Neste aspecto, podemos lembrar os conceitos já repassados sobre turista e mochileiro e verificamos que a pessoa que busca o turismo de experiência, ao menos do ponto de vista teórico, aproxima-se mais do estilo de viagem mochileiro.

A cartilha Turismo de Experiência Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas)¹⁶, publicada em 2015, também conceitua essa modalidade de turismo. Segundo o material de divulgação, nesta forma de viagem o objetivo é diferenciar o produto turístico por meio da inclusão do cliente em experiências significativas, o que garantiria a sua fidelização.

Esse interesse, conforme o material publicado pelo SEBRAE, surgiu no fim do século XX, a partir do momento em que estudiosos perceberam que a indústria já atendia às pessoas nas suas necessidades em adquirir coisas e que, agora, era necessário apresentar alternativas para envolvimento emocional.

Ainda segundo informações desta cartilha, a primeira experiência neste sentido ocorreu no Rio Grande do Sul (região da uva e do vinho), em 2006, resultado de uma parceria do Ministério do Turismo com o SEBRAE. O objetivo era desenvolver destinos que emocionassem.

¹⁶ Não identificamos a data exata de lançamento do material informativo.

A partir de uma pesquisa efetuada no Google, a qual gerou 454 mil resultados, podemos afirmar, ao menos preliminarmente, que trabalhar o turismo focado no cognitivo do consumidor é uma ideia que tem se expandido no país.

Uma das notícias encontradas, por exemplo, publicada pelo Portal Terra, em outubro de 2014, oferece ao consumidor a possibilidade de ele participar de uma colheita de açaí no Pará (PORTAL TERRA, 2014).

A pesquisa também mostrou que a modalidade de viajar, para atender ao mercado, ampliou suas categorias e motes para chamar a atenção do público-alvo, introduzindo novas perspectivas, tais como “tendência”, “nova forma de viajar” e “vivenciar cultura local”.

Tal vivência é considerada novidade pelo mercado que, conforme a pesquisa feita, tem se mostrado consideravelmente cara. Como exemplo, podemos citar uma notícia publicada pelo jornal Folha de São Paulo, que informa ser o custo de uma viagem de vivência algo em torno de R\$ 90 mil (YURI, 2015).

Figura 6 - Reprodução parcial de notícia sobre Turismo de experiência, publicada pela edição online do jornal Folha de São Paulo



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da edição *online* jornal Folha de São Paulo).

O fator preço pode não ser um fator impeditivo para o público consumidor deste produto. Segundo dados citados nesta reportagem, os compradores de pacotes para viver o turismo de experiência pertencem às classes A e B, têm entre 35 e 50 anos e já haviam viajado para fora do estado de moradia nos últimos seis meses. Ainda, pessoas das classes mais ricas não integram este universo de viajantes investigadas neste estudo: apesar de não terem recursos em abundância, estão vivenciando o Turismo de Experiência sem que, para tal, necessitem do intermédio de empresas.

No dia 1º de junho de 2016, a Viajante 3, amazonense, levou viajantes que recebia em sua casa por meio do aplicativo *couchsurfing* para nadar com botos. A jovem não cobrou nenhum valor para possibilitar esta emoção aos seus convidados. Aparentemente também não foi dado nenhum suporte profissional ao passeio. Relatos como este são encontrados nas páginas das outras viajantes estudadas.

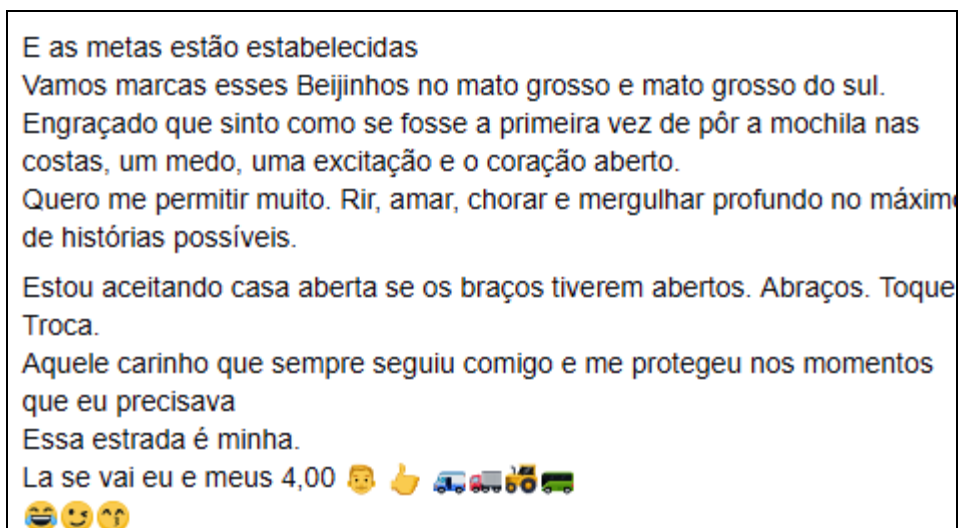
Pereira, Siciliano e Rocha (2015) contribuem para este debate por meio da discussão do conceito de consumo de experiência, o qual, apesar de não incorporar a expressão Turismo, possui características semelhantes ao Turismo de Experiência e se aproxima mais do modo de viagem das investigadas.

Segundo os autores, nesta modalidade de consumo, a pessoa, por meio da imaginação, constrói suas experiências a partir dos produtos e serviços que consome. Há, neste caso, uma grande valorização das sensações e emoções. Ou seja, de acordo com os autores, “consumo de experiência”, ainda que vivenciado coletivamente, será sempre subjetivamente elaborado.

Apesar de os conteúdos narrativos – que emprestam sentido ao “consumo de experiência” serem públicos e poderem ser compartilhados, a elaboração dessa vivência é substanciada individualmente. É o sujeito que dará a forma e imprimirá a intensidade dessa experiência ao suspender a descrença e ao deslocar significados que possibilitem o mergulho na atmosfera da fantasia (PEREIRA; SICILIANO; ROCHA, 2015, p. 10).

Traços do consumo de experiência podem ser percebidos nos relatos de viagem das jovens estudadas. Elas têm uma ideia para aonde irão, mas não necessariamente seguirão os roteiros planejados, deixando espaço para que imprevistos ou inspirações mudem os planos.

Figura 7 - Viajante 3 deixa ao acaso os principais aspectos de suas viagens



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 3*).

As jovens também não sabem quais pessoas irão encontrar e em quais lugares irão dormir, deixando espaço para a imaginação criar histórias, atuando como produtoras ativas de suas viagens.

A pesquisadora também vivenciou experiências que poderiam ser classificadas como turismo de experiência. Nenhuma delas foi intermediada por agências de turismo ou custeada com dinheiro. O *couchsurfing* foi a principal ferramenta que possibilitou a abertura para que estes eventos ocorressem. A seguir, duas histórias de Turismo de Experiência serão relatadas.

Em dezembro de 2014, a pesquisadora recebeu um casal argentino em sua casa situada em Boa Vista (Roraima): Eric e Ayellen, até então desconhecidos. O jovem, que curtia o seu período de férias, ficou doente e contou com a ajuda da pesquisadora durante o seu período de recuperação na capital roraimense.

Posteriormente, a pesquisadora foi passear na cidade natal do seu antigo hóspede, Buenos Aires (Argentina); Eric já recuperado, mas ainda viajando, pediu a sua mãe que a recebesse. A pesquisadora foi acolhida como filha em uma típica casa argentina.

A mãe do jovem afirmava para a pesquisadora que ela iria conhecer a verdadeira Buenos Aires. Então, a pesquisadora teve a oportunidade de comer, no

quintal de um argentino, um churrasco tipicamente preparado e também viu senhoras elegantes dançando milonga um em baile local, fora do circuito turístico. Naquela noite, a pesquisadora era a única brasileira na casa de danças.

Outra experiência, mais recente, ocorreu em dezembro de 2017, em Veneza, Itália. A pesquisadora, guiada pelo italiano Marco, que também foi seu hóspede em Boa Vista (Roraima), teve a oportunidade de conhecer alguns pratos da gastronomia local. Ele também a levou para conhecer a pequena propriedade familiar em que vive e onde produz vinhos e cria animais.

Nestas duas vivências, a moeda utilizada para pagar os momentos vividos foram a amizade e a reciprocidade existentes entre a investigadora e as pessoas que a receberam. Afinal, anteriormente, Eric e Marco já haviam sido hospedados, de forma gratuita, pela pesquisadora. É importante destacar que não havia interesse prévio na troca, não sendo este o motivo que levou a pesquisadora a oferecer hospedagem gratuita.

Após este debate em que propusemos um diálogo entre a visão teórica, mercado e experiência pessoal da pesquisadora, o que podemos afirmar é que o mercado apropriou-se das sensações e de elementos cognitivos, e está transformando espontaneidade em produto. O trecho retirado do material divulgado pelo Sebrae confirma esta afirmação.

O primeiro passo a ser feito é uma pesquisa aprofundada dos aspectos locais que tenham forte apelo sensorial e emocional. Resgate todas as histórias tradicionais do local. Observe hábitos locais que são únicos da região, elementos que você acha curioso. Cultura popular, história, artesanato, gastronomia são fontes ricas de informações para transformar seu serviço em experiência. [...] Relacione as coisas que são características do destino onde está o seu empreendimento e resgate a história do seu empreendimento, o que existia lá antes de ser o seu negócio. A história é um aspecto que vem carregado de sentido, emoção e afetividade (SEBRAE, 2015, p. 17).

Também podemos afirmar que as viajantes demonstram empoderamento ao subverterem a lógica do mercado. Elas vivem o turismo de experiência sem pagar em dinheiro pelas experiências e, na maioria das vezes, as vivências são muito mais autênticas que as vivenciadas pelos consumidores que pagam para as agências de turismo.

4.3 Turistas ou mochileiras: um debate sobre identidade

Ao entendemos que as viajantes vivenciam o turismo de experiência, houve por parte da pesquisadora uma considerável necessidade em classificar se as meninas estudadas seriam turistas ou mochileiras; afinal entender se, de fato, a escolha pelo ingresso em um mundo dito alternativo já seria uma demonstração de empoderamento por parte das jovens investigadas.

Após as primeiras leituras sobre o tema, a convicção era a de que as mulheres, por seu estilo de viagem, deveriam ser classificadas como *backpackers* ou mochileiras, por viajarem com mochila nas costas, pouquíssimos recursos financeiros e, aparentemente, serem adeptas do não consumo. Essa conclusão preliminar, posteriormente descartada por motivos que iremos apresentar ao final deste capítulo, foi obtida a partir dos conceitos que serão apresentados a seguir.

Conforme Serra (2015), o turismo é conceituado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização Mundial de Turismo (OMT) como “a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado”.

Após acessar bibliografia acerca do tema, percebemos que há muitas divergências teóricas entre os autores quanto às categorias “turista” e “*backpacker*” ou “mochileiras”, a depender da área de estudo do pesquisador (turismo, *marketing*, antropologia, dentre outras). Neste momento, optamos, portanto, denominar as quatro mulheres deste estudo, genericamente, de viajantes.

Conforme alertam Figueiredo e Ruschmann (2004), são muitas as interpretações dessas duas categorias que ora se aproximam, ora se distanciam. Segundo as autoras, isso se deve ao fato de as ideias de viagem, turismo, viajante e turista terem sido construídas de modos diferentes, ao longo dos anos na literatura e nos relatos.

Figueiredo (2010) atribui esta tensão entre os conceitos ao poder econômico. Conforme o autor, o turista começa a se transformar em estereótipo e o conceito e a prática afastam-se cada vez a partir do momento em que há a expansão da “indústria turística”.

Desta forma, o turismo torna-se algo destinado apenas para os privilegiados, conforme Ferrara (1999).

Os lugares visitados, sob a égide da sociedade de consumo, tornam-se mercantilizados, produtos a serem consumidos. Nesse sentido, pela lógica do mercado, tem-se a premissa de que quanto mais exclusivo mais valorado. Sendo assim, viajar constitui uma atividade que “não é comum a todos, mas destina-se apenas aos privilegiados que podem virar turistas” (FERRARA, 1999, p. 20).

Segundo Bastos ((2006), Urry (2001) e Sousa (2004) apud FALCÃO, 2016)), os turistas de “pacote” são apontados como sujeitos “despreocupados” e “ignorantes” quanto à história e à cultura local, pagando para realização de seus sonhos e guardando os artefatos dos lugares que visitam como troféus a serem exibidos quando da volta a seus lugares de origem.

Oliveira (2007) classifica de *backpackers* os turistas que não estão preocupados com luxo e conforto, mas sim com segurança, higiene e praticidade. Seus restritos recursos financeiros, mais por uma questão de opção que por limitação, reduzem suas despesas com hospedagem, alimentação e transporte, em benefícios de atividades que proporcionam maior prazer e satisfação ou, até mesmo, para o prolongamento da viagem.

Loker-Murphy e Pearce (2005 apud OLIVEIRA, 2005) classificam de *backpackers* os turistas jovens que organizam o itinerário das suas viagens de forma mais independente, flexível e econômica, por períodos longos e que priorizam o encontro com outras pessoas (do local ou estrangeiras) e buscam conhecer vários destinos.

Para além da discussão econômica, Falcão (2015) define as viagens com mochila como estilo de vida, uma prática de ócio das sociedades contemporâneas; destaca que esta modalidade de viajar corresponde a uma oposição às viagens pautadas pelo modelo hegemônico.

“Mochilar” representa uma dinâmica de lazer que se constitui por uma forma de viajar alternativa e tensiona o modelo hegemônico de viagens turísticas. Mochileiros não utilizam pacotes de viagens e procuram organizar seus roteiros de forma mais autônoma. Segundo os mochileiros, mais que uma prática alternativa de viagem, ser mochileiro representa um estilo de vida (FALCÃO, 2015, p. 15-16).

Deste modo, a possibilidade de ir e vir constitui um elemento presente nessa prática. “Donos do próprio desejo”, os mochileiros têm como uma das características marcantes a liberdade para a mobilidade. Eles não se fixam em lugar algum. A potencialidade para o movimento implica uma não fixação de tempo e de espaço.

Além de conceituar *backpackers*, muitos estudiosos estabelecem comparações entre o que é ser mochileiro (também chamado por alguns apenas de viajantes) ou turista. É interessante perceber essa aparente necessidade de categorização, compartilhada entre os pesquisadores e os próprios viajantes.

Pensando no sujeito viajante, Ferrara (1999, p.19) afirma que, de forma geral, ele é movido, primeiramente, por um sentimento de liberdade, de vontade, por um desejo de ir em busca do “dessemelhante. A autora vê o turista como o sujeito que procura passivamente apenas o exótico, viaja por curiosidade e ociosidade. Também define viagem como “o olhar que se desloca” (FERRARA, 1999, p. 17) e o turismo como “o olhar que se concentra” (Ibid., p. 20). Para a autora, o que diferencia as duas categorias são as motivações que as impulsionam.

Ao refletir sobre a diferenciação trazida pelas diferenças acerca do mochileiro e turista, percebemos que a linha que separa as duas categorias é mais tênue que o previsto e quão desafiador pode ser tentar encaixar subjetividades em conceitos. Por exemplo, ainda que haja relativa unanimidade dos autores em relação aos mochileiros serem mais “livres” do consumo, nas *fanpages* pesquisadas é possível encontrar fotos dos viajantes em monumentos conhecidos, “canônicos”. O que pode mudar é a forma por meio da qual esta modalidade de viajante usa para chegar ao local, seja por uma questão de economia de dinheiro, seja por querer autonomia (SONTAG, 2003).

Aoqui (2005) aponta, ainda, que os mochileiros também fazem parte de um nicho de mercado já captado pela indústria turística:

[...] populares entre os jovens de diversos países desenvolvidos, especialmente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Holanda, na Alemanha, na Austrália e no Japão, os comportamentos dos viajantes dessas diferentes nacionalidades são bastante similares. Isso ocorre em função de esse grupo possuir uma mídia paralela de viagem que são os guias de viagem, tipo Lonely Planet e RoughGuide. Assim, os turistas *backpackers* leem os mesmos guias, frequentam os mesmos meios de hospedagem e visitam as mesmas atrações (AOQUI, 2005, p. 80).

Essa colocação de Aoqui (2005) diverge da necessidade de autenticidade pontuada por Cidade (2012), já que ressalta a “massificação” dentro do próprio movimento mochileiro. “A aventura para os mochileiros começa no planejamento da viagem. Esse planejamento é feito de forma meticulosa, cuidadosa e visa conseguir a maior quantidade de informações possíveis. O grau de aventura que o sujeito intenciona vivenciar fica explícito no tipo de roteiro que ele monta e por quais caminhos escolhe seguir”.

Apresentados os conceitos, fazemos algumas ponderações; a primeira delas é que há classificações em relação a universos distintos, como, por exemplo, a classificação estatística de um órgão público como o Ministério do Turismo (MTUR), o qual possui interesses como os de registro, controle e regulação. Também trouxemos as visões da academia, em seus diferentes campos disciplinares sobre o que é ser mochileiro ou turista.

Também refletimos que nenhuma das classificações apresentadas sobre as categorias deve ser considerada mais correta que a outra, já que elas apenas atendem a objetivos diferentes. O conceito formulado pela Organização Mundial do Turismo, por exemplo, serve para quantificar e gerar estatísticas acerca do fluxo desse tipo de deslocamento específico que se convencionou chamar turismo.

Além disso, entendemos que as classificações existentes revelam muito mais a forma como o autor em questão vê o mundo, a sociedade, as viagens e o mercado, do que sobre o estilo de viagem das pessoas, em termos específicos.

Desta forma, chegamos à conclusão que identificar se as viajantes são mochileiras ou turistas, se gastam dinheiro ou não em suas viagens, se consomem produtos do turismo de massa ou não, torna-se relativamente insignificante. O importante é compreender qual sentido elas atribuem a essas práticas dentro das

narrativas que apresentam em suas *fanpages*. Essa reflexão nos conduziu ao conceito de identidade.

Diversos autores refletem e buscam definir identidade. O conceito gerou um grande número de estudos. De maneira que, Lemon (2010 apud MACEDO; CABECINHAS; MACEDO, 2011) sintetiza o conceito em três aspectos: 1) a identidade é uma construção discursiva muitas vezes revelada nas histórias que as pessoas contam sobre elas; 2) as identidades estão sempre em movimento; e 3) as identidades culturais e nacionais consistem em resultado da negociação de diferentes perspectivas sobre semelhanças e diferenças.

Ou seja, a partir do que afirmam os teóricos, podemos afirmar que as viajantes pesquisadas, ao disponibilizarem suas histórias de viagem no *Facebook*, estão construindo identidades tanto para si quanto para os seus seguidores.

Também podemos dizer, a partir do fato de que as identidades estão sempre em movimento, que as pessoas transitam entre papéis sociais, avançando e recuando. No caso específico das viajantes investigadas, embora tenhamos afirmado anteriormente não ser necessário classificar as tipologias de viagem, identificamos que as viajantes investigadas ora agem como mochileiras e ora como turistas.

Podemos citar o que ocorre com a Viajante 1 que, ao encontrar-se com o namorado durante sua viagem à Colômbia, assumiu outro papel e passou a fazer passeios considerados caros para um mochileiro.

Embasada na teoria apresentada, uma vivência tida pela pesquisadora em novembro de 2017 também pode ser considerada uma ilustração para a compreensão do conceito de identidade.

Lisboa, Portugal, fim de tarde, novembro de 2017, a Andréa pesquisadora comemora sozinha o sucesso da apresentação de um artigo científico em seu primeiro congresso internacional. Na mesma cidade, no mesmo dia, quase meia noite, a Andréa viajante percorre as ruas da capital portuguesa para pegar o último metrô que a levará para o aeroporto. A Andréa mulher que sabe dos riscos que o

gênero feminino sofre ao andar sozinha na rua sente receio e acelera a sua caminhada.

Então, ela, sem querer, vê-se refletida em um espelho de uma loja: ela e sua grande mochila rosa. A sensação é de uma espécie de susto e um questionamento surge em sua mente: quem é essa garota? Em quem me tornei? Vários sentimentos a invadem, tais como orgulho por estar viajando sozinha, saudades de quando eu era mais vaidosa. A teoria estudada durante o mestrado traz a resposta que ela precisa: você não é! Você está! Você é várias e, ao mesmo tempo, nenhuma. Ou melhor; não se preocupe em encaixar-se em rótulos. Construa-se como quiser.

A partir do breve panorama teórico apresentado, com o objetivo de entender qual identidade essas viajantes constroem na rede social estudada, recorreremos aos conceitos de campo e *habitus* trazidos por Pierre Bordieu (2004).

Os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam os espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. Um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer, é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes (BOURDIEU, 2004, p. 23).

O autor comenta, ainda, como devem agir os interessados em participar de uma comunidade científica. Para ingressar neste campo, segundo ele, é preciso atender a uma série de requisitos e regras, tais quais realizar cursos, obter diplomas, publicar e construir um currículo Lattes, no caso brasileiro.

Bordieu (2004) define por *habitus* as categorias, percepções que orientam nossas condutas, tornando-as significativas. Ou seja, todas as nossas condutas são orientadas em relação a determinados fins sem que este processo seja consciente ou signifique uma obediência cega às regras. É como se tivéssemos construído, de forma internalizada, o sentido do jogo, o que nos faz entender, conhecer as regras e poder jogar (MATOS, 2011, p. 8).

As viajantes estudadas incorporaram algumas das premissas fundamentais para manterem-se no campo da viagem econômica, mas não as reproduzem pura e simplesmente; adaptam-nas para satisfazer suas necessidades básicas, suas felicidades e o sentimento de que são contra-hegemônicas.

Por meio da observação das postagens, podemos dizer que o campo das viagens alternativas também possui regras para ingresso e permanência, assim como a garantia de conquista do público, mensurada pelo maior número de “curtidas” nas páginas.

Nas páginas de viagens alternativas estudadas, percebemos que o maior número de interações de internautas ocorre quanto mais exclusivo e de difícil acesso for o local visitado pela viajante. Podemos dizer que estes são exemplos de capital simbólico das viajantes.

Ainda considerando Bordieu (2004), surge mais uma pergunta: quais seriam os *habitus* adotados pelas produtoras das páginas estudadas? Analisando as postagens, percebemos várias semelhanças entre as viajantes, entendendo como elas “jogam” no campo em que escolheram viver: a estrada, sem ou com pouco dinheiro.

As jovens costumam avisar qual o próximo destino que irão visitar com certa antecedência e assim, na maioria das vezes, conseguem “pouso”. Nem sempre pedem hospedagem de forma explícita e, ainda assim, conseguem lugar para ficar.

As viajantes, em geral, adotam visual “descolado” e pouco apegado à vaidade: cabelos desarrumados e nenhuma maquiagem. Esta talvez seja uma despreocupação ocasionada pela vontade em curtir a viagem intensamente, sem se preocupar com aspectos “menores”, em suas visões.

Apresentada essa discussão sobre identidade, chegamos a algumas conclusões. Entendemos que as jovens pesquisadas avançam e recuam entre o resistir e o consumir. Ou seja, em alguns momentos as viajantes são alternativas, adotando atitudes contrárias aos modelos de vida impostos pela sociedade, e em outras situações elas rendem-se à cultura do consumo e assumem posturas convencionais.

4.4 Mulheres jovens viajando “sozinhas”: empoderamento feminino e construção de si

Para definir juventude, inicialmente, considerávamos a faixa etária trazida pelo Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) para definir juventude: “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”.

No decorrer do trabalho, alteramos a nossa compreensão a partir dos conceitos trazidos por Dayrell (2003), em seu estudo sobre jovens da camada popular.

Segundo o teórico, a juventude não pode ser reduzida a uma simples passagem de tempo e não podemos desprezar a grande influência do meio social neste processo.

Eles são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Acreditamos que é neste processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído (DAYRELL, 2003, p. 43-44).

No caso das jovens investigadas, entendemos que o meio social que interfere na formação de suas identidades é a estrada e as pessoas que elas conhecem no caminho. As experiências tidas no decorrer da viagem, somadas ao que elas já possuem dentro de si, contribuem para a construção de suas identidades.

Ao considerarmos que estamos abordando mulheres jovens inseridas na atualidade, trazemos João Freire Filho (2010) e o seu conceito de cidadão-consumidor. Conforme o autor, o jovem hoje exerce o livre exercício da escolha, entre uma enorme variedade de opções estruturadas pelo mercado. “Os cidadãos-consumidores não são apenas ‘livres para escolher’, mas obrigados a serem livres, a entender e a levar suas vidas em termos de escolha” (FREIRE FILHO, 2010, p. 97).

Ou seja, a modernidade cria modelos, padrões e são dadas “opções” de quais identidades assumir. O que nos chama a atenção é que, apesar de as viajantes,

assim como todos os jovens, serem obrigados a escolher uma identidade, elas optaram ser mochileiras, e não donas de casa, por exemplo. Escolheram ocupar um papel social alternativo, o que nos leva as enxergamos como mulheres em processo de empoderamento.

São mulheres como Maria José Coni e Maria Menegazzo, que viajavam “sozinhas”, sem a companhia de homens, em Montañita, Equador, em fevereiro de 2016, no estilo *backpacker* ou “mochilão”, quando foram assassinadas¹⁷. Além da comoção causada na Argentina e em toda América Latina pela tragédia, o sentimento de indignação tomou conta das pessoas nas redes sociais, por causa de críticas feitas às viajantes, inclusive por autoridades, responsabilizando-as pelo ocorrido, já que as duas viajavam “sozinhas”. Rapidamente, surgiu no *Twitter* a *hashtag* #viajosola, adotada pelas usuárias da rede social para defender o direito de mulheres viajarem entre mulheres, ou totalmente desacompanhadas, e também em relação ao questionamento de que não estavam sozinhas, pois uma fazia companhia à outra.

Estes fatos, aliados às discussões suscitadas sobre o direito de as mulheres poderem ser e estar como, quando e onde quiserem, culminaram no debate sobre empoderamento feminino. O conceito é assim definido por Cortez (2006).

O reconhecimento das restrições sociais a que essa categoria está submetida, por ser compreendida como o “elo mais fraco” da relação homem-mulher, e da necessidade de reversão dessa situação, fazendo-se notar por mudanças em um contexto amplo (inserção em cargos políticos, aumento da escolaridade, acesso a educação não sexista e a serviços de saúde adequados), e também em contextos mais específicos, ou individuais (aumento na autonomia e na autoconfiança das mulheres) (CORTEZ, 2006, p. 10).

A dimensão, apresentada na citação acima, vai ao encontro do que Touraine (2007) chama de “construção de si”. Segundo o autor, “mulheres se colocam diante delas mesmas com um olhar que percebe e avalia o que elas são, partindo da consciência delas mesmas e daquilo do que elas querem ser” (TOURAINÉ, 2007, p. 43).

¹⁷ Esse episódio foi relatado na introdução desta dissertação.

Segundo Touraine (2007), a análise social deve ter como principais objetivos os atores, constituídos pelas suas relações sociais, direitos culturais e historicidade. As mulheres, neste paradigma, são atrizes de suas vidas e a figura principal do sujeito, pois somente é possível compreender as mudanças sociais da atualidade por meio das palavras e das suas ações. Isto se deve, de acordo com o autor, porque as mulheres têm buscado a supressão da dominação masculina sobre a mulher com a reunificação da vida social e pública, a sexualidade, o espírito e a relação homens entre homens e mulheres, promovendo um mundo para além destas dicotomias.

Embora Touraine (2007) chame este movimento de “construção de si”, podemos considerar que, ao se conhecerem, as mulheres estão tomando poder sobre suas vidas, como atrizes da sua história, fazendo suas próprias escolhas e resistindo às identidades socialmente impostas, ou seja, tomando poder sobre suas próprias vidas, o que pode ser conceituado como empoderamento. Por isso, quando mulheres, contra todas as expectativas, saem do ambiente privado e ganham o mundo, sem a tutela masculina, estão quebrando paradigmas, resistindo a identidades impostas a elas e criando novas formas de representatividades.

Neste movimento de empoderamento e “construção de si”, podemos, ao analisar o discurso sobre e das mulheres, verificar as forças centrípetas e centrífugas em conflito (BAKHTIN, 2002) que as constituem, social e historicamente. Segundo Bakhtin (2002), as forças centrípetas são aquelas de homogeneização, unificação e centralização do discurso dominante, enquanto as forças centrífugas provocam um movimento de descentralização, procurando resistir e se afastar das vozes dominantes.

No que tange à discussão de empoderamento das mulheres, há forças centrífugas e centrípetas em tensão, na “construção de si” e na tomada de poder sobre as suas próprias vidas e, conseqüentemente, agindo na formação de contradições inerentes na sua constituição como atrizes e sujeitos. Isto quer dizer que, embora haja um movimento heterogêneo de mudanças sociais e culturais agindo como forças centrífugas, há forças centrípetas de homogeneização do discurso e resistente às transformações. Deste modo, as mulheres vão assumir

características das forças em conflitos, construindo-se mulheres centrípetas e/ou centrífugas.

Por exemplo, as mulheres viajantes podem, imbuídas de forças centrífugas, dissonar das vozes dominantes, ao viajarem “sozinhas”, impregnadas de valores sociais de conservação da ordem de dominação masculina, de não respeitar a sua dignidade sem a presença de um homem como acompanhante. De outro modo, por meio de forças centrípetas, podem ceder e/ou manifestar ações, voltadas à reprodução e homogeneização desse discurso, quando, por exemplo, assumem uma postura de não se mostrarem atraentes ou vaidosas a fim de não chamarem a atenção masculina, por exemplo.

5 CONSTRUÇÃO DE SI: AS VIAJANTES E A IDENTIDADE QUE CONSTROEM EM SUAS PÁGINAS VIRTUAIS

Neste capítulo que antecede a análise do discurso das viajantes, e com o objetivo de compreender seus papéis nas diferentes manifestações discursivas em suas páginas, detemo-nos na historicidade destas mulheres e nos assuntos elas mais abordam em suas páginas, para.

Traremos um exemplo de postagem para a categoria que mais foi percebida pela pesquisadora em cada uma das páginas estudadas, assim como a descrição das fotos utilizadas pelas viajantes, visto ser este um elemento que colabora para a composição do discurso.

Também nos interessa entender, a partir do conceito de construção de si de Touraine (2007), quais identidades as viajantes constroem em suas páginas a partir dos discursos que apresentam no *Facebook*.

Este capítulo está dividido em três subseções para cada uma das viajantes: a) temas abordados nas páginas; b) caracterização das *fanpages*; e c) detalhamento da vida pessoal.

5.1 Viajante 1

5.1.1 Assuntos abordados

De 1 de janeiro a 30 de junho de 2016, 149 postagens foram categorizadas na *fanpage* da Viajante 1, trazendo 21 categorias, com base na análise de seu conteúdo temático, distribuídas da seguinte forma, em ordem decrescente: diário (19), empoderamento (17), fãs (16), motivacional (14), foto-legendas de assuntos

diversos (14), pedido de ajuda (13), interação com o público (12), mochileiro (11), hospedagem e alimentação (10), carona (9), sobre os lugares (9), dicas (6), vida pessoal (4), indicação de outras páginas (4), em casa (3), brincadeiras (3), *checking* nos lugares que visita (2), divulgação *Instagram* (1), *publipost* (1), produto (1) e companhia presencial (1).

Algumas postagens encaixaram-se em duas ou mais categorias. Além disso, o *Netvizz* trouxe a informação que a Viajante 1 postou 175 vezes no primeiro semestre de 2016. Ressaltamos que foram excluídas da análise as postagens que traziam apenas fotos.

A *fanpage* da Viajante 1, conforme classificação da pesquisadora, aproxima-se, predominantemente, da noção de diário de viagem, com postagens. Em 21 de abril de 2016, por exemplo, ela “escreve em seu diário” sobre lidar com as saudades de casa e da estrada. Na foto utilizada na postagem, ela mergulha em um mergulho em rio verde, rodeada de peixes.

Figura 8 - Postagem em que a Viajante 1 fala sobre a dificuldade em lidar com as saudades de casa e da estrada



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 1).

A segunda categoria de postagens existente na *fanpage* é empoderamento, com 17 postagens. Nestas postagens, a Viajante 1 fala sobre: ser mulher viajante; o preconceito das pessoas ao afirmarem que ela só consegue viajar desta maneira por ser mulher; e o processo de se libertar da obrigação de alisar seu cabelo.

Com 16 postagens, a terceira categoria mais presente, conforme as definições da autora, diz respeito às fãs. Nestas postagens, a Viajante 1 responde perguntas de seguidores, traz *links* de entrevistas que concedeu e relatos de pessoas que a ajudaram, de alguma forma, em sua viagem.

A quarta categoria de postagem mais encontrada em sua *fanpage* trata de postagens motivacionais, em especial relacionadas às viagens, para inspirar as pessoas a fazerem o mesmo que ela ou a buscarem suas respostas. Ela fez 14 postagens deste tipo no primeiro semestre de 2016.

5.1.2 Descrição da página

A Viajante 1 apresenta a sua página com a seguinte chamada: “acompanhe o dia a dia de uma menina do interior do MS que resolveu viver a vida de uma maneira diferente: viajando de carona/*bike* e trabalhando pelo caminho”.

Na parte dedicada à apresentação da página, na aba “Sobre”, consta o *e-mail* utilizado pela viajante para criação da *fanpage*. Ainda neste espaço, há uma parte que o *Facebook* intitula como “História”. Neste espaço, a viajante disponibiliza um *link* para a comercialização de uma cartilha por ela produzida.

Na foto de perfil da página virtual, a jovem está em uma estrada deserta a ser percorrida de bicicleta.

Figura 9 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 1



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 1*).

No papel de parede que ilustra a *fanpage*, a viajante está lendo um livro, dentro da sua barraca de *camping* (utilizada para dormir quando não consegue hospedagem em residências). A paisagem, em local desconhecido, é rural. No varal instalado próximo à barraca, algumas roupas estão secando.

Figura 10 - Papel de parede da página virtual da Viajante 1



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 1*).

No total, em consulta realizada no dia 31 de agosto de 2017, 44.459 pessoas “curtiram” a página. A viajante disponibiliza na sua página a informação pública de que curtiu outras sete páginas, todas de viagem em estilo mochilão. A publicação fixada no topo da página, em 31 de agosto de 2017, é datada do dia 09 de março de 2017, e traz a Viajante 1 comemorando o dia em que completou um ano de viagem de bicicleta. A seguir, a transcrição de um pequeno trecho da postagem:

Figura 11 - Postagem em que a Viajante 1 comemora um ano de viagem em bicicleta



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da Fanpage da viajante 1*).

Na *fanpage*, é possível encontrar um espaço destinado às publicações de visitantes. Das duas que comparecem, uma delas é R.S., relatando a interação que teve com a Viajante 1.

A *fanpage* da Viajante 1 disponibiliza a ferramenta “Fale Conosco”. Ao clicar, o seguidor é direcionado para uma postagem do dia 1 de setembro de 2016, na qual a viajante divulga uma cartilha que, conforme detalha, traz “o beabá de sua história (como começou, o que levar, que equipamentos precisa, como escolher, o que

comprar, dicas de carona etc.)”. Dados bancários são informados para os interessados no produto, que assim podem colaborar para a continuidade da viagem da jovem. A postagem traz mil “curtidas”, 13 compartilhamentos e 41 comentários.

Na barra vertical localizada na esquerda da *fanpage*, há uma parte chamada “Comunidade”. Ao clicarmos, temos acesso às fotos e postagens feitas pelos visitantes da página, como por exemplo, uma caricatura da Viajante 1 postada por um seguidor.

A página é classificada com 4,9 estrelas a partir de 206 avaliações feitas por seguidores. A maioria das avaliações traz elogios à iniciativa da Viajante 1 em viajar sozinha, palavras de incentivo, afirmações de que ela é uma inspiração e, também, dúvidas de seguidores de como devem agir no caso de uma viagem como a dela.

5.1.3 Informações pessoais

A Viajante 1, em 2016, postou sete vezes sobre sua vida pessoal na *fanpage*. Por meio das postagens, foi possível traçar um breve perfil sobre a viajante, que serão detalhados neste texto.

A postagem de 18 de janeiro traz seus planos de vida: viajar, comprar uma casa, trabalhar com o que lhe dá prazer e comprar um carro com carroceria para poder dar carona.

Em uma postagem de 9 de fevereiro, ela informa sobre a doença de uma prima e do namorado.

Em 8 de maio, a viajante traz a foto da sua mãe, que também é adepta de caronas.

Em 18 de junho, a Viajante 1 traz a foto do irmão com uma sobrinha. A partir disso, sabemos que ela não é filha única.

Em 22 de setembro, ela fala um pouco mais do seu namorado, comentando que a relação é alvo de críticas devido ao seu estilo de viagem. No mesmo *post*, ela informa que ele é paulista e que, antes, não fazia viagens como as dela.

Por fim, em uma postagem de 7 de novembro, ela conta que conheceu o namorado em 2012.

5.2 Viajante 2

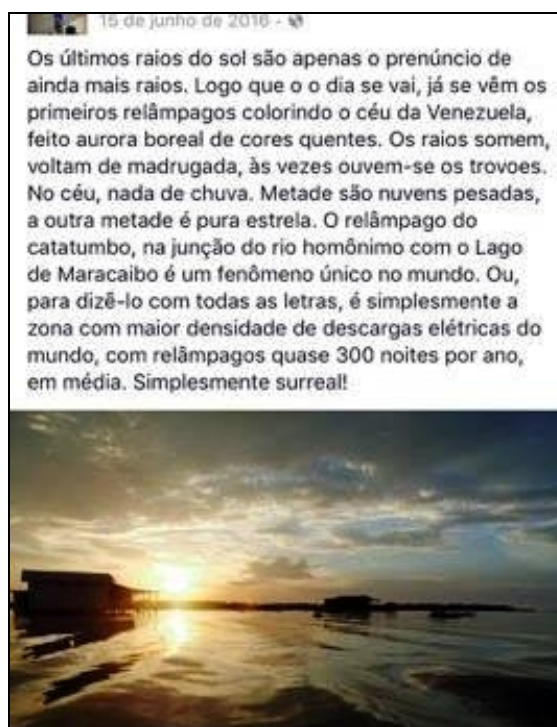
5.2.1 Assuntos abordados

De 1 de janeiro a 30 de junho de 2016, 120 postagens foram categorizadas na *fanpage* da Viajante 2 com base em seu conteúdo temático, organizadas em 14 categorias e distribuídas em ordem decrescente: (33) sobre locais visitados, (19) divulgação *Instagram*, (14) vendas de produtos feitos pela viajante, textos literários (8), (8) empoderamento, (8) atitudes mochileiras, (7) relação entre celebridades e fãs, (5) *selfies*, (5) motivacionais, (3) dicas, (3) diários, (3) críticas sociais, (2) relatos sobre sua vida pessoal e (2) interações com seguidores.

Esclarecemos que algumas postagens podem ser alocadas em duas ou mais categorias, e que o aplicativo *Netvizz* traz a informação de 123 postagens. Este número menor de *posts* deve-se ao fato de exclusão das postagens que trazem apenas fotos.

A *fanpage* da Viajante 2 foca, predominantemente, nos lugares por ela visitados, o que, no primeiro semestre de 2016, fez 33 vezes de diferentes formas: ora descrevendo os locais, ora trazendo o contexto histórico do lugar e com foto-legendas. Na postagem do dia 15 de junho de 2016, ela faz, poeticamente, a descrição de uma paisagem da Venezuela. Ela usa uma foto do que parece ser um entardecer em uma praia venezuelana.

Figura 12 - Postagem em que a Viajante 2 apresenta os locais que visita



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 2*).

A segunda categoria de postagens na *fanpage* trata da divulgação da outra rede social da jovem, o *Instagram*, 19 vezes no total. A estratégia utilizada pela viajante foi colocar fotos bonitas dos lugares que visitou e informar que havia mais registros como aqueles no *Instagram*.

A terceira categoria de postagem mais encontrada em sua *fanpage* trata da venda dos produtos por ela produzidos: um manual para viagens econômicas e um livro sobre sua viagem ao Marrocos. Foram 14 postagens dessa categoria no total. É importante salientar que, ainda que venda o manual com dicas de viagem, a jovem, no dia 21 de março disponibilizou, gratuitamente, um *link* com acesso gratuito ao material.

Também é relativamente frequente na página da viajante a temática empoderamento feminino, tendo esse tema objeto de comentários por 8 vezes no primeiro semestre de 2016. Na primeira postagem, dia 22 de janeiro, a jovem afirma que ainda é raro mulheres darem carona. Em 8 de março, Dia Internacional da Mulher, ela reflete sobre o ser mulher, o que nos remete a Touraine (2007). Ela diz: “não é uma guerra contra os homens. Esta é uma guerra com os homens contra o

machismo”. Na mesma postagem, ela convida as meninas a saírem dos seus quartos e lutarem por espaço. A viajante mostra estar atenta aos crimes praticados contra mulheres viajantes.

No dia 2 de março, ela apresenta um *link* sobre a morte das viajantes argentinas no balneário equatoriano, Montanita. Em uma postagem do dia 11 de julho, ela lembra a morte da viajante Dahlia Yehia: a americana viajou para o Nepal para auxiliar vítimas de um terremoto e foi assassinada pelo homem que a hospedava, a quem havia conhecido por meio de um aplicativo de hospedagem solidária. Apesar de a Viajante 2 também contar com homens seguidores, percebemos que a mensagem é direcionada apenas às mulheres que a seguem, em função da utilização de artigos no feminino.

Em quinto lugar, com 8 postagens, a Viajante 2 traz relata o universo chamado mochileiro, no qual ela, aparentemente, está inserida. Em uma postagem do dia 10 de março, a jovem tira uma foto em um carro velho, representando o pedido de carona, hábito comum entre os mochileiros; no dia 8 de agosto, ela volta a se afirmar como tal. Uma foto trazendo esta mesma temática também já foi foto de perfil da viajante em 04 de abril de 2016. Numa postagem de 25 de junho, ela mostra que não se identifica com o perfil de turista: para a viajante, não é bom ter “cara de turista” em Cuba. Apesar disso, em 27 de setembro, diz, em tom descontraído, merecer um dia de turista.

5.2.2 Descrição da página

Na parte dedicada à apresentação da página, intitulada “Sobre”, ao clicarmos em “Ver tudo”, constam as seguintes informações: a data de criação da página, maio de 2013, e o *e-mail* utilizado pela viajante para criação da *fanpage*.

Ainda neste espaço, há uma parte reservada para “História”, na qual a viajante escreveu: “Histórias que inspiram. Viagens que cabem no seu bolso”.

A foto de perfil traz a capa do livro e *ebook* produzidos pela produtora da *fanpage*, nos quais ela narra sua viagem por Marrocos. A foto que ilustra o exemplar mostra a jovem com o dedo estirado em uma estrada, representando um momento em que pede carona.

Figura 13 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 2



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 2).

No papel de parede que ilustra a *fanpage*, está a parte do mapa-múndi com algumas marcações, representando, possivelmente, os países em que a viajante já esteve.

Figura 14 - Papel de parede utilizado pela Viajante 2



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 2).

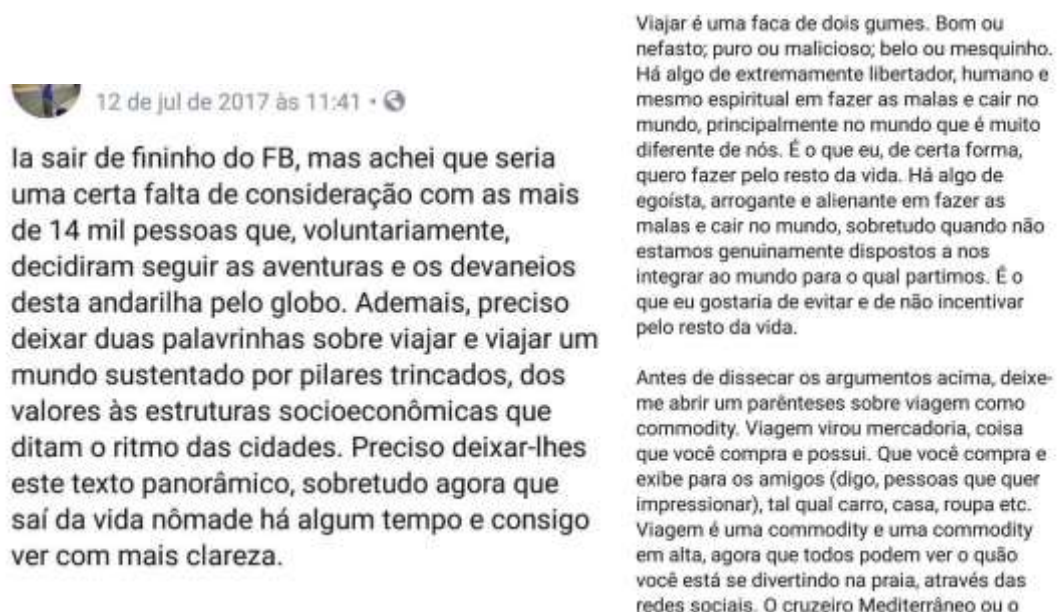
A página foi por ela classificada como *site* de locais e viagens. No total, em consulta realizada no dia 31 de agosto de 2017, 14.195 pessoas “curtiram” a página, das quais 14.005 são seguidores. A viajante disponibiliza a possibilidade do diálogo direto do seguidor com ela por meio da ferramenta *Messenger*¹⁸.

Na página, não consta a informação pública acerca das *fanpages* por ela “curtidas”. Não sabemos afirmar se a jovem ocultou esta informação ou se, de fato, não segue nenhuma outra página.

A publicação fixada no topo da página, em 31 de agosto de 2017, é datada do dia 12 de julho de 2017 e traz um grande texto da Viajante 2, informando e justificando que não iria mais atualizar a página por meio de uma reflexão sobre viagem como *commodity*, em sua visão. A seguir, a transcrição de um pequeno trecho da postagem:

¹⁸ Serviço de mensagens instantâneas e aplicação de software que fornece texto e comunicação por vídeo

Figura 15 - Reprodução parcial da postagem em que a Viajante 2 explica o encerramento da sua fanpage



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 2*).

A página não traz avaliações de seguidores e, consequentemente, não possui classificação quanto ao número de estrelas. A *fanpage* traz *links* na coluna verticais, sobre notas e eventos. O primeiro *link* direciona o seguidor para notas sobre as cidades visitadas pela viajante, a maioria em formato de diário. O segundo *link* traz alguns eventos promovidos pela jovem, sendo eles: Vamos falar sobre viagens? (11/06, no MASP - Museu de Arte de São Paulo); Lançamento do livro (17/12); e Vamos falar de viagens? (28 de fevereiro, no vão livre do MASP).

5.2.3 Informações pessoais

O perfil da Viajante 2, apresentado a seguir, foi traçado unicamente a partir do que ela revelou sobre sua vida pessoal, em aspectos não relacionados a viagens, em sua página no *Facebook*. Nove postagens foram encontradas no total no período de 1 de janeiro de 2016 a 31 de janeiro de 2016.

A Viajante 2 nasceu em Minas Gerais, em 13 de maio de 1986. Ela é solteira, sem filhos, e não possui bens materiais como casa e carro. Tais informações tornam-se públicas no *post* em que fala da passagem do seu aniversário. A jovem concluiu o ensino superior e afirma ser fluente em seis línguas.

A Viajante 2 tem ao menos um irmão, apresentado em uma postagem em que a viajante está pedindo carona em sua companhia.

Outros detalhes da vida privada da viajante são trazidos para a *fanpage* em algumas postagens: a Viajante 2 queria ser astronauta quando criança, desejo que revela quando publica a foto de uma cápsula; ainda, confessa ter tido medo de assombração quando estava fazendo um passeio pela Transilvânia.

Também, por meio da página, é possível saber que a jovem já passou por cirurgias, informação divulgada quando ela está com receio de ir para a Rússia por causa do frio extremo.

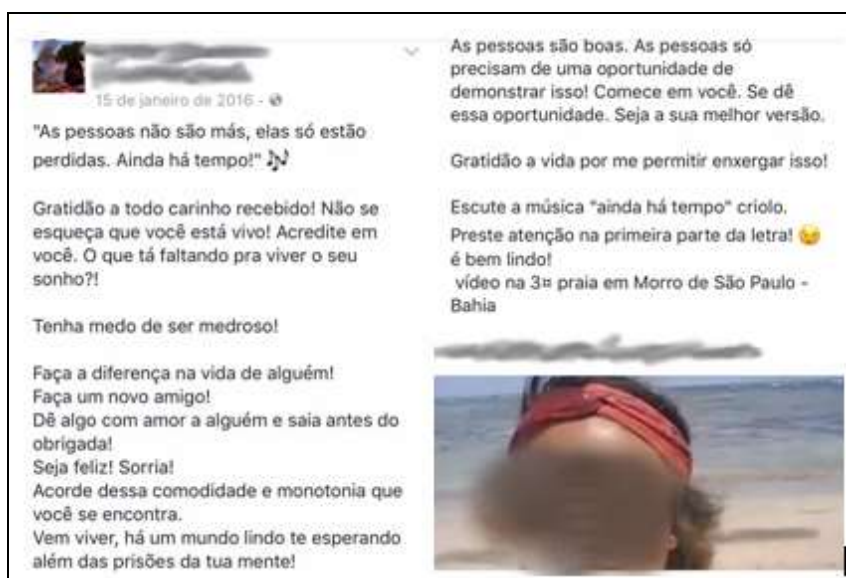
5.3 Viajante 3

5.3.1 Assuntos abordados

De 1 de janeiro a 30 de junho de 2016, 177 postagens foram organizadas na página da Viajante 3 em 26 categorias, distribuídas em ordem decrescente: 33 motivacionais, 23 empoderamento, 16 mochileiro, 16 diário, 15 agradecimentos, 7 vida pessoal, 7 caronas, 6 presentes que ganhou, 6 declaração de amor à viagem, 6 divulgando *Instagram*, 5 buscando visibilidade para página, 4 fotos-legendas dos locais, 4 sobre celebridade, 4 falando de outras mochileiras, 4 com a viajante como personagem central, 3 pedidos de ajuda, 3 sobre ausência de viagens, 3 sobre fãs, 2 estimulando interações, 2 participando de festivais, 2 a respeito de humor, 2 indicando *fanpages*, 2 com dicas de locais, 1 explicando a página, 1 procurando companhia e 1 sendo anfitriã. Algumas postagens encaixaram-se em duas ou mais categorias, resultando um número maior do que o indicado pelo aplicativo *Netvizz*.

A partir da análise do conjunto de *fanpages* poderíamos afirmar que a página da Viajante 3 busca, predominantemente, ser motivacional, já que, em um semestre, foram feitas 33 postagens desta natureza. As postagens são diferentes, sendo algumas com frases curtas, textos longos e frases de outros autores, dentre outros. Por exemplo, em 15 de janeiro, ela diz para não termos medo e que devemos fazer a diferença na vida de alguém. Para a postagem, a viajante utiliza uma foto em que está sorridente em alguma praia não identificada. Atrás dela, está escrito, na areia, o nome da sua *fanpage*.

Figura 16 - Exemplo de texto motivacional postado pela Viajante 3



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 3).

Em seguida, estão as postagens relacionadas ao gênero feminino e empoderamento. Ela responde a questionamentos de fãs sobre viajar sozinha, usa a *hashtag* *mulher caroneira* e lembra o assassinato das viajantes argentinas.

A categoria "mochileira" ocupa a terceira posição em relação ao maior número de postagens, totalizando 16 e empatando com a categoria diário, que traz o mesmo número de *posts*. A Viajante 2 faz postagens que mostram e brincam com as paisagens das viagens, dizendo, por exemplo, que a pose é de turista, mas que precisou passar "perrengues" para estar em Porto de Galinhas no dia 8 de abril. Ela volta a brincar sobre o tema no dia 16 de abril, em um *post* com o título de "Pra nois

que ta na moda”. O texto de autoria não divulgada informa que ela parece diva, mas come cuscuz.

Por fim, em 15 postagens, ela agradece às pessoas que a hospedaram, deram carona, pagaram um passeio e os remédios que ela precisava para um problema no siso.

5.3.2 Descrição da página

A Viajante 3 é autora da página 3 e assim se apresenta: “Diário da x que atravessa o Brasil de carona, contando histórias com R\$1,60 no bolso rs, fazendo amigos e se divertindo intensamente”. Ela justifica a sua opção pela viagem alternativa da seguinte forma: “A vida tem que ter aventura e é isso que vou fazer. Vou até em casa de estrada, com quase nada de dinheiro, mas com a certeza que no fim tudo dá certo”.

Na parte dedicada à apresentação da página, intitulada “Sobre”, a jovem disponibiliza as seguintes informações: um telefone celular para contato e o endereço do seu *Instagram*. Ainda neste espaço, consta a informação de que a jovem responde normalmente em um dia às mensagens que os seguidores deixam no *Messenger*. A página é classificada como *site* de locais e viagem.

Na parte que o *Facebook* reserva para “História”, a Viajante 3 narra sua biografia:

Figura 17 - Viajante 3 relata parte da sua história de vida aos seguidores de sua *fanpage*

Meu nome é [REDACTED] muitos me chamam de manauara e os amigos carinhosamente me chamam de [REDACTED] tenho 25 anos, e minha paixão é viajar, o que causou a perda de um emprego (meu ex chefe disse que eu viajava demais rs), nos últimos dois meses após essa demissão, chutei o pau da barraca e coloquei o pé na estrada... eh hh felicidade! Inúmeras emoções, novos amigos e o sentimento de vício que começava a me consumir, tinha que viajar mais! Com uma mochila emprestada, força de vontade e coragem, dei início a meu projeto. 😊

Visitar minha mãe! "De volta pra minha terra" hahaha

Roteiro? Dinheiro? Medo? oi?! hahahha

Quero aventura amor! Vou subindo estado por estado deste Brasil Lindo! Tudo será possível viajando de carona e com ajuda dos muitos amigos ao longo da estrada! Parece loucura né... Mas tenho mais medo é de não fazer isso e um dia me lamentar pelo que eu queria ter vivido!

Então venho sem um pinga de vergonha pedir que você faça parte da minha história até em casa.

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 3).

Outras informações neste espaço dão mais detalhes sobre a página, iniciada em 19 de julho de 2015 e lançada em 30 de julho do mesmo ano. A foto de capa mostra a Viajante 3 no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro (RJ).

Figura 18 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 3



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 3*).

Na foto de perfil atual, uma ilustração de uma garota pequena, loira, com uma grande mochila, olhando para uma placa que indica vários destinos. Na base inferior da imagem, o nome da página. O contraste entra as duas imagens chama a atenção da pesquisadora; enquanto a foto no Museu do Amanhã revela uma jovem adulta viajante, o desenho aproxima a Viajante 3 de uma idade próxima à infância.

Figura 19 - Papel de parede utilizado pela Viajante 3



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 3*).

A página foi por ela classificada como *site* de locais e viagem. No total, em consulta realizada no dia 31 de agosto de 2017, 5.142 pessoas “curtiram” a página, das quais 5.112 são seguidores. Consta na página a informação pública de sete páginas que ela “curte”, todas a respeito de viagem em estilo mochilão, sendo cinco correspondentes à viagem estilo mochilão e duas sobre outros temas.

A publicação fixada atualmente no topo da página¹⁹, de 31 de março de 2016, mostra o *link* de uma matéria publicada pelo portal R7 sobre a viagem da jovem e o seguinte texto:

Figura 20 - Postagem em que a viajante 3 explica sua forma de viagem e informa dados telefônicos e virtuais

No Rio Grande do Sul pelos próximos dias ♡

Meu xuxu, eu quero saber seu sonho!!! 😊
 E te dizer que ele é possível
 Estou realizando o meu em situações extremas
 pra te provar que você também consegue.

Meus contatos.
 Facebook: [REDACTED]
 Instagram: [REDACTED]
 Whatssap [REDACTED]

Eu sou [REDACTED], sou do Amazonas, apaixonada pelo couchsurfing. Parceria pra todas as horas e com um sorriso fácil no rosto. Estou numa proposta de viagem pelo Brasil caronando de cidade em cidade, escrevendo sobre esperança, solidariedade e amizade, pessoas simples que fazem a diferença na vida de outras pessoas nos inspirando a sermos melhores.

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 3).

Na *fanpage*, é possível encontrar um espaço destinado a publicações de visitantes, com conteúdos diversos: oferta de ajuda, pessoas divulgando suas próprias páginas, dentre outros temas. A página é classificada com 5 estrelas.

Há *links* na coluna vertical, localizada à margem esquerda da página, para ter acesso direto aos vídeos e fotos publicadas pela viajante. No espaço “Fotos” consta a informação de que seis dos registros disponíveis foram publicados pela Viajante 1. O *Facebook* não disponibiliza a informação de vídeos e fotos existentes na *fanpage*.

¹⁹ A página foi acessada no dia 17 de fevereiro de 2018.

Ainda na coluna vertical, na mesma *fanpage*, há uma categoria chamada “grupo”, por meio da qual somos direcionados para outra página. Lá, é possível verificar que a Viajante 3 é administradora de um grupo fechado com 39 membros.

5.3.3 Informações pessoais

A Viajante 3 postou onze vezes sobre sua vida pessoal na *fanpage*. Por meio das postagens, foi possível traçar um breve perfil sobre a viajante. A jovem é formada em Gestão de Recursos Humanos, conforme informação trazida na parte que o *Facebook* reserva para a história.

No *post* de 12 de fevereiro de 2016, sabemos que a viajante tem uma irmã e foi criada apenas pela mãe. Outra informação é que a Viajante 2 iniciou suas viagens em 2013.

Por meio de uma postagem do dia 14 de agosto, período em que se comemora o Dia dos Pais, a Viajante 3 desabafa não ter sido criada pelo pai. A jovem traz em seu texto a *hashtag* #órfãdepaivivo. Em uma postagem do dia seguinte, 13 de fevereiro, ela relembra as agressões que um primo lhe fazia. Ela fala também sobre ter ajudado a criar a irmã e ter ido morar com a mãe (não informa onde morava antes).

Na postagem de 13 de julho de 2016, temos a informação de que a Viajante 3 foi demitida de um escritório como consequência das faltas motivadas pelo excessivo número de viagens.

5.4 Viajante 4

5.4.1 Assuntos abordados

De 1 de janeiro a 30 de junho de 2016, 409 postagens foram categorizadas na página da Viajante 4, com base na análise de seu conteúdo temático, trazendo 18 categorias, distribuídas em ordem decrescente: divulgação de destinos (100), *selfies* (71), *publipost* (41), encontros pelo mundo (31), diário (28), interação com o público (25), dicas (24), mochileira (17), estética (13), postagens motivacionais (13), comidas (11), divulgação de outras redes (11), fama (9), agradecimento (5), *Tinder* (3), vida pessoal (3), divulgação sobre outro viajante (3) e empoderamento feminino (1). Algumas postagens encaixaram-se em duas ou mais categorias, resultando um número maior do que o indicado pelo aplicativo *Netvizz*. O mesmo aplicativo trouxe a informação que a Viajante 4 fez 536 postagens no primeiro semestre de 2016; entretanto, foram excluídas as que trazem apenas fotos, sem texto. A *fanpage* da viajante foca, predominantemente, lugares visitados, o que, no primeiro semestre de 2016, ocorre 100 vezes. Na postagem de 05 de fevereiro de 2016 ela utiliza uma foto do Cabo San Lucas, no México.

Figura 21 - Cabo San Lucas, México, em foto de postagem realizada pela Viajante 4



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 4).

Em seguida, surgem os *selfies* pelo mundo e fotos em pontos turísticos (71 vezes). Em terceiro lugar, 41 vezes, as postagens chamadas *publiposts*, nas quais

ela anuncia pessoas que, de alguma forma, apoiaram a sua viagem, tais como restaurantes e hotéis.

A quarta categoria de postagem mais encontrada em sua *fanpage* são os encontros pelo mundo, fotos com amigos, pessoas que conhece etc. Por fim, 28 vezes, ela fez postagens de diários de viagem.

5.4.2 Descrição da página

Na parte dedicada à apresentação da página, intitulada “Sobre”, logo na página inicial da *fanpage* (sem necessidade de clicar em *link* para redirecionamento) a jovem disponibiliza o endereço do seu *Instagram*.

Ainda neste espaço consta a informação de que ela responde normalmente em um dia às mensagens que os seguidores lhe deixam no *Messenger*. A página é classificada como site de locais e viagem.

Ao clicarmos em “Ver tudo”, na parte dedicada ao “Sobre”, somos redirecionados para outra página com as seguintes informações: um *link* do Messenger para abrir um canal de diálogo com a viajante e o endereço do *Instagram*. No espaço “Sobre”, encontramos: “Carimbando o passaporte e colecionando boas memórias sempre que possível. Vem comigo!”. Não consta, na página, a parte reservada para “História”. Outras informações trazidas informam que a página foi criada em 2014.

A foto de perfil atualmente usada pela viajante é dela, parcialmente dentro de águas azuis, com um dos braços estirados, como a segurar um “pau de *selfie*”. Não é possível reconhecer o lugar em que a foto foi produzida, vez que parece apoiar-se em um trampolim, distante de outros nadadores.

Figura 22 - Foto de perfil utilizada pela Viajante 4



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 4*).

A foto de capa atual da fanpage da Viajante 4 é uma foto da viajante, supostamente no mesmo local da foto de perfil. Ela, de biquíni, está com os braços para cima, e seu corpo encostado em um dos dois coqueiros, que funciona como primeiro plano. Ao fundo, o mar azul.

Figura 23 - Papel de parede utilizado pela Viajante 4



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 4*).

A página foi por ela classificada como agência de viagens, *site* de locais e viagem. No total, em consulta realizada no dia 31 de agosto de 2017, 24.769 pessoas “curtiram” a página e 24.876 são seguidores.

Não consta a informação pública de páginas que ela curte. O *Facebook* não oferece a possibilidade de verificar se, de fato, ela não segue nenhuma página ou se esta informação foi ocultada.

A *fanpage* da jovem, em relação às demais investigadas, é a única a apresentar o *link* “Cadastre-se”, logo abaixo da foto de capa. Ao clicar, o seguidor é direcionado para um *blog* produzido pela viajante.

Ao clicarmos em “Comunidade”, na barra vertical à esquerda da página, há a relação de seguidores da página. Ao continuarmos a descer a barra de rolagem, encontramos o álbum “fotos de visitante”, onde constam registros da Viajante 4 durante a viagem, paisagens e anúncios de pacotes de viagem. A seguir, ainda nesta página, localiza-se a pasta “Publicações públicas”, com propagandas de *hostels* e depoimentos de seguidores, dentre outras postagens.

Na coluna vertical da *fanpage* da Viajante 4 há a opção “Eventos”, dentre outras categorias. A viajante divulgou os seguintes eventos: 29 de agosto em Dublin, “Encontrinho farofa na Irlanda” e, em 14 de novembro, “encontrinho farofa no Farol da Barra”.

A página é classificada com 5 estrelas a partir de 127 avaliações feitas por seguidores (sendo que 124 deram 5 estrelas, 2 deram 4 estrelas e 1 deu 1 estrela). A maioria das avaliações traz elogios à Viajante 4 e aos seus canais de comunicação.

A Viajante 4, abaixo da sua foto de capa, configurou a página para a visualização da seção “Em destaque para você”. Os destaques são uma foto dela, em um local não identificado pela pesquisadora, e o *print* do depoimento de uma seguidora da página. Há *links* na coluna vertical, localizada na esquerda da página, para ter acesso direto aos vídeos e fotos publicadas pela viajante.

5.4.3 Informações pessoais

A Viajante 4, em 2016, postou três vezes sobre sua vida pessoal na *fanpage* que produz. Por meio das postagens, foi possível traçar um breve perfil sobre a viajante, perfil este que será detalhado neste texto.

No dia 13 de abril do mesmo ano, a viajante comenta não saber falar espanhol. Entretanto, costuma postar em inglês com relativa frequência, o que aponta para o domínio deste outro idioma.

Na postagem do dia 30 de abril, cujo tema central é sua paixão por viagens, ela informa vários detalhes sobre sua vida pessoal: seu Estado de origem, a Bahia, o fato de não possuir bens materiais, exceto uma zabumba e alguns livros.

No dia 14 de agosto, publica uma foto com seu pai. No entanto, não informa seu nome, apenas o agradece por “segurar a onda” de ter uma filha mochileira.

Outra informação que podemos ter da viajante a partir de suas postagens é que trabalha em cruzeiros durante os momentos em que não está viajando a lazer. Em suas postagens, ela comenta que trabalha o máximo possível para juntar dinheiro e custear os seus passeios.

5.5 O que nos dizem as quatro fanpages?

Apesar de as quatro viajantes terem optado por estilos semelhantes de viagem, são bastante diferentes nas suas histórias de vida, o que nos leva à conclusão que, ao contrário do que o senso comum estabelece, não é possível traçar um estereótipo do mochileiro.

Elas também diferem nas maneiras pelas quais customizam seus diários virtuais. Na parte História, por exemplo, algumas trazem informações pessoais detalhadas e outras preferem repassar poucos detalhes da vida privada.

Também, neste aspecto, podemos perceber que algumas viajantes disponibilizam mais alternativas para o seguidor entrar em contato direto e outras optam por abrir menos canais de diálogo.

Mediante as diferenças da customização, podemos avaliar que, apesar de abordarem o mesmo tema, ao criarem *fanpages*, cada viajante conta com objetivos e perspectivas diferentes em relação ao uso da ferramenta.

Por fim, em relação aos assuntos que apresentam em suas páginas, percebemos que, apesar de abordados de formas diferentes, há vários temas que coincidem em todas as páginas pesquisadas, tais como fãs e dicas de viagem.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, serão analisados e discutidos os dados desta investigação. O *corpus* da pesquisa são as postagens de *fanpages* do Facebook das quatro viajantes, no período de janeiro a junho de 2016. A fim de responder às perguntas de pesquisa, relacionadas às postagens de cada uma das viajantes, este capítulo se organizará da seguinte forma:

- Viajante 1: Turista ou mochileira; Empoderamento feminino e construção de si e Diário de viagem como narrativa de memória

Os dados foram analisados por meio dos princípios metodológicos da Análise do Discurso (Bakhtin). As categorias de análise são: enunciado, discurso, tema (sentido), significação, escolhas lexicais, dialogismo, polifonia, heteroglossia e as três dimensões do gênero “diário de viagem”.

6.1 Viajante 1

A Viajante 1 iniciou o ano de 2016 com o projeto de realizar uma viagem de bicicleta do Brasil até o México. No entanto, durante o primeiro semestre de 2016, ela mudou de planos, de modo que decidiu ir para o México de avião e voltar para o Brasil de bicicleta. Para a realização desta viagem, foi necessário arrecadar dinheiro para a passagem de avião; por isso, ela realizou uma rifa *online* de uma de suas bicicletas. Neste período, janeiro a julho, enquanto fazia o levantamento de fundos para sua jornada ao México e fazia os preparativos, a Viajante 1 realizou algumas viagens, sozinha ou acompanhada de suas amigas, pedindo carona ou pedalando sua *bike*.

Ele fez a viagem pela Amazônia acompanhada de outras quatro jovens, pedindo carona pelo caminho. Em sua viagem ao México, teve a companhia de duas amigas, que tiveram que aprender a pedalar. A seguir, apresentamos uma linha do tempo das viagens realizadas entre janeiro e julho de 2016.

Quadro 7 - Linha do tempo – Viajante 1

Data	Local
11 /01/2016	Fronteira Brasil X Bolívia
12 /01/2016	Corumbá, MS, Brasil.
14 /01/2016	La Paz, Bolívia
28/01/2016	Santa Cruz de La Siera, Bolívia
02/02/2016	Balneário de Los Hérvores –Bolívia
03/02/2016	Maracaju, MS, Brasil
09/02/2016	Bonito, MS, Brasil
12/02/2016	Aquidauama, MS, Brasil
11/03/2016	Miranda (Pantanal), MS, Brasil
13/03/2016	Piraputanga, MS, Brasil
16/03/2016	Campo Grande, MS, Brasil (casa)
23/03/2016	Corguinho, MS, Brasil
24/03/2016	Rio Negro do Mato Grosso, MS, Brasil
27/03/2016	Cachoeira do Rio do Peixe, MS, Brasil.
28/03/2016	Rio Negro de Mato Grosso, MS, Brasil
21/04/2016	Estrada próxima a Maracaju, MS, Brasil
26/04/2016	Rio Verde, MS, Brasil
30/04/2016	Cáceres, MT, Brasil
02/05/2016	Barra do Bugres, MT, Brasil
03/05/2016	Tangará da Serra, MT, Brasil
05/05/2016	Sapezaí, MT, Brasil
11/05/2016	Ariquemes, RO, Brasil
13/05/2016	Porto Velho, RO, Brasil
18/05/2016	Manacapuru, AM, Brasil
23/05/2016	ComunidadeAracari, AM, Brasil
30/05/2016	Manaus, AM, Brasil
14/06/2016	Brasília, aeroporto, rumo a Campo Grande (MS)
27/06/2016	Cidade do México

Fonte: Elaboração própria.

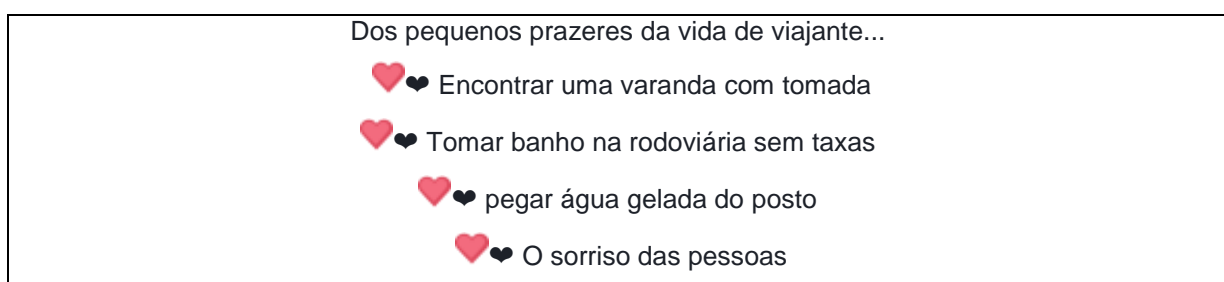
Estas datas e locais foram aferidos por meio de leitura e levantamento de várias postagens, neste período. Destas postagens, algumas foram selecionadas, por seu conteúdo temático responderem ou problematizarem as perguntas de pesquisa.

6.1.1 Turista ou mochileira

Este tópico procura responder à pergunta: como podem ser caracterizadas as mulheres das *fanpages* na modalidade de viagem que elas realizam? Embora esta categoria não esteja entre as quatro postagens mais presentes na página da Viajante 1, é este o tema que foi definido nos objetivos específicos desta investigação.

Segundo a linha de tempo das viagens da jovem, a postagem abaixo foi realizada quando estava em Corguinho (MS). Tomando como base o significado atribuído pela Organização Mundial de Turismo (OMT) ao termo turista – “viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual” – e que ela não está em sua cidade de origem (Campo Grande - MS), a viajante pode ser considerada uma turista. No entanto, vamos analisar, por meio de suas significações e sentidos (temas) evidenciados pelas escolhas lexicais nos enunciados, se ela pode ser caracterizada como turista convencional ou “mochileira”. Vejamos a postagem, a seguir, de 23 de março de 2016.

Quadro 8 - Postagem da Viajante 1 – 23/03/2016



Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 1).

Esta postagem tem como categoria sua caracterização como “mochileira”; embora ela não tenha usado esta palavra para definir-se, as escolhas lexicais e o conteúdo temático de seu “diário de viagem” apontam para este sentido (tema).

Como apresentado, ela realiza a escolha lexical “viajante” para defini-la. Esta palavra tem o significado cristalizado e geral como “aquele que viaja”²⁰. Entretanto, pelo conjunto das frases do enunciado desta postagem, o sentido (tema) que ela atribuiu sobre ser viajante tem relação com o conceito de “mochileira”, sendo aquele que não teria, como “pequenos prazeres” à disposição, recursos tais como tomada, banho, água gelada e sorrisos das pessoas.

O sentido que a Viajante 1 relaciona sobre ser viajante vai ao encontro do que Falcão (2015) considera como “mochilar”. De acordo com esta autora, “mochilar” é uma forma de viajar alternativa, na qual o viajante não se utiliza de pacotes de viagens e as fazem de forma mais autônoma, sendo uma categoria de viagem mais econômica. Deste modo, estes “pequenos prazeres” apresentados em seu texto podem ter a significação que ela seria um viajante sem um local fixo e pré-determinado para hospedagem e fazendo uso de um modo mais econômico de viajar. Também, a falta de sorrisos das pessoas pode ocorrer pelo fato de, na condição de “mochileira”, e solicitando “favores” ou “gentilezas” aos moradores locais, os viajantes serem recepcionados de forma distinta do que aconteceria com turistas convencionais, que pagariam por serviços recebidos.

Outro sentido dado pela Viajante 1, e que vai ao encontro das discussões de Falcão (2015) sobre ser mochileira, tem relação com a valorização da escrita e a satisfação pela superação de algumas dificuldades. As dificuldades relatadas em seu diário de viagem representam motivo de orgulho à viajante. Ou seja, ela escreve aos seus fãs sobre o prazer de encontrar à disposição algo que, geralmente, não está disponível em função da modalidade de viagem que exerce. Assim, o sentido apresentado pela Viajante 1 é que ela é uma viajante mochileira e, deste modo, não tem sempre estes “prazeres” à disposição; por isso esta postagem aparenta algo, possivelmente, inusitado, a ser relatado em seu diário de viagem.

Na postagem a seguir, a primeira investigada está acompanhada de suas três amigas numa viagem rumo à Amazônia. Pela linha do tempo, nesta data

²⁰ Dicionário Michelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

(18/05/2016), ela e as amigas estavam em Manacapuru (AM - Amazonas), indo para Manaus (AM).

As categorias aferidas pelo levantamento do conteúdo temático e pelas escolhas lexicais são carona, pedido de ajuda e hospedagem. Todas estas categorias possibilitam a compreensão que o sentido dado pela jovem sobre a modalidade de viajante é o de “mochileira”. Nesta postagem, elas pedem carona para cinco policiais, e solicitam ajuda de um amigo para levá-las no porto e de uma amiga que as recebeu em casa.

Quadro 9 - Postagem da Viajante 1 - 18/05/2016

Vamos pegar carona? Saímos de Porto Velho rumo à Manaus via #temidaBR319 a bordo da caçamba de umas 10 por Mais de 16 horas de estrada de chão quicando/cruzando a Amazônia.

Teve sol, chuva, poeira, lama, ponte caída, ponte caindo e sol e chuva novamente! Das 60 pontes existentes apenas 3 estavam em bom estado! 😱:o Pegamos carona com 5 policiais que não queriam nos levar de jeito nenhum pelas condições da estrada e do tempo de viagem, mas após muita insistência disseram que levariam até uma próxima vila (100km). Chegando lá, lindas, felizes e sorridentes, não deixando transparecer que estávamos com dor até na última vértebra, e eles resolveram nos levar até Manaus! ❤️ <3 Pensem na travessia mais louca das nossas vidas!!! Agora multipliquem! Quilômetros e quilômetros sem uma alma viva com um sol de rachar!

Teve de tudo... Até cinto de segurança feito com corda pras 4 moçoilas não voar pra fora da caminhonete cada vez que o motorista (piloto de fuga) sampava num buraco.... Era só a luz do freio acender pra gente se encolher toda e segurar a alma pra não sair do corpo 😊^_^

Paramos para tomar banho num rio na beira da estrada e foi MUITO BOM. Eles já estavam tão parceiros que amarraram até uma corda pra gente não ser arrastada pela correnteza. 😊:)

... A noite chegou, era passado das 23h e ainda faltavam 110km + uma balsa pra chegar em Manaus! Era taaaaaaaaaaaaão longe, que se eu nunca tivesse ido, iria começar a duvidar se realmente existia kkkkkkkkk

Nos aglomeramos em um quarto de pousada com 300 colchões no chão e apagamos. Aliás, já estávamos tão cansadas que dormimos na caçamba mesmo com toda trepidação e pula pula da estrada.No dia seguinte teve asfalto, balsa, um amigo pra nos buscar no porto, (obrigado Brunno) uma amiga para nos receber em casa (obrigado) e até máquina de lavar pra tirar a lama e fedor que a 319 nos deixou.

Não temos muitas fotos e vídeos porque o cartão da gopro resolveu dar erro ontem, maaaaaaaaaaaaas

Temos todos os roxos do corpo pra provar como foi. Kkkkkkkkkkk

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 1).

Pode-se observar que esta postagem vai ao encontro do significado de Falcão (2015) sobre o mochileiro, como sendo aquele que valoriza o relato dos riscos ou dificuldades de viagem. Neste caso, os riscos e dificuldades podem ser aferidos pelos enunciados: “Mais de 16 horas de estrada de chão quicando/cruzando

a Amazônia”; “Teve sol, chuva, poeira, lama, ponte caída, ponte caindo e sol e chuva novamente! Das 60 pontes existentes apenas 3 estavam em bom estado”; “Pensem na travessia mais louca das nossas vidas!!! Agora multipliquem! Quilômetros e quilômetros sem uma alma viva com um sol de rachar”.

Segundo Sontag (2003), um modo de validar as experiências vividas nos relatos de viagem pelos mochileiros são as fotografias, que servem como *souvenir*. Esta significação de validação das experiências é compartilhada pela Viajante 1, por meio do enunciado “Não temos muitas fotos e vídeos porque o cartão da gopro resolveu dar erro ontem, maaaaaaaas...Temos todos os roxos do corpo pra provar como foi”. No caso, o *souvenir* da viagem, segundo o relato da Viajante 1, são os roxos do corpo.

Esta postagem relata o trajeto das viajantes para Manaus como uma experiência satisfatória. O sentido de satisfação é aferido pelos enunciados: “Chegando lá, lindas, felizes e sorridentes, não deixando transparecer que estávamos com dor até na última vértebra, e eles resolveram nos levar até Manaus! ❤️”; “Paramos para tomar banho num rio na beira da estrada e foi MUITO BOM. Eles já estavam tão parceiros que amarraram até uma corda pra gente não ser arrastada pela correnteza. 😊:); “Kkkkkkkkkkkk”. Também, pode-se compreender o sentido de satisfação pelas escolhas lexicais “felizes”, “sorridentes”, “muito bom”, os *emoticons* que indicam sentimentos de satisfação, como o coração e a carinha, e a onomatopéia “Kkkkkkkkkk”.

Segundo Falcão (2015), a satisfação e o prazer apontados pela superação de algumas dificuldades representam motivo de orgulho ao mochileiro. Esta caracterização vai ao encontro dos fatos e dos sentimentos da viajante quanto à experiência vivida.

Mediante estas análises e discussões, com base nas discussões de Falcão (2015) e Sontag (2003), pode ser considerado este sentido evidente no seu discurso e materializado nos enunciados, o de que é uma viajante de categoria “mochileira”. A discussão do relato do diário de viagem da jovem, com base nos referenciais teóricos, vai ao encontro da seguinte construção de significação: mochileiro é um

viajante que busca formas alternativas de viagem, com baixo custo, sendo elas hospedagem solidária e/ou coletiva, carona, banho em rodoviária e/ou em rio, uso de tomadas e outros recursos em espaços públicos e/ou coletivos; também, é aquele que valoriza e se satisfaz em relatar as experiências, especialmente as que envolvem riscos e dificuldades.

6.1.2 Empoderamento feminino e construção de si

A Viajante 1 realizou 17 postagens, cuja categoria aferida pelo conteúdo temático é empoderamento. Foram escolhidas duas postagens para responder à pergunta de pesquisa: podem ser identificadas estratégias de empoderamento feminino nas postagens destas páginas? Quais?

A postagem a seguir foi realizada em 11 de março, quando ela estava pedalando próxima à cidade de Miranda (MS), no Pantanal.

Quadro 10 - Postagem da Viajante 1 – 11/03/2016

O dia começou e terminou lindo!
12km de descida logo de cara, só pra animar a vida! O computador marcou 59.5/h e meu medo de perder uns dentes foi menor que a vontade de 'acelerar' Huahuahuhu #deiteiOCabelo
A parte chata é que atrolei uma borboleta linda q ficou presa na minha viseira 😞:/
Parei para 'almoçar' meu pão num ponto de ônibus na entrada de uma fazenda e fiquei de preguiçinha lá algumas horas até o sol baixar um pouco 😊^_
Ri tanto sozinha tentando imaginar o que as pessoas que passaram por mim e se viravam para ter certeza que era uma mulher estavam pensando kkk
❤️<3 Uma coisa tô gostando...
Quando viajava de carona, fazia cara de mau quando os carros/caminhões passavam para não se atreverem a pensar que estava dando bola/brecha para eles pelo fato de estar sozinha na estrada...
Viajando de bike, sinto que os olhares NÃO SÃO aqueles de "uhmmmm safadinha, tá querendo só carona mesmo?" que rolava muito e eu já estava de saco cheio... Agora sinto uma espécie de "vai lá!" "caramba é uma mulher!" "força você consegue!" "...
Sendo que estou fazendo absolutamente a mesma coisa, só que pedalando 😞😞
Alguém me explica? Kkk

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 1*).

Nesta postagem, por meio de análise do conteúdo temático dos enunciados, foi aferida a categoria “empoderamento” feminino. Os enunciados que podem evidenciar o discurso de empoderamento feminino são: “Ri tanto sozinha tentando imaginar o que as pessoas que passaram por mim e se viravam para ter certeza que

era uma mulher estavam pensando kkk”. Neste enunciado, há a marca do dialogismo e do texto multivocal no discurso sobre as mulheres, ou seja, demonstra, por meio dos sentidos da jovem, o diálogo entre as diferentes vozes e a posição de responsividade ativa assumida por ela em relação aos possíveis sentidos dos motoristas na estrada.

Nestes enunciados, a viajante apresenta o sentido de sentir-se mais poderosa, ao pedalar e ser a condutora de sua mobilidade, do que quando pega carona, na estrada. Estes enunciados, em seu diário de viagem, estão em consonância com a dimensão do conceito de empoderamento (UNIVERSIDADE DE VALÊNCIA, 2017), que consiste na “tomada de consciência do poder que, individual ou coletivamente, ostentam as mulheres e que tem a ver com a recuperação de sua própria dignidade como pessoas”.

No enunciado, “... Agora sinto uma espécie de ‘vai lá!’ ‘caramba é uma mulher! ‘força você consegue!’...””, a Viajante 1 apresenta uma responsividade ativa e antecipada às vozes do discurso que podem reconhecer a sua tomada de “poder”. Neste enunciado, é evidente a ideia de recuperação da sua dignidade, na medida que ela se constrói como atriz/sujeito de suas próprias ações. Este movimento de empoderamento feminino pode ser o que Touraine (2007) conceitua como construção de si, que consiste na situação da viajante, como mulher, colocar-se diante de si, partindo de como ela se percebe e tendo consciência do que quer ser.

Este movimento de “construção de si” e as contradições que podem acarretar, neste processo, evidenciam-se, mais fortemente, na contraposição dos dois enunciados da Viajante 1: “Quando viajava de carona, fazia cara de mau quando os carros/caminhões passavam para não se atreverem a pensar que estava dando bola/brecha para eles pelo fato de estar sozinha na estrada”; “Viajando de *bike*, sinto que os olhares NÃO SÃO aqueles de ‘uhmmmm safadinha”.

Esta contraposição mostra a polifonia do discurso sobre a mulher e a tensão entre as diferentes vozes: uma de liberdade de ação/atitude da mulher, e outra de recato para evitar assédio. A tensão entre as diferentes vozes é chamada de heteroglossia, que consiste na existência de forças centrípetas, voltadas à

conservação de significação cristalizada de recato, e forças centrífugas, voltadas para mudanças de sentidos e na construção de nova significação sobre si.

Deste modo, a construção de si, com o movimento de mudanças de significação, estabelece-se no último enunciado, quando a Viajante 1 questiona “Sendo que estou fazendo absolutamente a mesma coisa, só que pedalando 🚲 Alguém me explica? Kkk”. Neste enunciado, ela coloca a contradição existente na relação entre as diferentes vozes, mostrando a incoerência e resistindo ao discurso socialmente estabelecido. Ao fazer este movimento de ação discursivo, a Viajante 1 coloca-se na posição de atriz de sua história, tornando-se sujeito de sua própria transformação.

Assim, a Viajante 1, na construção de si e na busca de empoderamento, mostra-se como uma mulher centrípeta e centrífuga, porque está em constante movimento de tensão entre as diferentes vozes para a constituição de novas significações de suas ações no mundo.

6.1.3 Diário de viagem como narrativa de memória

Este tópico procura responder a pergunta: “estas postagens das *fanpages* das viajantes podem ser consideradas narrativas de memória? Por quê?”. A *fanpage* da Viajante 1 se constitui, em sua grande parte, por postagens do gênero discursivo diário de viagem, cuja intenção é relatar, cotidianamente, experiências de suas viagens e reflexões sobre o estilo de vida viajante. Deste modo, nas postagens da Viajante 1, e posteriormente das demais viajantes, a discussão é se estas experiências compartilhadas podem ser consideradas narrativas de memória.

O diário de viagem, a seguir, foi postado em 21/04/2016, quando a Viajante 1 encontrava-se próxima da cidade de Maracaju (MS), voltando para casa de carona.

Quadro 11 - Postagem da Viajante 1 – 21/04/2016

NÃO TENHO TÍTULO PARA O TEXTO DE HOJE

Tirei essa foto hoje na única sombra da estrada enquanto pegava carona para retomar a viagem de bike. Minutos depois passou um caminhão dando sinalzinho de luz e diminuindo a velocidade para parar...

Não gostando da insistência em querer me dar carona, virei de costas, recusando e esperei ele passar.

Logo mais, passaram alguns carros e um caminhão que eu estiquei o dedo parou para mim.

Conversa vai, conversa vem, comentei com o carona sobre o caminhoneiro anterior e ele até falou "que bom que vc não foi com ele, tava precisado de companhia pq daqui para SC tem muito chão ainda"...

Passaram-se algumas horas de viagem e já estávamos chegando no meu destino, quando escutamos no rádio a notícia de um acidente na curva do viaduto de Maracaju. Até aí nem me liguei! Fomos nos aproximando, gente parando, todos os carros com pisca alerta ligado...

De repente vejo o caminhão que recusei carona tombado no acostamento do viaduto. 😞:(

Meu coração gelou... Fiquei sem reação...

É tanta coisa que passa na cabeça...

E se eu estivesse junto? Teria mudado alguma coisa? Eu estaria morta? Será que ele estava com sono e queria alguém para conversar e eu não fui? 😞:(

Gente... Tô com o coração tão apertado 😞:(só consegui escrever agora...

A vida é tão frágil... Tão única... Tão rápida... Nem sei o que dizer...

Desculpem 😞:/

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 1*).

Nesta postagem, a Viajante 1 relata uma situação em que ela teria se livrado de ser vítima de um acidente, quando um caminhão, que ela teria dispensado carona, tombou na estrada. Este texto organiza-se com um relato, que consiste em uma narrativa de experiência, cuja estrutura apresenta um conjunto de ações nas quais entrelaçam-se quem relata (Viajante 1), os agentes que participam dos fatos (ela e os motoristas de caminhão), onde (na estrada, perto de Maracaju) e a data citada anteriormente.

O intuito é compartilhar, subjetivamente, seus sentimentos e impressões sobre o acontecimento na estrada, sobre o que poderia ter acontecido ou não se ela tivesse ido de carona com aquele caminhoneiro. Ela relata o acontecimento, em referência à foto que tirou na estrada. As fotos, geralmente, são tiradas como modo de confirmação dos relatos, ou para ativação de memória. A subjetividade do texto

apresenta-se pela presença, nos enunciados, de perguntas, cujo interlocutor seria ela mesma: “E se eu estivesse junto? Teria mudado alguma coisa? Eu estaria morta? Será que ele estava com sono e queria alguém para conversar e eu não fui?”.

Este diário de viagem constitui-se como um instrumento, cuja finalidade é o registro de memória. A memória, neste caso, vai ao encontro da discussão de Pollack (1989), pois se caracteriza como um elemento componente da identidade da Viajante 1, sendo fundamental para o reforço de sentimentos de pertencimento e adesão afetiva dos fãs da *fanpage*. Também o diário de viagem na *fanpage* do *Facebook*, com base em Canavilhas (2004), possibilita a atualização de impressões, a interpretações dos fatos ocorridos, sendo um trabalho sobre o vivido e a revisitação das experiências por meio das memórias fixadas neste suporte midiático.

As memórias da Viajante 1, neste diário, embora sejam de caráter individual, trazendo impressões subjetivas dela, de acordo com Halbwachs (1990), também podem ser coletivas, por serem compartilhadas com os fãs que se tornam parte das lembranças da ambiência em que ela está inserida. Este compartilhamento mostra-se evidente no enunciado de despedida da postagem “só consegui escrever agora... A vida é tão frágil... Tão única... Tão rápida... Nem sei o que dizer... Desculpem 😞:/”. O pedido de desculpas pela demora em relatar a experiência mostra que as memórias não são apenas dela, mas parte integrante da relação entre a Viajante 1 e seus fãs, constituindo-se como afetiva e coletiva.

6.2 Viajante 2

A Viajante 2 tinha passado o segundo semestre de 2015 entre a Europa e o norte da África, e iniciou o ano de 2016 na Tunísia. Voltou para sua casa, em Bom Despacho (MG – Minas Gerais), e, em seguida, realizou uma jornada de um mês pelo sudeste brasileiro, viajando sozinha e pedindo carona.

Começou sua jornada de Minas Gerais para Venezuela, no final de março, voando para Manaus. Ela foi de Manaus até a Venezuela, pedindo carona, hospedando-se em *hostel*, *homestay*, ou ainda, fazendo uso de hospedagem solidária. A seguir, apresenta-se a linha do tempo, referente ao período de janeiro a junho de 2016.

Quadro 12 - Linha do tempo – Viajante 2

Data	Local
02/01/2016	Praia Djerba, Tunísia
10/01/2016	Bom Despacho, MG, Brasil (em casa)
30/01/2016	Tiradentes, MG, Brasil
04/02/2016	Rio de Janeiro, RJ, Brasil
21/02/2016	Aparecida do Norte, pegando carona desde Paraty- RJ para São Paulo, um mês de viagem de carona pelo Sudeste.
29/02/2016	São Paulo, SP, Brasil
19/03/2016	Bom Despacho, MG, Brasil (em casa)
31/03/2016	Manaus, AM, Brasil
08/04/2016	Santa Elena de Uairén, Bolívar, Venezuela
11/04/2016	Isla Margarita, Venezuela
16/04/2016	JuanGriego, Venezuela
18/04/2016	Choroní, Aragua, Venezuela
29/04/2016	Parque Nacional Morrocoy, Tucacas, Yaracuy, Venezuela
30/04/2016	Los Juanes, Chichiriviche, Venezuela
05/05/2016	Deserto de Medanos de Coro, Venezuela
08/05/2016	Santa Fé, Sucre, Venezuela
18/05/2016	Parque Nacional Mochima, Guanta, Arizoátegui, Venezuela
02/06/2016	Araya, Venezuela
04/06/2016	Caracas, Venezuela
07/06/2016	San Rafael de Mucuchies, Venezuela
13/06/2016	Bom Despacho, MG, Brasil (planejando novo destino, Cuba)

Fonte: Elaboração própria.

Estas datas e locais foram aferidos por meio de leitura e levantamento de várias postagens, neste período. Destas postagens, algumas foram selecionadas, por seu conteúdo temático responderem ou problematizarem as perguntas de pesquisa.

6.2.1 Turista ou mochileira

Segundo a linha de tempo das viagens da Viajante 2, a postagem abaixo foi realizada quando a viajante estava em Manaus (AM) e postou este diário de viagem. Nesta postagem, foram aferidas as categorias, por meio da análise do conteúdo temático e das escolhas lexicais. Esta postagem é realizada na passagem da viajante por Manaus (AM), antes da viagem que realizou pela Venezuela.

Quadro 13 - Postagem da Viajante 2 – 02/04/2016

Véi! Esse é o-me-lhor picolé que já aconteceu até hoje neste momento em toda a minha vida! A disputa com as paletas de Michoacán (que aqui chamam de paletas mexicanas) foi pau a pau, mas o "picolé de massa" de açaí do carrinho de duas rodas de uma jovem vendedora anônima, sem capa de plástico ou de papel, bateu todas as iguarias gourmets e não-gourmets do gênero. Pensa num trem ultra cremoso, concentrado e puro sabor. Vários sabores, em várias esquinas de Manaus. Um real 🤤.*

#Picole #Amazônia #Manaus #ViajarNãoÉCoisaDeRico

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 2*).

Nesta postagem, a Viajante 2 faz um relato sobre o picolé que provou em Manaus, realçando o sabor e o baixo preço. O que chama a atenção sobre a caracterização da Viajante 2 quanto à categoria de viagem é o discurso materializado no enunciado “#ViajarNãoÉCoisaDeRico”. O sentido (tema) deste enunciado vai de encontro com a discussão de Ferrara (1999, p. 20), para quem “viajar constitui uma atividade que ‘não é comum a todos, mas destina-se apenas aos privilegiados que podem virar turistas’”. Segundo o sentido da Viajante 2, materializado pelas escolhas lexicais “coisa de rico” neste enunciado, todos podem viajar, sendo privilegiados, economicamente ou não. O intuito de postar seu diário de viagem parece ser uma forma de divulgar a ideia de que todos podem realizar esta modalidade de viagem e ir contra o discurso hegemônico, que exclui uma parte considerável de pessoas.

Na postagem seguinte, segundo linha do tempo, ocorre em San Rafael de Mucuchies, Venezuela, em 11/06/2016. As categorias aferidas pelo levantamento do conteúdo temático e escolhas lexicais são “atitude mochileira” e “descrição de local/situação”, embora não utilize a palavra “mochileira” para definir-se.

Quadro 14 - Postagem da Viajante 2 – 11/06/2016

Aquela tarde agradabilíssima na cachoeira, as cinco horas de perrengue para chegar e sair dela, um cardápio muito especial e um venezuelano nos contando em português como chegar a uma das cascatas mais phodas do país 😊;)

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 2*).

No enunciado acima, o sentido da Viajante 2 quanto ao discurso de viajante vai ao encontro da discussão de Falcão (2015) sobre a valorização e a satisfação em realizar o relato de memórias, em seu diário de viagem, e sobre as dificuldades para chegar em determinado destino incrível. Este discurso de dificuldade *versus* recompensa da chegada é evidenciado pelas escolhas lexicais no enunciado, como: “perrengue”, “agradabilíssima”, “especial”, “phodas” e “😊;)”.

Além disso, o sentido da Viajante 2 aproxima-se da discussão de Ferrara (1999) de que o viajante, nesta modalidade de viagem, é movido primeiramente por um sentimento de liberdade, vontade e desejo da busca ao “dessemelhante”. Este sentido é revelado pelos caminhos que escolheu seguir, a fim de encontrar “uma das cascatas mais phodas do país [Venezuela]”.

Mediante estas análises e discussões, com base nas discussões de Falcão (2015) e Ferrara (1999), pode ser considerado o sentido da Viajante 2, evidente no seu discurso e materializado nos enunciados, de que se caracteriza como uma viajante de categoria “mochileira”. A discussão do relato do diário de viagem da Viajante 2, com base nos referenciais teóricos, vai ao encontro da seguinte construção de significação: viajar não é privilégio de rico, mas uma atitude de quem busca diferentes experiências em lugares incríveis, movida pelo desejo de liberdade na busca de vivências diferentes. Assim, esta significação, que parte do discurso da Viajante 2 e é materializada pelos enunciados, caminha na direção de considerar que ser um viajante do tipo mochileiro pode ser um estilo de vida, como conceituado por Falcão (2015).

6.2.2 Empoderamento e construção de si

Esta postagem foi realizada em 13/04/2016, quando a Viajante 2 estava em Isla Margarita, Venezuela. A categoria aferida, pela análise do conteúdo temático, é “empoderamento”, que surge em mais 22 postagens no período de janeiro a junho de 2016. O fato de ser mulher, viajar sozinha, ou acompanhada de outras mulheres, e pedindo carona, suscita muitos questionamentos em decorrência do discurso machista de relegar à mulher o espaço privado. Na postagem a seguir, a Viajante 2 coloca em tensão os discursos machistas e de empoderamento feminino.

Quadro 15 - Postagem da Viajante 2 – 13/04/2016

Lugar de mulher é aqui.

É viajando, trabalhando, estudando, pesquisando, fazendo o que o coração e a inteligência mandar - em Pequim, Nova Iorque, Manágua, Saraievo ou Cabul.

Lugar de mulher é onde quer que o sorriso venha puro e o suor com convicção.

A única linha que temos que seguir (como humanos que somos) é aquela traçada pelo compasso do desenvolvimento espiritual, e não o que milênios de patriarcado nos desenhou.

Lugar de mulher é no Caribe, tomando uns bons drinks e mirando los muchachos. Seja ela solteira, 29 anos, como eu; seja ela divorciada, com filhos e 50 anos, como a Betania.

Lugar de mulher (de qualquer idade, origem, forma e tamanho) é onde ela bem entender.

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 2*).

Nesta postagem de seu diário de viagem, na *fanpage*, há dois enunciados (“Lugar de mulher [...] é onde ela bem entender” e “[linha traçada] que os milênios de patriarcado nos desenhou”) em que se apresentam a heteroglossia do discurso sobre a mulher, pois as diferentes vozes em tensão são colocadas a fim de construção de nova significação. A ação discursiva da Viajante 2 atua como uma força centrífuga, num movimento heterogêneo de diferentes vozes voltadas a mudanças sociais e culturais na significação do lugar da mulher. No entanto, há forças centrípetas que buscam a homogeneização do discurso, socialmente vigente, de que o lugar de diferentes mulheres está restrito ao espaço privado.

Nos enunciados “Lugar de mulher é aqui” e “Lugar de mulher [...] é onde bem entender”, a Viajante 2 está sendo responsiva às vozes dissonantes, quanto ao

sentido e a significação de empoderamento feminino. O sentido da Viajante 2 vai ao encontro do conceito de empoderamento feminino (UNIVERSIDADE DE VALÊNCIA, 2017) quanto à tomada de consciência do poder das mulheres, individual ou coletivamente, sobre as suas próprias decisões. Este movimento discursivo da Viajante 2 consiste na compreensão, baseada em Touraine (2007), de que as mulheres são atrizes de suas próprias ações e que, para suprimir o discurso machista, é preciso reunificar as dicotomias quanto aos lugares impostos às mulheres como público e privado.

Na postagem a seguir, a Viajante 2 está às vésperas de seu aniversário de 30 anos, na cidade de Los Juanes, Venezuela, em 01 de maio de 2016. Em seu diário de viagem, a viajante realiza reflexões sobre os diferentes sentidos no discurso sobre o papel da mulher de trinta anos e suas escolhas.

Quadro 16 - Postagem da Viajante 2 – 01/05/2016

Agora que menos de duas semanas me separam dos 30, toda vez que perguntam minha idade (o que sempre se segue ao 'mas você viaja sozinha?!'), respondo que tenho três décadas de vida. As perguntas seguintes, que não raro se atropelam num espanto descarado e insensível, são (adivinhem): Mas você não tem filhos?! Nem marido?!

Nem casa, nem gato, nem cachorro, nem namorado, nem vontade de ter um, por enquanto. Ter 30 anos e não ter nada disso parece ser mais que uma medida de fracasso social na maior parte do mundo (que eu conheço). É quase crime, falta de responsabilidade, problema psicológico, sinal de que algo não deu certo na vida. Pior: esse tipo de cobrança social (ridícula e pertencente a séculos passados, só para não esquecer) é grande responsável por casamentos desastrosos.

Passou dos 25 e não encontrou seu amor? Ah, então corre meu bem, se não você fica para titia! Nesse afã, forjam-se muitas alianças de papel branco - frágeis ou sem o devido tempo de maturação. Estas ou se esfacelam logo, ou, o que é pior, esticam-se numa infinita espiral de brigas e abusos, tornando a vida de todos um inferno (a dos filhos inclusas). Pra que se casar, então? Se não for por amor (brilho nos olhos, coração disparado, sabe?), não vejo outro motivo: nem idade, nem estabilidade, nem conforto, nem nada.

É cruelíssimo como nos empurram (e nos empurramos) constantemente para o espaço do lar, da procriação e da família tradicional, como se a vida feminina só fizesse sentido aí dentro. Como se todas as árvores dessem o melhor de si na mesma estação. Como se apenas fossem belas e dignas as árvores que dão fruto (e o que é dar fruto?). Como se as árvores não frutíferas também não tivessem um (encantador) papel na natureza.

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 2*).

Esta postagem da Viajante 2 é polifônica, pois apresenta, de modo evidente, as diferentes vozes sociais sobre o papel da mulher aos trinta anos. O enunciado organiza-se como um jogo dos diferentes discursos, por meio da reprodução dos enunciados ouvidos ao longo de suas viagens. As diferentes vozes se entrelaçam e

se tensionam em meio às forças centrípetas (homogeneidade e acordo) e centrífugas (heterogeneidade e discordância).

A heteroglossia do discurso é revelada no jogo dos enunciados dialogado: “perguntam minha idade (o que sempre se segue ao 'mas você viaja sozinha?!' respondendo que tenho três décadas de vida”; “Mas você não tem filhos?! Nem marido?! [...] Nem casa, nem gato, nem cachorro, nem namorado, nem vontade de ter um, por enquanto”. Neste jogo, há forças centrífugas atuando, com a apresentação de vozes dissonantes sobre o papel da mulher, e também forças centrípetas, num movimento discursivo de acordo, evidenciado pelo enunciado “por enquanto”.

O enunciado “por enquanto” evidencia, deste modo, um movimento da Viajante 2 de não apenas indicar contrastes, mas eliminar a possível dicotomia entre ser uma viajante e casar-se e ter filhos. Este movimento discursivo da Viajante 2 relaciona-se com a discussão de Touraine (2007) sobre o papel social das mulheres como atrizes de suas vidas, pois, por meio das palavras e das ações de mulheres, a supressão da dominação masculina sobre a mulher pode começar a ocorrer com a reunificação da vida social. Em outras palavras, a mulher, ao se conhecer e se empoderar, pode assumir vários papéis de diferentes identidades, para além das dicotomias impostas pela sociedade patriarcal.

As forças centrífugas materializam-se no discurso, também, pelas escolhas lexicais da Viajante 2, ao se referir à significação cristalizada pelo discurso patriarcal de que a mulher deva ser esposa, com o uso de “cobrança ridícula”, “casamentos desastrosos”, “alianças de papel branco”, “crudelíssimo”.

6.2.3 Diário de viagem como narrativa de memória

O diário de viagem da Viajante 2 é do dia 08/04/2016, quando a viajante estava em Santa Elena de Uairén, Venezuela. O relato a seguir é sobre as primeiras 30 horas de estadia da Viajante 2 na Venezuela.

Quadro 17 - Postagem da Viajante 2 – 08/04/2016

Vê lá se eu poderia adivinhar como seriam estas primeiras 30 horas de Venezuela, parte II. Estive no país nos idos 2011, quando Chavez era vivo e ainda usavam notas de 10 e de 20 bolívares para comprar alguma coisa – hoje, usam-se as de 50 para cima para comprar tipo uma bala. Saímos de nossas respectivas camas junto com as sete horas da madrugada, super determinados a conhecer a Quebrada de Jaspe, uma cachoeira bonita a 40 km de Santa Elena de Uairén, coladinha na fronteira com o Brasil. Nós, neste caso, somos eu e o Hon, um sul-coreano alegrinho que conheci ontem e com quem estou dividindo o quarto do hotel (R\$ 9, cada) - contar como eu vim parar aqui rendeira uma história duas vezes maior e mais doida que esta, mas deixa pra lá.

Segundo o mapa, o pico está a poucos metros da estrada principal 'haciael norte', então o esquema era só pegar uma carona simples, de boa e caminhar uns minutinhos. 'De boa' talvez não seja a melhor das expressões, porque menos de uma hora a gente não esperou. Por sorte, tínhamos sombra de árvore, sombra de chapéu, água, protetor e aquela paisagem do caralho pra distrair. Por fim, parou um caminhãozinho com dois caras. O motorista ocupava a boca grande mais com aquele interminável charuto Havana do que com palavras. Era mais de agir. Logo arranjou uma mantinha de criança para preencher o vão da caixa de marchas e impedir que uma das bandas da minha bunda ficasse sem apoio. Depois, desensacou um pão molhadinho de canela, o tal do Catalina, e dividiu comigo e com Hon, metade, metade. Primeiros minutos, controle do exército. Param-nos (param todos), documento, passaporte, blabla. Seguimos.

A Quebrada de Jaspe fica já no Parque Nacional Canaima, em uma aldeia indígena. Passamos pelas ocas com 'buenos dias' e depositamos a taxa de entrada na urna indicada (R\$ 0,40). Dez minutinhos de caminhada fácil, fácil, estávamos na cachoeira. Que decepção! Não tinha nem uma bacia d'água pra sentar dentro. A cachoeira tava seca, seca. Bão, até que tinham umas quedinhas d'água que davam pra refrescar e tomar um banho tipo de chuveiro – com chinelo, né, porque aquele lodo escorrega mais que sabão de barro.

Demos uma exploradinha nos arredores, subimos uns paredões massa – impressionante como eu consigo disfarçar o medo de entrar no meio do mato. Depois do banho, dormimos sobre a grande pedra que outrora foi o fundo da cachoeira (cara, não sei se é jaspe mesmo, mas essa pedra tem uma cor escandalosa de salmândra fosforescente sob a água, nunca tinha visto isso). Não sei quanto tempo dormi, calculo que umas duas horas. Só sei que sonhava toda hora que tinha gente chegando na cachoeira - e que a sombra das árvores se mexeu de modo que minhas pernas ficaram deliciosamente cor-de-rosa-camarão. Quando acordei de fato, um grupo chegava.

A sorte que não tivemos na ida veio de uma vez só na volta. Não esperamos nem dois minutos por uma carona. Opa, opa! Uma carona não, A carona! Era um caminhão cheio de engradado de Polar, aquela cerveja venezuelana que quem já provou sabe o que é saudade. Fomos sentando sobre uma tábua que cruzava a montanha de engradados, os pés sobre as garrafas, na companhia de dois jovens venezuelanos dos mais gente fina, o José e o Pedro.

Os muchachos tinham uma caixa térmica recheada de gelo e de Polar, que eles abriam toda vez que a cerveja de alguém acabava ou que o pessoal da frente requisitava mais uma. Pedro era o nome da tarde. “Una más, Pedro!” “Pedro, la Polar!” “Pedro!” E aquele vento absurdo embaraçando o cabelo, a GranSabana toda exuberante, despejando aquele verde de montanhas e chapadas sobre a gente, deixando o asfalto furar suas manadas de nuvens baixas sem dó, nem piedade. Eita porra!

Uma fila imensa perfilava os dois lados da estrada na entrada de Santa Elena. Uma hora de espera, nos disseram. Era para abastecer. O controle é grande, gente do exército armada, para evitar contrabandos. Pouco antes, José apontara um rio ainda com água: “Estão vindo lavar a roupa aqui, está faltando água. Estou gastando muito dinheiro para comprar água, litros e litros. E a água é mais cara que gasolina nesta vaina”. Como sabemos, na Venezuela, se enche o tanque do carro com menos de um dólar.

Desci da montanha de garrafas e madeiras rangentes com calma, para não dar muito na cara que já estava devidamente calibrada. Ainda bem que em 40 km de pé na tábua não cabem muitas rodadas. Com abraços, despedi-me de coração dos muchachos e segui com o Hon para qualquer lugar que tivesse comida. Caralho, como eu fui feliz nesta tarde!

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 2).

Este texto está organizado como uma narrativa de experiência, cuja estrutura apresenta um conjunto de ações nas quais estão entrelaçados quem relata (Viajante 2), os agentes que participam dos fatos (ela, Hon, caminhoneiros na ida, indígenas, caminhoneiros e rapazes do caminhão de cerveja, na volta), onde (Santa Elena de Uairén e Cachoeira Jaspe, na Venezuela) e a data, citada anteriormente.

As ações relatadas, como rastros de memória da Viajante 2, foram: inflação na Venezuela, evidenciada pela desvalorização do bolívar; quarto dividido com coreano que conheceu no dia anterior; carona, aguardada por mais de uma hora, com direito à mantinha no banco e pão molhado com canela; cachoeira no meio de aldeia indígena que estava quase seca; banho nos filetes de água que sobraram; paredão de rocha impressionante; soneca na pedra; na volta, carona no caminhão de cerveja, que foi oferecida, geladinha.

Neste diário de viagem, a Viajante 2 compartilha, subjetivamente, as impressões sobre as primeiras horas, na segunda vez em que esteve na Venezuela, e os momentos felizes que passou na sua ida à Cachoeira Jaspe. A subjetividade do texto apresenta-se pela presença de enunciados exclamativos, como: “Que decepção!” “Opa! Opa! Uma carona não, A carona!”; “Eita, porra!”; “Caralho como eu fui feliz nesta tarde!”. As descrições das situações e ambientes visitados são tão detalhadas que podem ser visualizadas como uma fotografia. Esta imagem em palavras, com base em Halbwachs (1990), transforma-se de um relato autobiográfico em uma memória coletiva, histórica e afetiva, compartilhada e construída na relação da Viajante 2 com seus fãs.

O diário de viagem da Viajante 2 é construído como uma narrativa de memória, porque apresenta a narração do passado e possibilita a projeção de futuras viagens ou a adesão de fãs ao estilo de vida viajante. Esta concepção vai ao encontro das discussões de Pollack (1989), nas quais a memória é o elemento componente da identidade, reforçando a coesão social pela adesão afetiva ao grupo.

Além disso, de acordo com Canavilhas (2004), por meio da memória, atualizam-se impressões e interpretações do passado da Viajante 2 que se apropria

do *Facebook* e da *fanpage* como suporte ideal para compartilhamento imediato, duradouro e replicado destas experiências vividas.

6.3 Viajante 3

A Viajante 3 durante o primeiro semestre de 2016 esteve em diferentes locais do Brasil, geralmente viajando sozinha. No final de 2015, entre novembro e dezembro, visitou Búzios (RJ), Rio de Janeiro (RJ), Juiz de Fora (MG), Belo Horizonte (MG), entre outras cidades nas imediações. Neste trajeto, ela foi pegando carona. No início 2016, chegou a Valença, na Bahia. No quadro 18 a seguir, há uma linha do tempo dos locais nos quais esteve no período de janeiro a junho de 2016.

Quadro 18 - Linha do tempo – Viajante 3

Data	Local
05/01/2016	Valença, BA, Brasil
07/01/2016	Morro de São Paulo, BA, Brasil
19/01/2016	Salvador, BA, Brasil
26/01/2016	Maceió, AL, Brasil
05/02/2016	Recife, PE, Brasil
12/02/2016	Olinda, PE, Brasil
17/02/2016	Ilha Carlito, AL, Brasil
19/02/2016	Maceió, AL, Brasil
23/03/2016	Caruaru, PE, Brasil
28/03/2016	Bonito, PE, Brasil
07/04/2016	Vicência, PE, Brasil
08/04/2016	Porto de Galinhas, PE, Brasil
12/04/2016	João Pessoa, PB, Brasil
15/04/2016	Cabedelo, PB, Brasil
20/04/2016	Brasília
06/05/2016	Manaus, AM, Brasil, até 15 de agosto, depois Porto Velho, RO, Brasil.

Fonte: Elaboração própria.

Estas datas e locais foram aferidos por meio de leitura e levantamento de várias postagens, neste período. Destas postagens, algumas foram selecionadas, por seu conteúdo temático responderem ou problematizarem as perguntas de pesquisa.

6.3.1 Turista ou mochileira

Segundo linha de tempo das viagens da Viajante 3, a postagem abaixo foi realizada em 08/04/2016, quando a viajante estava em Porto de Galinhas (PE). Nesta postagem, as categorias aferidas, com base no conteúdo temático e escolhas lexicais, são “mochileira” e “estimulando interações”.

Quadro 19 - Postagem da Viajante 3 – 08/04/2016

A pose é de turista rica mas a quentinha era de mochileira hahahaha
 Ta super fácil me achar... 😂
 Quem já veio aqui? 🌊🌅
 Quem quer curtir? 🍷💋
 Ta valendo muitooo 😍

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 3*)

Nesta postagem, a Viajante 3 define a sua categoria de viajante, realizando a escolha lexical “mochileira”. A viajante apresenta uma contraposição entre os conceitos de “turista rica” e “mochileira”, ironizando o discurso de que a viagem para determinados lugares é privilégio de pessoas com dinheiro, por meio do enunciado “A pose é de turista rica mas a quentinha era de mochileira hahahaha”.

Este discurso, marcado no enunciado por meio de ironia, vai de encontro às discussões de Ferrara (1999, p. 20): viajar constitui uma atividade que “não é comum a todos, mas destina-se apenas aos privilegiados que podem virar turistas”. Conforme discutido anteriormente, considera-se a definição da OMT de que turista é o “viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual”. Mesmo assim, a “mochileira” tem características diferenciadas, sendo uma delas a busca de alternativas para a realização da viagem com baixo custo. Deste modo, o enunciado

da Viajante 3 demonstra que, embora seja desprovida de dinheiro, ela está num lugar tido pelo discurso dominante como sendo de pessoas “ricas”.

Neste enunciado, o que diferencia a Viajante 3 de uma turista “rica” ou “convencional” seria o enunciado “mas aquentinha é de mochileira”. Esta diferenciação relaciona-se com que Sontag (2003) discute sobre o limite tênue entre a turista convencional e “mochileira”. Segundo o autor, mesmo que os “mochileiros” sejam considerados mais “livres” do consumo, é possível, pela foto e postagem da Viajante 3 (em outras, inclusive), vê-la em locais conhecidos e da moda.

Deste modo, o sentido que a Viajante 3 vem apresentar em seu discurso, materializado neste enunciado, é o de que o mochileiro pode visitar locais badalados e que a diferença é o modo alternativo de chegar e usufruir destas viagens, seja por autonomia, seja por baixos custos.

A Viajante 3, ainda, estimula interações com seus fãs, por meio dos enunciados: “Ta super fácil me achar... 😂”; “Quem já veio aqui? 🏔️🔥”; “Quem quer curtir? 🍷”. Estes enunciados contrapõem o discurso de que somente turistas “ricos” podem freqüentar Porto de Galinhas (PE) e chamam as pessoas a pensar sobre estar nestes locais.

Na postagem a seguir, feita no mesmo dia, em Porto de Galinhas, foram também aferidas as categorias mochileira e estimulação de interação com fãs.

Quadro 20 - Postagem da Viajante 3 – 08/04/2017

E ai gente?
 sabe o que eu não poderia deixar de fazer...
 Viver o meu sonho agora!
 Nem todo dia é fácil. Eu já chorei, já passei momentos tensos, já pensei em parar, Mas não paro, e faria tudo de novo.
 Porque vale a pena.
 Eu não serei uma mochileira pra sempre, no fim dessa jornada, eu mudarei de lado voltando a dar suporte a quem precisa
 E na real sempre tem alguém ficando rico comprando o tempo de outros rs
 Se um dia eu precisar vendo de novo essa bagaça rs.
 E em tempos de crise contar histórias de esperança vai fazer diferença. 😊😌
 Não se deixe amedrontar, esse é o seu momento.
 Não venda seu tempo barato.
 Pense nisso...
 Qual é o seu sonho xuxu?

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 3*).

Nesta postagem, a Viajante 3 se define como “mochileira” por meio do enunciado “Eu não serei uma mochileira pra sempre”. Este enunciado ocorre depois de outros em que apresenta os sentidos de ser uma viajante “mochileira”, por meio de escolhas lexicais tais como “sonho”, “momentos tensos” e “vale a pena”. Este sentido da Viajante 3 vai ao encontro da discussão de Falcão (2015), para quem o praticante desta modalidade de viagem valoriza a escrita e apresenta satisfação e prazer pela superação de algumas dificuldades.

Por meio dos enunciados, “Mas não paro, e faria tudo de novo”, “Porque vale a pena”, “E em tempos de crise contar histórias de esperança vai fazer diferença 😊” e “Não venda seu tempo barato”, a Viajante 3 apresenta o sentido de que, ao relatar as suas experiências como mochileira, faz a diferença, pois conta histórias de esperança por tempos melhores. Este sentido vai ao encontro da discussão de Falcão (2015), quando caracteriza esta categoria de turismo pela possibilidade de ir e vir, com liberdade para a mobilidade e semfixação de tempo e de espaço, sendo os “mochileiros” os “donos do próprio desejo”. Também, segundo Falcão (2015), e em consonância com o sentido da Viajante 3, ser mochileiro está para além de

questões econômicas, configurando-se como um estilo de vida, uma prática de ócio nas sociedades contemporâneas.

Então, com base nas discussões teóricas de Ferrara (1999), Sontag (2003) e Falcão (2015) e nos sentidos da Viajante 3 sobre a modalidade de turismo que pratica, a viajante pratica a modalidade de turismo como “mochileira”, cuja significação pode ser construída da seguinte forma: ser mochileiro pode ser um estilo de vida, por meio do qual os viajantes podem praticar o ócio, visitando lugares alternativos ou badalados, motivados pela liberdade de mobilidade e por serem donos do próprio desejo; também, a prática de relatar experiências de viagens pelos viajantes desta modalidade de turismo, em especial as dificuldades, seria uma forma de divulgar este estilo de vida e fomentar esperança, em meio a um mundo em crise.

6.3.2 Empoderamento e construção de si

A Viajante 3 realizou 33 postagens, cuja categoria aferida é o empoderamento, no período de janeiro a junho de 2016. A postagem, a seguir, foi realizada em 28 de março de 2016, quando a Viajante 3 estava em Bonito (PE - Pernambuco). Esta postagem foi realizada após o assassinato das duas mochileiras argentinas.

Quadro 21 - Postagem da Viajante 3 – 28/03/2016

O maior medo de uma mulher durante toda sua vida é ter seu corpo violado.

Nem fome, nem solidão

Sobrevivemos fortes as mazelas da raça humana.

Pois nosso maior medo é a brutalidade de ter o corpo violado.

Dilacerado, exposto e condenando a reviver dia após a dia a dor marcada na memória e no espírito.

Passarão séculos e o maior medo de cada mulher ainda será ter seu corpo violado, roubado e sangrado.

Até quando?

Todos os dias eu escuto na estrada.

" Você pode ser estuprada"

Com todo minha fé eu respondo.

" Se você não me estuprar, vai ser mais um dia que eu sigo sã e salva"

A maneira como afetamos a vida do outro ser humano que passa por nós é escolha e responsabilidade apenas nossa. Opte por fazer o bem e será mais um dia que aquela pessoa segue sã e salva.

NUNCA SOFRI NENHUM ABUSO FISICO NA ESTRADA!

Mas sofro diariamente o julgamento das escolhas que fiz pra minha VIDA, e acreditem doi muito.

Então, de vez em quando, pare de me julgar e me abrace, assim será mais um dia que sigo sã e salva.

PARE DE VIOLAR MINHA ALMA!

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 3*).

Nesta postagem, a Viajante 3 faz uma reflexão sobre a violência física e sexual e a violência psicológica contra as mulheres, pelas quais sofrem e são responsabilizadas. Estes sentidos estão materializados nos enunciados: “Todos os dias eu escuto na estrada”; “Você pode ser estuprada”; “PARE DE VIOLAR MINHA ALMA”.

Esta reflexão é realizada por meio de levantamento das diferentes vozes de discurso sobre a vida das mulheres neste diário de viagem. As vozes dos discursos são colocadas em confronto, em meio a forças centrípetas, como nos enunciados que revelam os sentidos da Viajante 3 e das pessoas que questionam a sua prática de viajante “mochileira”: “[nas viagens] ‘Você pode ser estuprada’”; “Se você não me estuprar, vai ser mais um dia que eu sigo sã e salva”. Ao apresentar a possibilidade

de a viajante ser estuprada, há o discurso vigente de que a mulher deve se reservar ao espaço privado para preservação de sua dignidade. Este discurso é refutado pela Viajante 3, quando devolve ao outro a responsabilidade de preservação da dignidade dela como mulher.

Os sentidos e ações discursivas da Viajante 3 demonstram seu empoderamento, como apresentado no glossário da Universidade de Valencia (2017), pois demonstra a consciência da força de poder de suas escolhas e atitudes, para garantir a sua dignidade como pessoa. Seus sentidos vão ao encontro da discussão de Touraine (2007), no que tange à construção de si, de modo que se constitui como atriz da sua história, fazendo suas próprias escolhas e resistindo às identidades socialmente impostas. Também, com base em Touraine (2007), a Viajante 3, quanto à violência física e psicológica contra as mulheres, atua para não permitir ser vitimizada e se coloca como sujeito central que consolida suas funções sociais e históricas com vitalidade e força, para construir-se sem intimidação e reunificando as dicotomias.

6.3.3 Diário de viagem como narrativa de memória

O diário de viagem da Viajante 3 foi postado em 07 de janeiro de 2016, quando a Viajante 3 esteve em Morro de São Paulo. Neste relato, a categoria aferida, por meio da análise do conteúdo temático, é a declaração de amor à viagem e tudo que o estilo de vida proporciona.

Quadro 22 - Postagem da Viajante 3 – 07/01/2016

Quando se deseja muito uma coisa, ela acontece. Hoje estou numa pseudoEcovila, e aconteceu mais cedo do que eu imaginava.

No universo paralelo conversei com muitas pessoas sobre a ideia de lugares sustentáveis, ir a um sítio de permacultura, quero aprender mais sobre reciclagem, em como podemos melhorar o mundo que vivemos, sabe, um pouco de cada já ajuda e muito!

Dormi um sono tranquilo e grato no hotel em Valença, toda agonia que vivi tornou-se mais uma experiência de fé, sai do hotel direto pra o cais, precisava de um barquinho pra chegar a Morro de São Paulo, andei até uma praça pensando em como ganhar a passagem, sentei e fiquei observando, uma mulher sentou-se ao meu lado e começamos a conversar, perguntei se conhecia alguém a quem eu pudesse contar minha história pois eu precisava de uma passagem, ela disse que me acompanharia ao guinche pra falar com o administrador, mas que seria quase impossível alguém liberar minha ida de graça, esperamos o retorno do marido dela, eles trocaram algumas palavras e me disseram “Vamos! Compraremos sua passagem e de lá é com você”.

Eu sempre acredito que vai dá certo, mas na hora que dá é uma felicidade meio inesperada gente. Meus dois anjos eram Meyre e Robson, mudaram de Salvador pra Morro de São Paulo pra abrir uma loja de bijuterias “Meyre Bijuterias”, eles estavam indo a Gamboa, e com isso eu tinha outra questão entrar na ilha sem pagar a tal taxa de preservação, Meyre me disse que se conhecesse alguém na cidade a taxa fica isenta.

Havia uma moça próximo que um pouco antes tinha conversado conosco a respeito do atendimento no cais, os nativos tentam alavancar todos os preços, e ela só não pagou mais caro a passagem porque foi ao guinche no momento que Robson foi comprar minha passagem, conhecia alguém e se podia me levar com ela, ela disse que se desse levaria, seu nome é Grayce, uma artesã do Macramê, estava no Universo Paralelo e aproveitou a oportunidade pra ir visitar sua amiga de uma vida toda e que ensinou essa arte, chegamos em morro de São Paulo e o pai de sua amiga, o Tio Joaquim já aguardava, fomos ao atendimento e pedimos a isenção, fomos mal atendidos e a todo custo eles tentavam dificultar nossa entrada, nos passado a vários níveis atendimento, até chegar a pessoa final que misteriosamente não estava lá, pois ficamos lá aguardando até que, num descuido do segurança fizemos a egípcia* (cara de paisagem) e passamos sorrateiramente, alguém gritou pra que voltássemos, apenas apressamos o passo hahahahah perguntei a ela se ela

Subimos a escadaria rindo um monte, Tio Joaquin pergunta a Grayce sobre mim, ela conta que acabamos de nos conhecer e que eu precisava de alguém pra ajudar a entrar na ilha, ele todo sorridente pergunta se eu tinha lugar pra ficar, pois eu deveria ficar com eles ou pelo menos ir lá descansar, eu tinha onde ficar, na noite anterior havia falado com Van, uma querida que mora em Morro que já havíamos trocado mensagem, mas ela só sairia do trabalho a noite eu devia esperar, aceitei o convite do Tio Joaquim, ele já pegando minhas coisas pra ajudar com o peso seguimos pra casa de Alana, ele estava super feliz em ter visitas, lembro do abraço apertado no primeiro contato, Tio Joaquim é desses, o coração é tão grande quanto a intensidade do sorriso, me fez me sentir em casa como se já tivesse sido esperada, ele falava da netinha Lotus, em como ela estava linda e fazendo a alegria dele e de Alana a amiga de grayce.

Acabaram-se as pedras das ruas, agora uma estrada de barro levava ao lugar que eu tanto queria. Uma ecovila com um portão simples e uma placa de quatro letras – AMOR – nem preciso dizer que meu coração disparou, sim era tudo tão lindo como eu imaginava, colorido, simples, minimalista, palavras lindas pra todo lado, gratidão, paz, união. Era tudo que eu queria, olho pros lados, e crianças correndo sem roupas, brincando, livres e felizes, é muito astral, a casa de Alana parece um refúgio em meio esse mundo moderno, é uma vida tão simples, ela tem realmente o que precisa, a bebê Lotus já nasceu numa vibe que toda criança merece, muito carinho, ela é o xodó, a casa é um entra e sai de gente, está aberta a todos, o clima aqui transcende a comunidade, é uma grande família, uma parceria pra fortalecer um ideal de irmandade.

Entrei não me contendo com a energia de casa, Alana me abraça e me recebe como se eu tivesse sido esperada, uma menina mãe, com aquele olhar que brilha ao encontrar os amigos, me senti tão especial de estar aqui, vou aprender um pouco com eles, ganhar uma nova visão do que realmente vale a pena, estou tão grata de ter parado aqui, que aceitei o convite e resolvi ficar, fora que o feijão do Tio Joaquim é bárbaro! Como amo feijão! Com farinha então... Vida!

Pássaros cantando, cheiro de mato molhado, aquele calor suportável, o sorriso de Lotus, o barulho da criançada, felicidade é isso, dormir com música numa fogueira próxima, ver um pica-pau ao longo do dia, comer fruta do pé, ver pessoas felizes falando de trabalho voluntário com aquela esperança de estar mudando tudo pro melhor. Eu precisava disso. Cada dia me perco pra encontrar uma xxxxxx melhor, isso é a tal metamorfose ambulante, e que feliz sou de poder me permitir isso!

Vou ali viver o significado do nome da Lotus, que é a flor que nasce na lama, atravessa as águas pra se abrir ao brilho do sol. Espiritualidade maior... quero ser assim!

— sentindo-se encantado em Morro de São Paulo

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 3).

O diário de viagem da Viajante 3 trata do relato da realização de desejo de conhecer lugares sustentáveis. Neste caso, o lugar onde ela esteve foi uma espécie de ecovila, um sítio de permacultura, de Morro de São Paulo na data citada.

Este texto está organizado como um relato, como uma narrativa de experiência, cuja estrutura apresenta um conjunto de ações no qual se entrelaçam quem relata (Viajante 3), os agentes que participam dos fatos (ela, o casal, Grayce, Tio Joaquim, Alana, Van e Lótus), onde (sítio de permacultura em Morro de São Paulo) e a data, citada anteriormente.

As ações relatadas, como rastros de memória da Viajante 3, são: conseguiu a passagem de barco para chegar ao lugar, contando sua história a um casal; conseguiu não pagar a taxa de entrada, fugindo com outra visitante, Grayce; conhece tio Joaquim, que a acolhe na ecovila, enquanto não encontra a amiga Van; e conhece Alana e Lótus, filha e neta de tio Joaquim.

O diário de viagem da Viajante 3 apresenta uma narrativa bem subjetiva, pois, além dos fatos elencados, apresenta uma descrição detalhada dos cenários e sensações, como uma pintura ou imagem com realces e cores, com a escolha de adjetivos e substantivos abstratos. Esta subjetividade apresenta-se em vários enunciados como: “Uma ecovila com um portão simples e uma placa de quatro letras – AMOR – nem preciso dizer que meu coração disparou, sim era tudo tão lindo como eu imaginava, colorido, simples, minimalista, palavras lindas pra todo lado, gratidão, paz, união.”; “Pássaros cantando, cheiro de mato molhado, aquele calor suportável, o sorriso de Lotus, o barulho da criançada, felicidade é isso, dormir com musica numa fogueira próxima, ver um pica pau ao longo do dia, comer fruta do pé, ver pessoas felizes falando de trabalho voluntario com aquela esperança de estar mudando tudo pro melhor”.

Também, a subjetividade de seu relato é revelada por elementos das funções emotivas, voltadas para o diálogo e para a busca de responsividade dos fãs, e poéticas, voltadas a criar sensação de proximidade e pertencimento de suas memórias aos seus interlocutores. Esta ação discursiva da Viajante 3 vai ao encontro do que Pollack (1989) discute, pois, de acordo com o autor, a memória se

constitui num elemento que compõe a identidade de quem a compartilha e com quem se apropria dela, pois reforça os sentimentos de pertencimento e possibilita a adesão afetiva do que foi compartilhado.

Com base em Canavilhas (2004), estas narrativas de memórias, nos diários de viagem na *fanpage*, são instrumentos de atualização de impressões, interpretações do passado e projeção do futuro, sendo um trabalho sobre o vivido e a resignificação do presente, como no enunciado: “Cada dia me perco pra encontrar uma Viajante 3 melhor, isso é a tal metamorfose ambulante, e que feliz sou de poder me permitir isso!”. Assim, o diário de viagem, postado na *fanpage*, pode ser considerado uma narrativa de memória, pois são memórias individuais que, ao serem compartilhadas com os fãs, tornam-se produto cultural de pertencimento coletivo.

6.4 Viajante 4

Em janeiro de 2016, fazia quatro meses que a Viajante 4 estava trabalhando para o *Princess Cruises* (navio de cruzeiro). Nos quatro últimos meses de 2015, ela tinha estado muitas vezes no México, no Hawaii, na costa da Califórnia (San Diego, Santa Barbara, Los Angeles, San Francisco, Catalina Island), no Alaska (EUA – Estados Unidos), e em Vancouver, em Victoria (Canadá). Ela resolveu trabalhar, em navio de cruzeiro, para “pegar carona” e viajar para todos estes lugares.

Retornou para Salvador (BA), onde mora, e realizou uma viagem por três países da América do Sul: Chile, Bolívia e Colômbia, com uma amiga a quem chama de “Chica Loca”. No quadro 23 a seguir, há uma linha do tempo, com as datas e locais onde esteve no primeiro semestre de 2016.

Quadro 23 - Linha do tempo – Viajante 4

Data	Local
05/01/2016	Puerto Vallarta, México
14/01/2016	Hawaii, várias ilhas
27/01/2016	Puerto Vallarta, México
14/02/2016	Long Beach, Los Angeles, Califórnia – USA
19/02/2016	Hawaii, várias ilhas
28/02/2016	Enseada, México
29/02/2016	Long Beach, Los Angeles, Califórnia
03/03/2016	Cabo de San Lucas, México
05/03/2016	La Paz, México
07/03/2016	Islas Marietas, México
10/03/2016	Voltando ao Brasil, Aeroporto de Los Angeles, CA, USA.
18/03/2016	São Paulo, SP, Brasil
14/03/2016	Foz de Iguaçu, PR, Brasil
18/03/2016	Rio de Janeiro, RJ, Brasil
01/04/2016	Salvador, BA, Brasil
09/04/2016	Bauru, SP, Brasil
13/04/2016	Santiago, Chile
14/04/2016	San Pedro Atacama, Chile
20/04/2016	Valparaíso, Chile
25/04/2016	Pucon, Chile
29/04/2016	Lima, Peru.
04/05/2016	Huacachina, Peru
07/05/2016	Lima, Peru
08/05/2016	Huaraz, Peru
13/05/2016	Huanchaco, Peru
15/05/2016	Lima, Peru
28/05/2016	<i>Tour</i> pela Selva Amazônica peruana
01/06/2016	Bogotá, Colômbia
07/06/2016	Cartagena, Colômbia
11/06/2016	Santa Marta, Colômbia
15/06/2016	San Andres, Colômbia
23/06/2016	Providência, Colômbia
26/06/2016	Medelín, Colômbia
01/07/2016	San Antonio de Cali, Colômbia
07/07/2016	Volta para casa em Salvador, BA

Fonte: Elaboração própria.

Estas datas e locais foram aferidos por meio de leitura e levantamento de várias postagens, neste período. Destas postagens, algumas foram selecionadas, por seu conteúdo temático responderem ou problematizarem as perguntas de pesquisa.

6.4.1 Turista ou mochileira

Segundo linha de tempo das viagens da Viajante 4, a postagem abaixo foi realizada em Valparaíso, no Chile, em 20/04/2017. Nesta postagem, a categoria aferida, pela análise do conteúdo temático e pelas escolhas lexicais, foi a de “mochileiro” e sua estética.

Quadro 24 - Postagem da Viajante 4 – 20/04/2016

😂😂 Exatamente! Muita gente pensa que mochileiro é hippie ou que não toma banho, que só tem roupa surrada e suja, que não penteia cabelo... Já ouvi cada coisa por aí... Hahaha Temos mesmo que ser muito "paz e amor" pra ler/ouvir tanta besteira e continuar sorrindo né. Rsrs Mas isso não quer dizer que todo mundo cabe nessa definição boba. Eu, por exemplo, não abro mão dos meus vestidinhos coloridos (se eu chegar na Colombia, adeus calça jeans! Haha), da minha super necessaire, dos meus 3 biquinis. Kkk Quem consegue viajar 3 meses com 4 mudas de roupa, meus parabéns. 🍌🍌🍌

Dou valor e acho massa, mas eu viajo com umas 15! Kkk Pra mim não tem receita de bolo, mochileiro tem esse nome pq carrega uma mochila... O que vai dentro, é problema de cada um... Até pq mochila com 5 ou 15kg, ainda é mochila, e cada um que carregue sua cruz, né não? 🙄 E hoje o conceito já se expandiu tanto, que abrange quase qualquer tipo de viajante que quer ser mais economico, embora muita gente falhe na missão. Kkk Então vamos ser hippies, happies, mochileiros, maleiros, duros ou abastados. O importante é botar o pé na estrada! Ou na lancha, no avião, na areia... 🍷🍷

Beijos desse pico irado em Valparaíso... 🍷🌍🇨🇱

#chile #valparaiso #cerroalegre #gopro#goprohero4 #goprooftheday #reflection #pic oftheday

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 4*).

Nesta postagem, a Viajante 4 apresenta reflexões sobre os sentidos atribuídos por pessoas que não praticam esta modalidade de viagem a respeito de estilo de roupa, visual e hábitos de higiene, levantando as palavras mais usadas para caracterizar o “mochileiro”, como “hippie”, “roupa suja”, “roupa surrada”, “cabelo despenteado”. Para tanto, utiliza as escolhas lexicais “definição boba” para caracterizar este modo de caracterizar o “mochileiro” e questionar este discurso de preconceito.

Também, para refutar este sentido sobre o viajante mochileiro, ela utiliza argumento de exemplificação, usando os enunciados: “Eu, por exemplo, não abro mão dos meus vestidinhos coloridos (se eu chegar na Colombia, adeus calça jeans! Haha), da minha super nécessaire, dos meus 3 biquínis”.

A Viajante 4 apresenta alguns sentidos sobre ser “mochileiro”, por meio dos enunciados: 1. “mochileiro tem esse nome pq carrega uma mochila”; 2. “abrange quase qualquer tipo de viajante que quer ser mais econômico, embora muita gente falhe na missão”; 3. “vamos ser hippies, happies, mochileiros, maleiros, duros ou abastados. O importante é botar o pé na estrada! Ou na lancha, no avião, na areia”.

Os sentidos 1 e 2, apresentados pela Viajante 4 sobre mochileiros, vão ao encontro da definição de Loker-Murphy e Pearce (2005 apud OLIVEIRA, 2005), caracterizados como viajantes com pouco dinheiro, com hospedagens, meio de transporte e atividades alternativos, carregando mochilas com pouca bagagem.

No terceiro sentido, a Viajante 4 amplia o sentido apresentado pelos autores Loker-Murphy e Pearce (2005 apud OLIVEIRA, 2005), evidenciado no enunciado “E hoje o conceito já se expandiu tanto”. Este sentido tem relação com as discussões de Ferrara (1999) sobre a linha tênue que diferencia as categorias de turistas, e as de Aoqui (2005), que afirma que os mochileiros também fazem parte de um nicho de mercado já captado pela indústria turística.

Segundo Aoqui (2005), esta expansão do conceito de mochileiro, ou ainda a diferenciação tênue entre os diferentes tipos de turistas, deve-se ao fato de frequentarem os mesmos meios de hospedagem, visitarem as mesmas atrações e lerem as mesmas publicações. De modo um pouco diferente, para Figueiredo e

Ruschmann (2004), estas duas categorias de turistas que ora se aproximam, ora se distanciam, em especial pelo fato de as ideias de viagem, turismo, viajante e turista terem sido construídas, de modos diferentes, ao longo dos anos na literatura e nos relatos de viagem.

A postagem a seguir foi realizada em 15 de abril, quando a Viajante 4 estava no Atacama, Chile. Nesta postagem, também trata de ser “mochileira”, como pode ser verificado a seguir.

Quadro 25 - Postagem da Viajante 4 – 15/04/2016

To postando essa foto só pq fiquei a cara da riqueza! Hahaha Nas minhas mochiladas eu não tenho muitos momentos "toma aqui um roupão pra esquentar" ne? Hahaha Hoje eu aproveitei muito! A agua tava um geeeelo e esse sorriso ai não durou muito. 😊😎😂🧊 O passeio é de 16h até 21h e inclui um lanche bem farto, com direito a aprender a fazer pisco! Hahaha #vemcomigo #gopro #goprohero4 #goprooftheday #laguna #atacama #aylluatacama

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 4).

Nesta postagem, em seu diário de viagem, a Viajante 4 apresenta sentido de situação inusitada a uma viajante mochileira, por meio dos enunciados: “To postando essa foto só pq fiquei a cara da riqueza! Hahaha Nas minhas mochiladas eu não tenho muitos momentos ‘toma aqui um roupão pra esquentar’”. O sentido de inusitado ocorre pelas escolhas lexicais “cara da riqueza”, que se apresenta como o oposto ao sentido que a viajante atribui ao papel da mochileira.

O sentido apresentado pela Viajante 4, nesta postagem, tem relação com a discussão de Loker-Murphy e Pearce (2005 apud OLIVEIRA, 2005), que viajantes mochileiros viajam com pouco dinheiro e pouca bagagem.

Então, com base nas discussões teóricas de Loker-Murphy e Pearce (2005 apud OLIVEIRA, 2005), Figueiredo e Ruschmann (2004) e Aoki (2005), e nos sentidos da Viajante 4 sobre a modalidade de turismo, a viajante pratica a modalidade de turismo como “mochileira”, cuja significação pode ser construída da seguinte forma: o turista “mochileiro” se caracteriza pelo viajante levar mochila, com poucos pertences, e hospedagem, meio de transportes e atividades alternativas. Pode ser uma modalidade econômica, o que não restringe pessoas abastadas

aderirem ao estilo “mochileiro” de viagem; o conceito de “mochileiro” tem se ampliado e, atualmente, há uma linha tênue entre a definição de “turista tradicional” e “mochileiro”, do ponto de vista mercadológico, visto que lêem as mesmas publicações, visitam os mesmos lugares e frequentam os mesmos meios de hospedagem.

6.4.2 Empoderamento e construção de si

A Viajante 4 não tem muitas postagens em que dialogue com fãs sobre empoderamento feminino. A postagem, em seu diário de viagem, foi realizada em 20/04/2016, quando ela estava no Atacama, Chile. É uma resposta bem-humorada à *hashtag* “bela, recatada e do lar”, criada nas redes sociais em resposta à reportagem da Revista Veja sobre a primeira dama Marcela Temer.

Quadro 26 - Postagem da Viajante 4 – 20/04/2017

E o machismo ó... 🙄🙄🙄 BELA: fazendo careta, mostrando as rugas, nem ai... Nunca vivi tanto, sendo tudo que eu quero ser... Um brinde as minhas rugas! 🍷
 RECATADA: sempre muito comportada, de acordo com os bons costumes... 😊 A questão é de quais costumes estamos falando né. Hahaa 😊
 DO LAR: só podem estar falando de mim. Haha É a minha cara! .Lar, doce mar./ lar, doce ar/ lar, aqui ou em qualquer lugar...
 ** Não existe nada de errado em ser [#belarecatadaedolar](#) , mas isto não me representa. 😊
[#belabaguncadaedomar](#)
 Foto: Salar de Tara. Deserto do Atacama. 🥰💙🌍 [#naomerepresenta](#) [#atacama](#) [#chile](#)
[#backpacking](#) [#gopro](#) [#iphonesia](#)

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print* da *fanpage* da viajante 4).

Nesta postagem, há multiplicidade de vozes sobre o papel da mulher na sociedade, o que podemos chamar de polifonia. Esta polifonia materializa-se pela intertextualidade com o texto da Revista Veja, marcada especialmente pela resignificação do enunciado “bela, recatada e do lar”, e a interdiscursividade entre os discursos feministas e machistas, por meio das escolhas lexicais, com a criação da *hashtag* “bela, bagunçada e do mar”.

Ainda, a Viajante 4 realiza um jogo de enunciados, com as duas *hashtags*, nas quais há a presença de heteroglossia, e com a coexistência de confronto entre diferentes vozes. O confronto das vozes manifesta-se em meio das forças centrífugas, materializadas pela discordância de sentidos que os diferentes discursos apresentam, e força centrípeta evidenciada no enunciado “** Não existe nada de errado em ser #belarecatadaedolar, mas isto não me representa. 😊”, com o movimento discursivo de acordo, em parte, dos sentidos confrontados.

Os sentidos apresentados pela Viajante 4 vão ao encontro da discussão de Touraine (2007) de “construção de si”, porque, ao ressignificar o discurso vigente e criar nova significação sobre o seu papel de mulher, ela se coloca diante de si mesma, com um olhar que percebe o que é, partindo da consciência de si e do que quer ser (TOURAINÉ, 2007): “#belabaguncadaedomar”.

Pelo enunciado “** Não existe nada de errado em ser #belarecatadaedolar”, pode-se considerar que o sentido da Viajante 4 vai ao encontro da discussão de Touraine (2007): as ações das mulheres, como atrizes de sua história, fazem um movimento de reunificação social, eliminando as dicotomias entre ser certo ou errado quaisquer papéis assumidos por elas.

6.4.3 Diário de viagem como narrativa de memória

O diário de viagem da Viajante 4, a seguir, foi postado em 07 de fevereiro de 2016, quando esteve próximo de Puerto Vallarta, México. Neste diário, ela relata como tem sido os últimos cinco meses, trabalhando no navio de cruzeiro e como estava projetando o futuro.

Quadro 27 - Postagem da Viajante 4 – 07/02/2016

5 MESES TRABALHANDO EM NAVIO

Aeeee, mais um mês aqui na gringa! Mais um cruzeiro chegando ao fim... Faltam 3 cruzeiros pra eu dizer adeus. 😊:) dormir mais que 5h por dia, comer comida baiana e tomar banho de mar sem sentir frio. Hahaha Que saudade da Bahia! E do Rio, e de Sampa... Hahaha

Nesses 5 meses eu vivi taaaanta coisa! Caramba, quando paro pra pensar que outro dia eu tava no Egito, fazendo planos de chegar na Rússia no mesmo dia que eu comecei a trabalhar. Hahaha Como a vida muda de rumo né. Um dia na Grecia, outro no Havaí. Um dia dormindo com mamis, no outro dividindo quarto com alguém que nunca vi. Admito que eu adoro essa vida "louca", sem saber onde estarei daqui 2 meses. America central? Sudeste Asiático? Nova Zelândia? Dubai?

Nesse ultimo mês comecei a economizar, pra poder viajar nas férias. E também comecei a comprar umas lembranças pros mais chegados. Hahaha Comecei a procurar passagens para as próximas aventuras. Vamos ver aonde vou acabar. Só sei que parada eu não consigo ficar, pq esse mundo é grande e o tempo é precioso.

Tenho trabalhado 12h em dia de mar e 7 ou 8h em dia de porto. Ando cansada e com sono sempre. Hahaha Contando os dias pra desembarcar. Mas continuo encantada com a experiencia e devo voltar depois de viajarem tiquinho. 😊:)

Tenho uma nova roommate, da Africa do Sul. Chegou bastante gente nova no navio e as festinhas estão pegando fogo. Eu só observo e dou risada. "Shiplife", eles dizem... Hahaha "Shitlife", alguns respondem. Eu encaro tudo numa boa e sigo sorrindo. Nem todo dia é tranquilo e muito menos bom, mas pra mim, é um dia a menos e amanhã sempre pode ser diferente, tanto pior quanto melhor.

Quando da eu acesso internet pra dar noticias aqui. E nessa brincadeira eu estou quase com 30 mil seguidores no insta. Que alegria. E o engraçado é que só agora percebi que alguns passageiros acabam sempre vindo me perguntar o que fazer nos portos. Depois eles voltam pra contar como foi, mostrar fotos ou o que compraram. É td tão natural e sem compromisso, que demorei pra perceber que estava dando dicas e mais dicas, ao invés de vender aneishahahaha

Pode ser um plano pro futuro ne. Tem um departamento de excursões aqui. Hahaha You never know... Estou contando os dias pra ir pra casa. Devo passar por Sampa e pelo Rio. Estou tentando dar um pulinho em Foz do Iguaçu também. Pode deixar que conto aqui quando formalizar meus planos. Preciso de tempo pra pesquisar passagens baratas ou com milhas.

Bom, tenho que ir... Preciso me arrumar pra trabalhar. Mais um cruzeiro começando hoje. 7 dias no Mexico! Depois tenho 15 dias Hawaii e 10 dias California e Mexico. Ai sabem pra onde vou? Meu destino mais esperado! BRASIL! Hahahauuuuu

Um beeeijoooo!

Fonte: Imagem gerada pela autora (*print da fanpage da viajante 4*).

Este diário de viagem foi postado um pouco mais de um mês antes do retorno da Viajante 4 ao Brasil. Nele, a Viajante 4 realiza uma retrospectiva dos lugares por quais passou e o trabalho no navio de cruzeiro. Este texto está organizado como um relato, como uma narrativa de experiência, cuja estrutura apresenta um conjunto de

ações no qual se entrelaçam quem relata (Viajante 4), os agentes que participam dos fatos (ela, os turistas, os colegas de navio, a mãe), onde (vários locais, onde o navio aportou) e quando (por cinco meses).

As ações relatadas, como rastros de memória da Viajante 4, são: ações passadas, como estadia em diversos países e continentes; ações no presente, como quantidades de horas trabalhadas no mar e em terra; atendimento aos turistas; nova colega de quarto; comprar lembranças aos “mais chegados”; postar fotos e relatos nas redes sociais e realizar passeio nos locais aportados; ações futuras, mais um mês no navio, estadias em São Paulo, Foz de Iguaçu e Rio de Janeiro.

A subjetividade do relato em seu diário de viagem é aferida pelo uso de primeira pessoa, modalizações apreciativas, por meio de escolhas lexicais de adjetivos, advérbios interjeições e frases exclamativas, como nos enunciados: “Hahaha Que saudade da Bahia! E do Rio, e de Sampa... Hahaha”; “Nesses 5 meses eu vivi taaaanta coisa!”; “Nem todo dia é tranquilo e muito menos bom, mas pra mim, é um dia a menos e amanhã sempre pode ser diferente, tanto pior quanto melhor”.

Estes relatos do diário de viagem, na *fanpage*, são espaços de narrativas de memória, porque, de acordo com Halbwachs (1990), apresenta-se como individual e autobiográfica, e social, externa e histórica. No caso da Viajante 4, o compartilhamento de seu relato autobiográfico organiza-se como um movimento dialógico, de modo que as palavras da viajante tornam-se também as de seus seguidores, constituindo-se como memórias coletivas. Também, com base em Palácios (2010), a liberação do polo emissor de escrita multiplicou “os lugares de memória em rede”, tornando a viajante produtora de memórias que se atualizam com impressões e interpretações do passado, presente e futuro dessas vivências.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise das categorias selecionadas, alcançamos o objetivo geral deste trabalho, qual seja, o de perceber se, ao assumir a identidade e os hábitos de mochileiras, as jovens mulheres investigadas empoderam-se e, conseqüentemente, trazem este discurso à rede social *Facebook* por meio dos seus diários de viagem.

Este objetivo diz respeito à necessidade de pensar as viajantes como sujeitos sociais, constituídos nas relações sócio-históricas e culturais, as quais produzem e reproduzem discursos feministas.

Tomamos o suporte midiático *Facebook* para verificar se as *fanpages* são plataformas para a exposição de narrativas de memórias e se elas reúnem características que as tornam capazes de formar um contexto de influência para o empoderamento das jovens.

O referido suporte midiático constitui um elemento empoderador das viajantes, possibilitando que as jovens falem por si e que construam a imagem que desejam. Essa produção de si e de discursos acontece com uma liberdade maior do que poderia ocorrer com os meios de comunicação hegemônicos. Assim, as *fanpages* pessoas agregam seguidoras, formando um campo que participa, de alguma forma, desse contexto, por meio do compartilhamento de hábitos.

Também verificamos que as tecnologias de comunicação trouxeram novas plataformas para a exposição e depósito de narrativas, o que possibilitou a mudança na forma de registro das memórias. Consideramos o diário de viagem como um instrumento de atualização de impressões, interpretações do passado e projeção do futuro.

Percebemos, ainda, uma certa ambiguidade no comportamento das viajantes em relação às suas relações com a plataforma tecnológica, já que elas, ao mesmo tempo, subvertem e reforçam o modelo de negócios do capitalismo mundial. A plataforma *Facebook*, como toda mídia digital, apropria-se dos dados nela depositados. Suas participações, e o número de seguidores que agregam,

contribuem para que essa seja uma das empresas mais bem-sucedidas no mundo dos negócios. No entanto, as quatro viajantes usam esses rastros digitais a seu favor e, mesmo que em alguns momentos possam facilitar a comercialização de bens e serviços, as suas *fanpages* potencializam um circuito econômico diferente. Apesar da coexistência desses diferentes modos, às vezes em paralelo, por sobreposição ou mesmo por meio de interação, eles estão alicerçados em princípios distintos, como os de valorização cultural, solidariedade e cooperação. Assim, conseguem movimentar relações baseadas na reciprocidade, trocas e colaboração, sendo que essas correspondem a uma proporção bastante significativa de suas relações econômicas.

Optamos por opor os conceitos “mochileira” e “turista” para as categorias de viagem, por entendermos que, tomado individualmente, o modo de viagem das jovens seria um traço que demonstraria o empoderamento das mulheres estudadas. Focamos a discussão sobre estes conceitos, com base nos referenciais teóricos discutidos e nos sentidos (temas) das manifestações discursivas das viajantes, em seus diários de viagem.

Ao final, percebemos que essa era uma discussão irrelevante, pois as mochileiras também agregam as características de uma turista, uma forma bastante específica de fazer turismo. Assim, o elemento mais importante passa a ser a forma a partir da qual elas vivenciam essa experiências, e se elas carregam uma visão impregnada daquilo que entendemos como uma postura feminista.

Ainda, notamos que as categorias turista ou mochileira não abarcam, necessariamente, a questão do empoderamento feminino. Ele ocorre por meio da construção de si, da maneira como elas entendem e narram suas histórias, da abertura ao imprevisível. Verificamos que, dentre as diversas opções dadas pela modernidade acerca da identidade, as viajantes escolhem ser mochileiras. Isso, no entanto, não significa que elas sempre adotam os hábitos e as características das mochileiras; elas avançam e recuam.

Como saída, propusemos-nos a verificar no que as viajantes investigadas se distinguem dos outros viajantes. Concluímos que as jovens demonstram

empoderamento em muitos dos momentos em que fogem do comum ou, como ouvimos muitas vezes em campo, quando “procuram o caminho mais difícil”. Agindo assim, elas subvertem a lógica do mercado, ocupando espaço em um circuito econômico alternativo no qual o dinheiro não é o elemento mais importante. Elas praticam o turismo de experiência por meio da vivência e convivência no dia a dia, evitando o consumo de bens e serviços por meio da recompensa financeira, considerando isso a experiência em sua essência. Elas vivem o turismo sem pagar em espécie pelas experiências, no que se diferenciam dos que pagam para as agências de turismo. Enfrentam riscos e desconforto. Avançam sobre contextos estranhos para as mulheres desacompanhadas, assim percebidos pela maioria das pessoas.

Com intuito de avaliar essas questões, classificamos os enunciados das viajantes com o objetivo de reconhecer suas histórias e estratégias discursivas. Foi interessante perceber que, apesar de elas terem optado por estilos semelhantes de viagem, são bastante diferentes nas suas histórias de vida. Isto nos leva à conclusão que, ao contrário do que o senso comum estabelece, não é possível traçar um estereótipo do mochileiro.

Elas também diferem nas maneiras pelas quais customizam seus diários virtuais, o que nos mostra que, apesar de abordarem o mesmo tema, ao criarem *fanpages*, cada viajante tinha objetivos e perspectivas diferentes em relação ao uso da ferramenta.

Ao final, analisando o discurso dessas *fanpages*, concluímos que as viajantes se percebem empoderadas. As postagens analisadas mostram que viajantes buscam assumir o papel social de mulheres-atrizes de suas vidas, por meio das suas palavras e das suas ações, operando, mesmo que de forma não explícita, na supressão da dominação masculina.

Este movimento ocorre na tensão discursiva de forças centrífugas e centrípetas, com a eliminação de dicotomias da vida social, como nas relações entre público/privado, sozinha/acompanhada de um homem, solteira/casada, entre outras. Assim, suas *fanpages* contribuem para que as mulheres, não apenas as jovens,

reconheçam que podem ser centrífugas: nas viagens, nas narrativas de memória, na vida.

É desse contexto, em um esforço de engajamento, que esperamos que essa dissertação participe. Queremos que ela seja lida como a produção de mulheres que buscam ser agentes de suas vidas, superando o que pode ser dado como uma condição feminina. Dessa forma, queremos que, sob nossa inspiração, outras mulheres partam para aventuras semelhantes, tomando posse dos seus caminhos, sentidos e trajetórias.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- AOQUI, C. **Desenvolvimento do Segmento Backpacker no Brasil sob a Ótica do Marketing de Turismo**. 2005. 218 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: _____ **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. O discurso no Romance. In: _____ **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BDTD. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. 2017. Disponível em <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em 20 ago. 2017.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.
- BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: _____(Org.). **Bakhtin: Outros Conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BRAIT, B. PCN's Gênero e Ensino de Língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R (Org.). **A Prática de Linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Educ, 2000.
- BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C (Org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.
- BRASIL. **Estatuto da Juventude**. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 10 jul. 2016
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Pesquisa aponta que 17,8% das mulheres brasileiras preferem viajar sozinhas**. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2017/03/pesquisa-aponta-que-17-8-das-mulheres-brasileiras-preferem-viajar-sozinhas>>. Acesso em: 04 set. 2017.

CANAVILHAS, J. M. M. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. **Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança.** 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2017.

CANUTO, A. A. A. **(Re)visitando personagens, cenários e vozes:** nas tramas sobre o “sujeito” do feminismo no Blogueiras Feministas. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CAZELOTO, E. Ubuntu e a felicidade técnica. **Revista Galáxia**, n. 21, p. 171-175, 2011.

CIDADE, E. Em busca de experiências: o verdadeiro mochileiro é aquele já passou por vários “perrengues”. **Intratextos**, Rio de Janeiro, n. Especial 03, p. 1-16, 2012.

CORTEZ, M. B. **Maridos dominadores, esposas (in)subordinadas: as implicações do empoderamento feminino e da masculinidade hegemônica na violência conjugal.** 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Saúde) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DYNIEWICZ, L. Folha de São Paulo. **Morte de mochileiras argentinas leva a queda de vice-ministra do Equador.** 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/03/1748680-morte-de-mochileiras-argentinas-leva-a-queda-de-vice-ministra-no-equador.shtml?cmpid=newsfolha>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

EL PAÍS. La carta viral en memoria de las dos viajeras argentinas asesinadas en Ecuador. **Ayer me mataron.** 2016. Disponível em: <https://verne.elpais.com/verne/2016/03/02/articulo/1456911848_192026.html>. Acesso em: 2 ago. 2016.

FALCÃO, D. Mochilar: A arte do “Eu” por uma prática de lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2015.

FALCÃO, D. Ser mochileiro: uma constituição social e pessoal do “mochilar”. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 76-90, 2016.

FERRARA, L. A. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, E (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 1999.

FIAD, R. S.; SILVA, L. L. M. Diários de campo na prática de ensino: um gênero discursivo em construção. **Leitura: Teoria e Prática**, v. 19, n. 35, 2000.

FIGUEIREDO, S. L. **Viagens e viajantes.** São Paulo: Annablume, 2010.

FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. D. M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 7, n. 1, p. 155-188, 2004.

FIORIN, J. L. Leitura e Dialogismo. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). **Escola e Leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2010.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2008.

FREIRE FILHO, J. Mídia, Subjetividade e Poder: Construindo os Cidadãos-Consumidores do Novo Milênio. **Lugar Comum**, n. 25/26, p. 89-103, 2010.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HENRIQUES, R. M. N. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. 2014. 160 f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

MACEDO, I.; CABECINHAS, R.; MACEDO, L. Narrativas identitárias e memórias pós-coloniais: uma análise da série documental Eu Sou África. In: _____ (Org.). **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**. Minho: Lusocom, 2011. p. 173-191.

MATOS, E.B. D. A gênese da resistência nas ideias de agência de Certeau e de Habitus de Bordieu. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011, p. 1- 16.

MONTEIRO, C.; BARROS, R. Bieber Mania: do youtube ao topo da Billboard, um estudo sobre os cyberfandoms do cantor Justin Bieber. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Papers...** Caxias do Sul: INTERCOM, 2010, p.1-15.

OLIVEIRA, R. J. D. Estudo do segmento de turistas internacionais Backpackers no Brasil. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UAM, 2007. p.1-16.

OLIVEIRA, R. J. D. Turismo backpacker/mochileiro. In: TRIGO, L. G. G. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

OLIVEIRA, R. J. D. Turismo backpacker: Estudo dos viajantes internacionais no Brasil. **CULTUR - Revista de Cultura e Turismo**, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2008.

OLIVEIRA, T. M. D. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Narrativas do passado no Facebook**: consumo de temas de história e memória na fanpage "Fortaleza Nobre". 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros->

nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/narrativas-do-passado-no-facebook-consumo-de-temas-de-historia-e-memoria-na-fan-page-201cfortaleza-nobre201d>. Acesso em: 08 mai. 2017.

PALÁCIOS, M. Convergência e Memória: jornalismo, contexto e história. **Revista MATRIZES**, v. 4, n. 1, 2010.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREIRA, C. D. S.; SICILIANO, T.; ROCHA, E. “Consumo de experiência” e “experiência de consumo”: uma discussão conceitual. **Dossiê: Cotidiano e Experiência**, v. 22, n. 2, p. 6-17, 2015.

PEREIRA, S. L. Memorial do Consumo. **Temos nosso próprio tempo**: Memória, temporalidade, consumo e imaginários juvenis sobre a década de 1980. 2013. Disponível em: <<http://memorial2.espm.br/contents/103>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

PEZZI, E.; SANTOS, R. A experiência turística e o turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 7., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2012. p. 1-13.

POLLACK, M. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PONZIO, A. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Carlos Alberto Faraco, Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PORTAL TERRA. **Empreendedorismo – Turismo de experiência é novo nicho para agências de viagem**. 2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/vida-de-empresario/turismo-de-experiencia-e-novo-nicho-para-agencias-de-viagem,26cb225069859410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

ROHLING, N. A pesquisa Qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, 2014.

ROJO, R. Esferas ou campos de atividade. **Glossário Ceale**. 2017. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

ROMANO, L. A. C. Viagens e viajantes: Uma literatura de viagens contemporânea. **Estação Literária**, v. 10B, p. 33-48, 2013.

SEBRAE. **Turismo de Experiência**, 2015. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2018.

SERRA, F. A. E. 2. M. 2. Tempos de Gestão. **Conceito de Turismo**. 2015. Disponível em: <<https://www.temposdegestao.com/conceito-de/conceito-de-turismo>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Linguagem**, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2010.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

TELLES, N. Estudos Feministas. **Aventuras de uma parisiense mal-comportada**. 2011. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys19/aventureiras/norma.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

TOURAINÉ, A. **O Mundo das Mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2007. Petrópolis: Vozes, 2007.

UNIVERSIDADE DE VALÊNCIA. **Glossário**. 2017. Disponível em <<http://www.uv.es/iguaitat/GLOSARIO.pdf>> Acesso em 10 set. 2017.

VIEIRA, F. Viver nas redes a presença dos sujeitos entre as tecnologias on line e o mundo off-line. In: MARTINO, M. S.; MARQUES, A. C. S (Org.). **Teorias da comunicação: processos, desafios e limites**. São Paulo: Plêiade, 2015. p. 127-137.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1929.

YURI, D. Folha de São Paulo. **Roteiros de “turismo de experiência” têm atividades por até R\$90 mil**. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2015/04/1619576-roterios-vendem-turismo-de-experiencia-com-atividades-tipicas.shtml>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ANEXO A - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 1 (NETVIZZ)

Postagens realizadas pela viajante 1 no período de 1 de janeiro de 2016 a 01 de julho de 2016. (Relatório gerado pelo aplicativo Netvizz)

Netvizz v1.44

Getting posts between 2016-01-01T00:00:00+0000 and 2016-07-01T23:59:59+0000.

pid: 580580381956131 / until:2016-04-09T13:41:42+0000 (100,2097152)

pid: 580580381956131 / until:2015-11-24T17:29:00+0000 (99,3145728)

Retrieved data for 175 posts.

comments retrieved.

Now digging for reactions (~72359) and comments (~5208). Posts processed: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61
62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101
102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130
131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159
160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174

Download

Extracted data from 175 posts, with 10712 users liking or commenting 74258 times.

Compressing files...

page_580580381956131_2017_08_29_17_57_58.gdf
page_580580381956131_2017_08_29_17_57_58_fanspercountry.tab
page_580580381956131_2017_08_29_17_57_58_fullstats.tab
page_580580381956131_2017_08_29_17_57_58_comments.tab
page_580580381956131_2017_08_29_17_57_58_statsperday.tab

Your files have been generated. 5 files were zipped. Download the [zip archive](#).

For file descriptions, refer to the main module page and for any problems check the [FAQ](#).

ANEXO B - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 2 (NETVIZZ)

Postagens realizadas pela viajante 2 no período de 1 de janeiro de 2016 a 01 de julho de 2016. (Relatório gerado pelo aplicativo Netvizz)

Netvizz v1.44

Getting posts between 2016-01-01T00:00:00+0000 and 2016-07-01T23:59:59+0000.

pid: 451281991630129 / until:2016-02-18T00:11:35+0000 (100,2097152)

pid: 451281991630129 / until:2015-09-21T19:29:31+0000 (99,3145728)

Retrieved data for 123 posts.

comments retrieved.

Now digging for reactions (~13711) and comments (~846). Posts processed: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61
62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101
102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122

Download

Extracted data from 123 posts, with 3134 users liking or commenting 14003 times.

Compressing files...

page_451281991630129_2017_08_29_18_10_41.gdf
page_451281991630129_2017_08_29_18_10_41_fanspercountry.tab
page_451281991630129_2017_08_29_18_10_41_fullstats.tab
page_451281991630129_2017_08_29_18_10_41_comments.tab
page_451281991630129_2017_08_29_18_10_41_statsperday.tab

Your files have been generated. 5 files were zipped. Download the [zip archive](#).

For file descriptions, refer to the main module page and for any problems check the [FAQ](#).

ANEXO C - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 3 (NETVIZZ)

Postagens realizadas pela viajante 3 no período de 1 de janeiro de 2016 a 01 de julho de 2016. (Relatório gerado pelo aplicativo Netvizz)

Netvizz v1.44

Getting posts between 2016-01-01T00:00:00+0000 and 2016-07-01T23:59:59+0000.

pid: 400052156867679 / until:2016-03-10T22:35:54+0000 (100,2097152)

pid: 400052156867679 / until:2015-12-07T18:28:33+0000 (99,3407872)

Retrieved data for 177 posts.

comments retrieved.

Now digging for reactions (~8604) and comments (~935). Posts processed: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61
62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101
102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130
131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159
160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176

Download

Extracted data from 177 posts, with 1659 users liking or commenting 9070 times.

Compressing files...

page_400052156867679_2017_08_29_18_04_20.gdf
page_400052156867679_2017_08_29_18_04_20_fanspercountry.tab
page_400052156867679_2017_08_29_18_04_20_fullstats.tab
page_400052156867679_2017_08_29_18_04_20_comments.tab
page_400052156867679_2017_08_29_18_04_20_statsperday.tab

Your files have been generated. 5 files were zipped. Download the [zip archive](#).

For file descriptions, refer to the main module page and for any problems check the [FAQ](#).

ANEXO D - RELATÓRIO DE POSTAGENS DA VIAJANTE 4 (NETVIZZ)

Postagens realizadas pela viajante 4 no período de 1 de janeiro de 2016 a 01 de julho de 2016. (Relatório gerado pelo aplicativo Netvizz)

Netvizz v1.44

Getting posts between 2016-01-01T00:00:00+0000 and 2016-07-01T23:59:59+0000.

pid: 701630123284652 / until:2016-05-31T00:51:45+0000 (100,2097152)
 pid: 701630123284652 / until:2016-04-27T15:15:01+0000 (99,3145728)
 pid: 701630123284652 / until:2016-03-31T20:29:53+0000 (99,3670016)
 pid: 701630123284652 / until:2016-03-01T20:47:40+0000 (99,3932160)
 pid: 701630123284652 / until:2016-01-17T01:43:47+0000 (99,4194304)
 pid: 701630123284652 / until:2015-11-24T01:04:08+0000 (99,4456448)

Retrieved data for 536 posts.

comments retrieved.

Now digging for reactions (~79994) and comments (~3215). Posts processed: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19
 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59
 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99
 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128
 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157
 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186
 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215
 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244
 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273
 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302
 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331
 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360
 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389
 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418
 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447
 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476
 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505
 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534
 535

Download

ANEXO E - CARTA EM HOMENAGEM ÀS JOVENS VIAJANTES ASSASSINADAS EM MONTANITA (EQUADOR) - VERSÃO EM ESPANHOL

Ayer me mataron

por **Guadalupe Acosta**

Ayer me mataron. Me negué a que me tocaran y con un palo me reventaron el cráneo. Me metieron una cuchillada y dejaron que muera desangrada. Cual desperdicio me metieron a una bolsa de polietileno negro, enrollada con cinta de embalar y fui arrojada a una playa, donde horas más tarde me encontraron. Pero peor que la muerte, fue la humillación que vino después. Desde el momento que tuvieron mi cuerpo inerte nadie se preguntó donde estaba el hijo de puta que acabo con mis sueños, mis esperanzas, mi vida. No, más bien empezaron a hacerme preguntas inútiles. A mi, ¿Se imaginan? una muerta, que no puede hablar, que no puede defenderse.

¿Qué ropa tenías? ¿Por qué andabas sola? ¿Cómo una mujer va a viajar sin compañía? Te metiste en un barrio peligroso, ¿Qué esperabas? Cuestionaron a mis padres, por darme alas, por dejar que sea independiente, como cualquier ser humano. Les dijeron que seguro andábamos drogadas y lo buscamos, que algo hicimos, que ellos deberían habernos tenido vigiladas.

Y solo muerta entendí que no, que para el mundo yo no soy igual a un hombre. Que morir fue mi culpa, que siempre va a ser. Mientras que si el titular rezaba fueron muertos dos jóvenes viajeros la gente estaría comentando sus condolencias y con su falso e hipócrita discurso de doble moral pedirían pena mayor para los asesinos.

Pero al ser mujer, se minimiza. Se vuelve menos grave, porque claro, yo me lo busqué. Haciendo lo que yo quería encontré mi merecido por

no ser sumisa, por no querer quedarme en mi casa, por invertir mi propio dinero en mis sueños. Por eso y mucho más, me condenaron.

Y me apené, porque yo ya no estoy acá. Pero vos si estas. Y sos mujer. Y tenes que bancarte que te sigan restregando el mismo discurso de "hacerte respetar", de que es tu culpa que te griten que te quieran tocar/lamer/ chupar alguno de tus genitales en la calle por llevar un short con 40 grados de calor, de que vos si viajas sola sos una "loca" y muy seguramente si te paso algo, si pisotearon tus derechos, vos te lo buscaste.

Te pido que por mí y por todas las mujeres a quienes nos callaron, nos silenciaron, nos cagaron la vida y los sueños, levantes la voz. Vamos a pelear, yo a tu lado, en espíritu, y te prometo que un día vamos a ser tantas, que no existirán la cantidad de bolsas suficientes para callarnos a todas.

**ANEXO F - CARTA EM HOMENAGEM ÀS JOVENS VIAJANTES ASSASSINADAS
EM MONTANITA (EQUADOR) - VERSÃO EM PORTUGUÊS**

Ontem me mataram

por **Guadalupe Acosta**

Ontem eles me mataram. Eu me recusei a ser tocada e com um bastão explodiram meu crânio. Eles me apunhalaram e me deixaram morta sangrando. Que desperdício eles me colocaram em uma bolsa de polietileno preto, enrolada com fita adesiva e fui atirada para uma praia, onde horas mais tarde me encontraram. Mas pior do que a morte, foi a humilhação que veio depois. Desde o momento em que encontraram meu corpo, ninguém se perguntou onde estava o filho da puta que acabou com meus sonhos, minhas esperanças, minha vida. Não; eles começaram a fazer perguntas inúteis para mim, você imagina? Uma mulher morta, que não pode falar, que não pode se defender.

O que você vestiu? Por que você andava sozinha? Como uma mulher pode viajar sem companhia? Você entrou em um bairro perigoso, o que esperava? Eles questionaram meus pais, por me dar asas, por me deixarem independentes, como qualquer ser humano. Eles nos disseram que nós fomos drogadas, que nós procuramos, que fizemos algo, que eles deveriam estar nos observando.

E, apenas morta, entendi que para o mundo eu não sou igual a um homem. A morte foi minha culpa, sempre será. Considerando que se tivessem morrido dois jovens viajantes, as pessoas estariam comentando suas condolências e, com seu falso e hipócrita discurso de duplo padrão, pediriam maior pena para os assassinos. Mas, sendo uma mulher, é minimizada. Torna-se menos grave, porque, claro, procurei por ele. Fazendo o que eu

queria, encontrei meu merecido. Por não ser submissa, não querendo ficar na minha casa, para investir meu próprio dinheiro em meus sonhos. Por isso e muito mais, eles me condenaram.

E fiquei triste porque não estou mais aqui. Mas você está e você é uma mulher. E você tem que bancar que você continua propagando o mesmo discurso de "se fazer respeitar", que é culpa sua que eles querem tocar / lamber / sugar um dos seus órgãos genitais na rua, por você vestir um short em um calor de 40 graus. Que se você viajar sozinha, você é uma "louca" e com muita certeza se algo aconteceu com você, se você pisoteou seus direitos, você procurou por isso.

Afirmo, para mim e para todas as mulheres, que fomos silenciadas, eles nos silenciaram, estragaram nossas vidas e nossos sonhos. Vamos lutar, estou ao seu lado, em espírito, e prometo que um dia seremos tantas, que não haverá bolsas suficientes para nos silenciar.